This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha

TRICENTENARIO DE SUA PRIMEIRA EDIÇÃO

SESSÃO COMMEMORATIVA

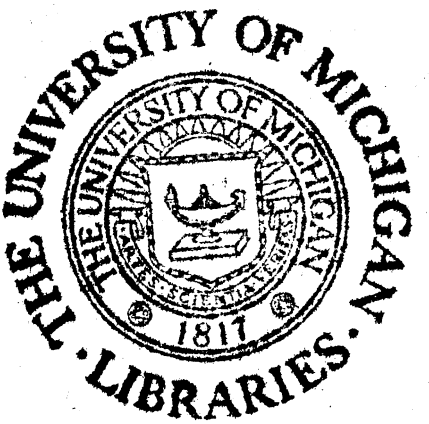
PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 9 DE MAIO DE 1905

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia
1905

Hosted by Google



Hosted by Google

El Ingenioso Hidalgo
Don Quijote de la Mancha

TRICENTENARIO DE SUA PRIMEIRA EDIÇÃO

Hosted by Google

Hosted by Google

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha

TRICENTENARIO DE SUA PRIMEIRA EDIÇÃO

SESSÃO COMMEMORATIVA

PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 9 DE MAIO DE 1905

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia
1905

Hosted by Google

GRAD
868
C42d0
A17

Hosted by Google

GI
Glaser
1-23-95

EXCERPTOS DAS ACTAS

Hosted by Google

Hosted by Google

EXCERPTOS DAS ACTAS

DAS

ASSEMBLÉAS GERAES DA ACADEMIA

De 3 e 9 de fevereiro e 4 de maio de 1905

Sessão ordinaria de 3 de fevereiro de 1905

O sr. Henrique Lopes de Mendonça lê e manda para a mesa a seguinte proposta:

SENHOR PRESIDENTE,

MEUS ILLUSTRES CONFRADES:

Por mais que as refregas da politica arremessem atravez das fronteiras germens peçonhentos da discordia, uma aura suave de pacificação irradia perennemente das grandes obras primas do espirito. Ha o que quer que seja de augusto, que se impõe á veneração assombrada dos povos, na voz do genio que desperta as almas para a contemplação da eterna Belleza, por elle evocada dos fundos mysteriosos da Natureza e da Vida. Roma conquistadora e orgulhosa ajoelhou de puro assombro ante as maravilhas que se lhe deparavam no solo sagrado da Grecia subjugada. O gladio tremeu na mão dos guerreiros. Os vencedores foram vencidos.

Hoje ainda, mais que ás contingencias da politica internacional, deve a Grecia a sua existencia independente ás grandiosas tradições, dezenas de vezes seculares, que firmaram o seu nome com um cunho divino na memoria dos homens. O valor de Canaris e de Botzaris, o patriotismo de Capo d'Istria e Maurocordato, são factores secundarios na resurreição da nacionalidade hellenica. Foram os nomes de Homero e de Eschilo, de Phidias e Praxiteles,

Hosted by Google

que serviram de guiões para que a Europa se congregasse em volta do punhado de heroes, empenhados na lucta ingente contra o poderio da Turquia.

O Genio constitue de per si uma religião, mais duravel e expansiva que todas as religiões da Humanidade. São as Academias os templos em que officialmente se professa o seu culto. A ellas cumpre alimentar esse fervor benefico, do qual irradia um fluxo de paz e de fraternidade universal. É dever d'estas corporações não desperdiçar quaesquer ensejos que se offereçam para affirmar a sua devoção aos grandes luminares da Sciencia e da Arte que deslumbraram o mundo. Este pensamento me leva a chamar a attenção dos meus insignes confrades para o glorioso centenario que a nação visinha em breve celebra.

Tres seculos se perfazem, depois que em pessimo papel, deploravelmente impressa, sahiu dos prelos a primeira parte d'essa colossal obra prima chamada *D. Quixote de la Mancha*. Aos cincoenta e oito annos de edade, um homem, mutilado no serviço da patria, cançado dos revezes da fortuna, com os braços vincados das algemas mouriscas e os olhos obscurecidos pelas grades dos carceres christãos, havendo espalhado a eito o talento e o engenho por todos os campos da litteratura e por todas as vicissitudes da vida, arrojou á face da humanidade esse espelho admiravel, onde ella se reflecte no seu duplo aspecto, sonhador e idealista, sobre o dorso esqueletico do Rocinante, egoista e prosaico entre os pandos alforges do jumento russo. Esse livro maravilhoso, é pretensão fatua encarecel-o perante um auditorio de eruditos e pensadores, que n'elle teem encontrado sobejos motivos de meditação, ao mesmo tempo que, em todo o mundo civilisado, os mais tacanhos espiritos o acolhem alvoroçados, como fonte inextinguivel de riso. Não do riso boçal e perverso que lisonjeia os mais grosseiros instinctos, mas d'esse riso salutar e franco, a que não raro se misturam lagrimas. Porque não ha porventura no mundo livro sobre o qual haja pousado maior numero de olhos humanos, nem que mais corações tenha feito palpitar de alegria ou de magua. Para todas as edades, para todas as condições é elle, como para todas as raças, tão universal e verdadeiro é o seu fundo de humanidade, tão communicativa é a sua graça, tanto mergulham as almas na corrente de melancholia que sob ella se alastra.

Para todas as raças, sim. Mas fóra do territorio natal nenhum povo o comprehende e sente melhor do que o povo portuguez. Affinidades de temperamento e de vida social o impõem mais particularmente á nossa sympathia; conformidade gemea de linguagem

Hosted by Google

o põe em communicação mais intima com o nosso espirito. Tem-se affirmado geralmente que a obra de Cervantes é, na integridade da sua expressão plastica, insusceptivel de reproducção em outro qualquer idioma. A asserção carece em grande parte de fundamento, pelo que respeita á lingua portugueza. Ahi está, para confirmar esta excepção, a admiravel versão de Castilho. A opulencia de locuções, de modismos, de adagios, de expressões pittorescas, de encantadores e vigorosos plebeismos, embaça e desbota na transplantação para qualquer idioma menos affim do castelhano. Só no portuguez esse livro mantem o brilho e o colorido nativos, só para boccas portuguezas a graça exuberante de Sancho Pança se transmitte quasi intacta, como as soberbas apostrophes do insano e generoso cavalleiro, como finalmente todo o energico e familiar dialogo que constitue a trama principal da obra prima castelhana.

Mas, quando isto não bastasse para acendrar o nosso culto, recordemos as affinidades estreitas que unem os dois maiores genios da Peninsula. Ocioso é relembrar o parallelo, tantas vezes repetido, entre as biographias de Camões e de Cervantes. O que importa accentuar é o intimo parentesco das obras primas que esses dois genios patentearam ao assombro das gentes. Os *Lusiadas*, a ultima epopeia, cerram um cyclo litterario, e quasi ouso dizer um cyclo social, da Humanidade. O *D. Quixote*, a primeira novella dos tempos modernos, como que abre um periodo novo na Historia. É certo que, depois dos *Lusiadas*, houve quem traçasse as bellas estrophes da *Jerusalem Libertada*, quem escrevesse os versos admiraveis do *Paraiso Perdido*. Mas esses poemas, inspirados pelo sentimento religioso, apoiados em tradições remotas, só indirectamente consubstanciam o pensar do seu tempo. Tambem, antes do *D. Quixote*, a propria Hespanha tinha produzido a novella picaresca, e o espirito gaulez já se deliciava nas escabrosas facecias de Gargantua e Pantagruel. Mas o alcance philosophico da novella só bem o mediu o espirito sagaz e eminente de Cervantes.

Pela obra do grande hespanhol perpassa, mal disfarçado pela corrente de ironia, toda á superficie, o mesmo sopro epico que amplifica as deslumbrantes estancias do grande portuguez. D. Quixote é a personificação, a um tempo grandiosa e burlesca, d'esses espantosos aventureiros que transformaram o globo. Ha n'elle, sob a esplendida loucura, algo do austero mysticismo de Nun'Alvares, do cavalheirismo heroico do Magriço, da arrogancia impetuosa de Fernão Velloso, da namorada eloquencia de Leonardo. É o espirito idealista da Edade Media, cuja derradeira e definitiva conce-

Hosted by Google

pção produziu os *Lusiadas,* em conflicto com o utilitarismo nascente. É o Prometheu de um sonho millenario, amarrado á rocha tosca da Realidade.

Se alguma coisa tem de imperfeito esse livro delicioso—atrevo-me a dizel-o da minha obscuridade—é vêr o phantasma luminoso do Ideal dissipar-se deante dos olhos, prestes a cerrarem-se para sempre, do moribundo cavalleiro andante. A sua loucura tocante e generosa devia persistir até ao extremo. D. Quixote devera morrer abraçado ás suas brilhantes chimeras, como um quarto de seculo antes expirara Luiz de Camões, abraçado ao cadaver da Patria.

Esse leve senão—que porventura o é apenas para o meu espirito—não empana o esplendor d'essa obra prima. Urge que todos a exaltemos como uma das mais extraordinarias manifestações artisticas que, a par dos *Lusiadas*, tem produzido o genio peninsular.

Por isso tenho a honra de vos apresentar a seguinte

Proposta

Proponho que a Academia Real das Sciencias celebre o terceiro centenario da publicação do *D. Quixote* n'uma sessão solemne, preenchida por discursos proferidos pelos academicos que a essa consagração queiram associar-se, encarando sob varios pontos de vista a obra prima da litteratura hespanhola;

que n'essa sessão se dê um logar de honra ao representante official da Hespanha n'esta côrte;

que essa sessão se realize ainda no presente anno academico, se a isso acceder o nosso augusto Presidente, attendendo a que a forçada brevidade dos discursos permitte aos oradores elaboral-os n'um praso relativamente curto;

que se adoptem quaesquer outras medidas, tendentes á consagração d'esse facto glorioso, que durante a discussão d'esta proposta possam occorrer aos meus confrades e merecerem a approvação da Academia.

Sala das sessões da Academia Real das Sciencias, 3 de fevereiro de 1905.

O socio effectivo,

Henrique Lopes de Mendonça.

Hosted by Google

Posta em discussão a proposta do sr. Lopes de Mendonça, e sendo esta unanimemente approvada, delibera-se que, para o fim de definir o modo de lhe dar execução, seja extraordinariamente convocada a Assembléa Geral para se reunir na proxima quinta feira, 9 de fevereiro.

Por indicação do Secretario geral egualmente se resolve que um exemplar da proposta, para esse effeito impressa, acompanhe cada um dos avisos convocatorios da proxima reunião.

Sessão extraordinaria de 9 de fevereiro

Entra-se na discussão do assumpto dado para ordem da noite: Proposta do sr. Lopes de Mendonça relativa á participação da Academia na celebração do terceiro centenario da primeira edição do *D. Quijote*.

Para os effeitos da votação é dividida a proposta em duas partes:

1.ª Deve ou não deve a Academia celebrar a data gloriosa de que se trata?

2.ª Qual o meio de effectuar essa commemoração?

Emquanto á primeira parte delibera-se por unanimidade que a Academia Real das Sciencias de Lisboa se associe ás academias e sociedades sabias de Hespanha na celebração solemne do jubi-

Hosted by Google

leu de Miguel Cervantes. Emquanto á segunda parte determina-se, de commum accordo e por unanimidade de votos, que a Academia celebre o jubileu cervantino por meio de uma sessão solemne, á qual será convidado a presidir Sua Majestade El-Rei, fazendo-se na dita sessão a leitura de um ou de mais de um elogio do grande escriptor hespanhol.

Egualmente se resolve que para esta sessão seja especialmente convidado o representante diplomatico de Hespanha em Lisboa, o sr. Conde de la Viñaza, illustre escriptor e academico de numero da Real Academia Española.

Por ultimo se estabelece que os membros da mesa da Assembléa Geral, reunidos aos da mesa da Segunda Classe, juntamente com o sr. Lopes de Mendonça, auctor da proposta discutida, e o administrador da Typographia da Academia, desde já se considerem constituidos em commissão para dar cumprimento ás resoluções da assembléa, delineando o programma da sessão solemne, que será celebrada no proximo mez de maio, em um dos tres dias designados em Madrid para as festas do centenario.

Hosted by Google

Sessão ordinaria de 4 de maio

O Presidente annuncia que Sua Majestade El-Rei designou a noite de terça feira proxima, 9 do corrente mez de maio, para celebração da sessão solemne commemorativa do terceiro centenario da primeira edição da obra de Cervantes: *El ingenioso hidalgo D. Quijote de la Mancha.*

Sua Majestade a Rainha e Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso dignam-se de assistir á sessão presidida por Sua Magestade El-Rei.

Acham-se inscriptos para discursar ácerca de Cervantes e da sua obra os academicos srs. José de Sousa Monteiro, Henrique Lopes de Mendonça, Zofimo Consiglieri Pedroso, Christovam Ayres, Francisco Teixeira de Queiroz e Conde de la Viñaza.

Hosted by Google

Hosted by Google

DISCURSOS

Hosted by Google

Hosted by Google

ALLOCUÇÃO

DO

VICE-PRESIDENTE

VIRGILIO MACHADO

SENHORES:

Querem Sua Majestade El-Rei, nosso Augusto Presidente, Sua Majestade a Rainha e Sua Alteza o Senhor Infante Duque do Porto engrandecer, com a sua honrosa presença, o brilho da nossa festa litteraria.

Se por tal modo affirmam a sua sympathia pela commemoração hoje realizada, ao mesmo tempo e mais uma vez testemunham a sua consideração por esta Academia.

Com o maior respeito protesta a nossa corporação o seu reconhecimento pela elevada distincção que lhe é assim conferida por Suas Majestades e Alteza.

Dentro de poucas horas irão porventura as vozes aqui proferidas encontrar-se com os echos, ainda mal extinctos, dos brilhantes festejos que o mesmo facto solemnisam, na fidalga e gloriosa na-

Hosted by Google

ção, onde teve o seu berço o genial auctor do *D. Quixote;* mas se a noticia da enthusiastica homenagem, com vivo jubilo aqui celebrada, já de prompto não chegar tão longe, licito nos seja o desejo de que se torne interprete dos nossos sentimentos de confraternidade intellectual, para com a patria de Cervantes, o muito illustre academico que tão brilhante e nobremente representa, entre nós, a Hespanha politica e a Hespanha intellectual.

*
* *

Tres seculos não bastaram ainda, e acanhado periodo foi este, para que já tivessem podido ser comprehendidas e admiradas, na sua completa valia, todas as bellezas do precioso thezouro intellectual cuja apparição no mundo das lettras hoje commemoramos festivamente.

Succedem-se numerosas gerações e com cada uma d'ellas e no andar dos tempos mais se accentúa e avigora o culto pela grandiosa epopéa.

E cresce o assombro produzido pelo fabrico de tão maravilhoso escripto, e vão-se avolumando os seus creditos, á medida que novos e mais perspicazes commentadores interpretam os seus famosos capitulos.

Biblia da Humanidade, como já merecidamente foi denominada, em que a pureza dos sentimentos e a nobreza das intenções podem, entre si, discutir

Hosted by Google

a qual das duas mais largo quinhão pertenceu na architectura de tão grandioso monumento.

Trabalho gigantesco, em que os mais severos juizos da critica podem exaltar, com fervorosos e justos louvores, a arte superior, a estructura bella, a sublimidade dos pensamentos, os primores da linguagem e os encantos da poesia «essa alchimia de tal virtude que quem a sabe tratar a volve em oiro de inestimavel preço».

Opulento repositorio de originalissimas creações, attestando a monstruosa fertilidade de imaginação que caracterisa a epopéa cervantina, onde surgem a cada passo as mais engenhosas fabulas ou as scenas mais burlescas, descriptas com humorismo simples e encantador, e onde tambem refulgem, a disputar primasias de valimento, as mais artificiosas ironias e as mais espirituosas satiras das fraquezas e aberrações humanas, com tal arte e tanta delicadeza analysadas e descriptas, que mais inspiram o amor e a compaixão do objecto do que a sua depreciação, e mais provocam lagrimas de enternecimento do que risos de escarneo.

E que primorosa analyse da psychologia humana, na sua normalidade e nas suas aberrações! Paginas encantadoras, como não ha outras, onde de mistura com as mais engenhosas ficções se desenha, com vivo colorido, o arrojo, a temeridade e a audacia.

Quem poderá reproduzir, excedendo-lhes os encantos, esses incomparaveis capitulos, onde se

Hosted by Google

exemplificam, com tanta verdade e brilho, o idealismo, o platonismo, a bondade, a simplicidade, o mysticismo e a credulidade?!

E não me refiro sómente ao supremo valor litterario d'esses preciosos trechos.

No seu fabrico, revela Cervantes superiores qualidades de um espirito scientifico, educado nos processos de estudo e de subtil analyse.

Demonstra-as a cada momento. E se provas fosse necessario adduzir, para este asserto, bastaria citar a commovente novella do *Curioso impertinente,* com justa razão considerada um soberbo capitulo da psychologia pathologica, como o seu auctor muito propositadamente o accentúa.

E se estas considerações muito ao de leve e despretenciosamente enuncio é porque, a meu vêr, ainda não tem sido demonstrado e proclamado sufficientemente *todo* o valimento scientifico da obra monumental de Cervantes.

Pesada e difficil empreza e que faria a honra e gloria de quem a pudesse tentar com exito.

Talvez quem se abalisasse a tão grandioso emprehendimento pudesse certificar-se de que o incomparavel merito da obra cervantina, como estudo de analyse psychologica, derivou, e auctorisados criticos assim o affirmam, de ter sido sentido pelo auctor personificado pelo *Cavalleiro da triste figura* tudo quanto alli está escripto, e este seria o motivo da sua naturalidade tão verdadeiramente humana.

Hosted by Google

*
* *

Consagremos um solemne tributo de admiração ao assombroso valor litterario, artistico e scientifico da genial epopéa cervantina, celebremos os nobilissimos intuitos que determinaram a sua publicação e as ferteis consequencias sociaes que lhe succederam, e finalmente assignalemos a larga influencia exercida pela obra de Cervantes na evolução litteraria dentro do seu paiz e até bem longe das suas fronteiras.

A eloquencia sempre brilhante dos distinctos oradores que tomam parte n'esta solemne festa da Academia ha de esmaltar, com joias litterarias da mais subida valia, a lucida exposição dos themas escolhidos para seus discursos.

E estou bem certo de que ficarão assim muito calorosa e nobremente affirmados os sentimentos de religiosa veneração, intimo affecto e fervoroso enthusiasmo com que na patria de Camões, glorioso irmão de Cervantes nos talentos e nos infortunios, foi celebrado o tricentenario da publicação do *D. Quixote*.

Hosted by Google

Hosted by Google

ÁCERCA DA GLORIOSA NOVELLA

DO

ENGENHOSO FIDALGO

D. QUIXOTE DE LA MANCHA

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Estava o rei Filippe III n'um balcão do seu palacio de Madrid e viu, junto do Manzanares, um estudante lendo um livro com grandes mostras de contentamento. Interrompia a leitura com palmadas na testa, apertava as ilhargas para não rebentar de riso. Attentando n'isto, o rei disse para os que o cercavam: aquelle estudante ou está louco ou lê a historia de D. Quixote. Foi-se logo averiguar o que seria e voltaram a informar o monarcha de que era realmente a leitura das aventuras do heroe manchego que assim punha em deleitoso estado os nervos do estudante. Mas do que se esqueceram foi de recordar o nome do auctor da hilariante novella, que era um velho carregado de annos e desditas...—São estas queixosas palavras do proprio Cervantes e mal elle calculava que a celebridade da sua obra devia ser tal que de

Hosted by Google

certo modo lhe empannaria o nome. Hoje celebramos aqui o terceiro centenario do nascimento de D. Quixote e quantas pessoas se lembrarão do anno em que nasceu Miguel Cervantes?! É muito digno de nota que o nome da obra se anteponha ao do seu creador e n'isto se vê a parte que o *Inconsciente* tem em todas as acções humanas e a influencia anonyma das gerações no renome de um livro. Vae-se lendo o livro e transmitte-se ao futuro o parecer applauditivo; o futuro engrandece a sagrada herança, accrescentando-a. É um operar lento, mas duradouro, como o d'essas montanhas que se ergueram por uma força occulta do seio da terra:—todos as vêem e admiram, sem pensar no modo como se formaram.

Mas o que é este romance celeberrimo, merecedor do culto de tres seculos? Em que consiste esta obra de entreter, que todo o mundo tem admirado, especialmente a Inglaterra, a patria do romance critico, tomando-a o seu Fielding para modelo que imitou?

O D. Quixote, como familiarmente se denomina a novella de Miguel Cervantes, é a historia de um individuo que n'uma linda manhã de julho sae pela porta falsa de um curral, montado n'um cavallo magro, vestido de maneira desusada, á procura de aventuras andantes pelos campos de Montiel, que elle conhecia e amava. Armou-o cavalleiro o dono de uma taberna e é deliciosa e encantadora essa memoravel noite em que elle velou as suas

Hosted by Google

armas junto de um poço. A Tolosa, filha de um remendão de Toledo, cinge-lhe a espada invencivel; a Mulinera, filha de um moleiro de Antequera, calça-lhe a espora de oiro. Assim preparado, a armadura luzente atada com cordeis, a viseira de papelão levantada para se lhe vêr o rosto fero, a enorme lança erguida, montado no seu adoravel Rocinante, dirige-se primeiro a porto Lapice, onde poderá metter em aventuras as mãos até aos cotovellos. Associa á collossal empreza um individuo interesseiro, mas paciente, Sancho Pança, que, resmungando sempre, compartilhará da sua sorte, feliz ou adversa; feliz, porque Sancho não é homem para se aguentar muito tempo em adversidade. Mas quaes são as aventuras que imagina este louco de um ideal, montado n'um cavallo cheio de fome, acompanhado por um escudeiro cheio de gula?! Soldado do resumido exercito da justiça, presentindo que no mundo triumpha a protervia, a força que esmaga a fraqueza, a calumnia que opprime a verdade, vae a concertar os malavindos, a soccorrer donzellas desprotegidas, a instituir o impeccavel direito, a vencer gigantes malfeitores, ferindo batalhas nunca vistas. Elle é a flôr da cavallaria andante, a honra da sua familia, a luz resplendente das armas, a gloria da Mancha, o espelho da nação hespanhola! Mais liberal e mais valente do que Alexandre, não hesitará em frente dos perigos, repellirá todas as affrontas, calcará todos os despotas. Enamorado sublime da formosura, organisa-

Hosted by Google

dor do bem, açoite de ruins, implacavel inimigo de perversos tem os seus olhos e o seu pensamento na sonhada Dulcinea. O seu brio, a sua fé e honradez são inquebrantaveis. Sae-lhe a palavra energica e serena como da bocca sagrada de um evangelista; tudo que affirma e promette cumpre-o atravez de todos os perigos e ciladas, offerecendo a vida com um sorriso de innocencia nos labios. A sua castidade, que era soberano preceito, expol-o a chascos, que supportou com inflexivel bondade, no caso da apaixonada Altisidora, que lhe cantava endeixas debaixo da janella.

Disse o sublime Renan, aquelle que sobre a Acrópole de Athenas pensou uma das paginas mais inspiradas que o genio humano tem produzido ácerca da belleza, que a formosura vale tanto como a virtude. Pois D. Quixote, com o seu braço mirrado e heroico, defendeu a formosura e a virtude. Aquella que na poesia tem o nome de Dulcinea de Toboso, e que na região da Mancha, onde se chamava Aldonsa Lourenço, deixou fama de ter a mão mais experiente e certeira para salgar porcos, é a ideal belleza para o nosso heroe. Tudo lhe dedica: façanhas, pensamentos e suspiros do seu coração. Quanto a ella pertença sublima-o; a sua modesta casa de lavradeira transforma-a em palacio encantado; as creadas que a ajudam na labuta diaria devem ser donzellas cobertas de sedas e joias; o trigo, que o lorpa de Sancho lhe viu escrivar, por certo encobre perolas e aljofares. Foi sempre assim este

Hosted by Google

creador de magnificencias: os moinhos de vento, que atacou e venceu, conhece no impeto do combate serem gigantes; gigantes eram os odres de vinho a quem cortou as cabeças vertendo-lhes o copioso sangue pela terra; taberna em que se albergue, para descançar de aturadas fadigas, disfarça famosa alcaçova; os rebanhos de carneiros e ovelhas percebidos entre nuvens de poeira, que poderiam representar senão os exercitos inimigos do imperador Alifanfaron e do rei Garamantas, que vinham defrontar-se em aspera batalha?! D. Quixote confirma-o pelejando denodadamente n'essa contenda, de que resultou ficarem sobre a terra sete rezes mortas, que representavam outros tantos cadaveres de capitães vencidos. O seu aspecto, quando se preparava para entrar em lucta, era tão severo que leões africanos, ao verem-lh'o, se acobardaram de sahir da jaula, pelo que tomou o cognome de Cavalleiro dos Leões, em vez do de Cavalleiro da Triste Figura, que usava.

Este imaginativo vê tudo commum e ordinario com os olhos do seu corpo; mas com os olhos da phantasia vê tudo sublime. Elle bem sabe que todos os enganos são obra de endiabrados encantadores, que teem artes de lhe transmudarem a sempar Dulcinea, typo de incomparavel formosura, n'uma trivial e desgeitosa camponeza. Esses astuciosos inimigos, com o seu maligno poder, envenenaram a existencia d'aquelle que era da estirpe dos Amadís de Gaula, dos Palmeirins de Inglaterra,

Hosted by Google

dos Florimartes de Hircania, dando-lhe para combater, em vez de authenticos gigantes e cavalleiros, homens vis e forçudos, como o biscainho e o arrieiro da Maritornes, que o esmurraçaram indignamente. Tornaram-lhe a vida n'um flagello e n'um opprobrio! Da sua primeira sahida fazem-no voltar á sua aldeia, ignominiosamente, n'um burro emprestado e com as costellas moidas; da segunda enjaulado sobre um carro de bois como qualquer animal perigoso. Mas ainda assim não esmorece a sua fé e o seu denodo; prepara-se para a terceira jornada, não menos gloriosa do que as antecedentes, e até accrescentada com a fama das suas façanhas, que por toda a parte lhe apparece em applausos e felicitações. Sentia-se admirado e celebre, era universalmente requerida a protecção do seu potente braço, caminhava com o enthusiasmo dos primeiros dias para o heroismo e para o triumpho, a defender os opprimidos, a exaltar a virtude e a belleza, a combater pela absoluta justiça. É uma verdadeira apotheose esta sua vida e o louco diz verdades sublimes n'um sentimento de inspirado. Com a mão cheia de avellãs, a uns pastores da Serra Morena, que lhe dão ceia e agasalho, préga um encantador e ingenuo socialismo, descrevendo as primitivas edades, em que se suppõem que não havia o dolo e a mentira, em que era desconhecido o egoismo do *teu* e do *meu*. Deleitosa existencia! A lei barbara dos encarceramentos ainda não tinha tomado assento na intelligencia dos julgadores, a

Hosted by Google

justiça cumpria-se com simplicidade, os fructos expontaneos e a agua das fontes bastavam para matar a fome e a sêde, a lã das ovelhas e as pelles para cobrir a nudez. A lei humilhante do trabalho salariado não tinha creado o espirito de revolta. Deliciosa existencia! Cervantes pela bocca de D. Quixote é um Campanella, um Fourier, prégando a paz e a harmonia entre os homens, com os olhos fixos na desejada ventura. Quando Marcella, a pastora homicida por quem morrera Christovam, interroga o cavalleiro andante ácerca da sua amada, elle responde-lhe fallando com enthusiasmo da que é o limite da formosura, o remate da discreção, archivo dos melhores donaires, deposito de honestidade: Sei dizer que seu nome é Dulcinea; sua terra Toboso; que, pelo menos, ha de ser princeza e rainha, senhora minha; sua belleza é sobrehumana; os seus cabellos de oiro; sua fronte campos elyseos; as sobrancelhas arcos celestes; os olhos dois soes; as maçãs do rosto são rosas; os labios de coral; os dentes perolas; o collo alabastrino; o peito marmoreo; as mãos de marfim; a pelle branca como a neve. . .— Estas imagens ingenuas, que, no tocante ao descriptivo de rostos femininos, tem alimentado muita poesia durante tres seculos, D. Quixote produl-as com vigor, mas sem emphase.

Numerosos se contam os actos de nobre proceder e agudeza de espirito do nosso heroe. Libertando das unhas dos officiaes da justiça, que os

Hosted by Google

guiavam presos, uma leva de forçados, justifica-se dizendo que procede assim por não confiar na *retorcida intelligencia dos juizes,* e que lhe parece duro vêr reduzidos á escravidão homens que Deus e a natureza crearam livres. . . — No momento em que escrevia isto, que idéas de angustia não passariam no espirito de Cervantes se se lembrava das suas prisões?! Nas longas praticas de D. Quixote ácerca da vida do estudante e do soldado, do que valem as lettras, do que valem as armas e do que vale a fidalguia, ha ponderações graves que não são de homem desassisado. Por isso o judicioso Saint-Evremont diz que Cervantes se tornou celebre fazendo fallar um louco.

As aventuras do engenhoso fidalgo da Mancha são interessantissimas e mereceriam especial registo se não fôra a curteza do tempo. Apontaremos apenas a dos zurradores, pela agudeza e applicação que lhe encontramos: Um homem perdera um burro e um seu compadre aconselhou-o que para o encontrar o reclamasse na lingua natural do burro. Offereceu-se para o ajudar e por isso se ensaiaram ambos proveitosamente na arte de zurrar. Quando se julgaram mestres entraram, cada um por lado differente, no bosque onde o animal se escondera. Principiaram a zurrar alternados com alma e coração, chegando-se um para o outro, e só quando se encontraram frente a frente é que reconheceram que entre ambos tinham dialogado. Pouco depois depararam com os ossos do

Hosted by Google

misero jumento, que estava sendo devorado pelos lobos emquanto elles zurravam. Que de homens andam assim na vida a gritar pelo bem commum ou pelo seu interesse, mas o fazem com tanto engano e desgeito que deixam devorar pelos lobos aquillo que desejam proteger!...

O fiel, dedicado e incondicional companheiro do heroe manchego não é Sancho, o seu escudeiro, mas sim Rocinante, o seu cavallo. Nada mais soffredor, quieto e paciente. Escanzelado, cheio de fome, os ossos a furarem-lhe a pelle, não afrouxou um só momento o seu animo e intrepidez se a espora de D. Quixote o incitava ao combate. Parecia até que o cavalleiro tinha o magico poder de transmittir a força da sua alma heroica ao animal em que montava e que este comprehendia o sublime ideal para onde ambos caminhavam. Por maior que fosse a fome e a sêde, Rocinante não teve um desfallecimento, nunca mostrou má vontade, não voltou uma só vez inopportunamente a cabeça para uma febra de herva ou para uma poça de agua ainda que a voz do organismo o aguilhoasse com energia. Primeiro estava o destino, primeiro a gloria de seu dono. Não fazia vulto, accommodava-se em qualquer parte. Era mansissimo e de grande utilidade: uma vez serviu de anteparo ás pedradas que uns malvados atiraram a D. Quixote; de outra serviu-lhe de supporte quando a grosseira Maritornes, combinada com a filha do vendeiro, o penduraram de uma fresta, prendendo-lhe

Hosted by Google

o pulso com o cabresto do Russo, tendo-o attrahido primeiro (o eterno amoroso!) com doces vozes femininas! Só uma falta commetteu este genio da submissão e da lealdade — só uma! Foi quando solto e descilhado, n'um verde prado, entre escarpas da Serra Morena, viu uma manada de gordas e bonitas eguas pastando. Que saudades lhe não viriam! Ha quanto tempo, enredado como se via em aventuras maravilhosas, se não encontraria n'uma tão boa sociedade de semelhantes! Correu para as eguas doido e alegre como um poldro; mas ellas, esquivas e descortezes, receberam-no com beijos de ferraduras, emquanto os yanguezes, seus donos, espancavam o cavalleiro e o seu creado. D. Quixote soffreu com isto tamanho desgosto que disse, moido de pauladas: nunca tal suppuz de Rocinante, pois o tinha na conta de pacifico e casto como eu.

Sancho e o seu Russo formam tambem uma unidade; são dois corpos com a mesma alma bipartida. Sancho é ardiloso, mentiroso, burlão, egoista, lambareiro, sempre dominado pela ambição de riquezas materiaes, desejando adquirir o governo de uma ilha para se locupletar, para não fazer nada, dormir ocioso e atulhar o amplo ventre de coisas boas. É baixo, gordo, cara soez, pernas curtas e barriga de bicho. Tem olho redondo e esperto; riso alvar, porém malicioso; coça na cabeça para illudir as respostas. É grulha, um reportorio de anexins; contradiz seu amo no seu ideal generoso,

Hosted by Google

porfia em trazel-o á boa razão dos interesses materiaes, em o baixar do céo em que vive para a terra onde deve existir o governo que lhe promettera ao partirem da sua aldeia. D. Quixote impacienta-se frequentemente com tão vulgar creatura e reprehende-o: «Já te disse muitas vezes, Sancho, que fallas muito, e ainda que sejas rombo de intelligencia argumentas como esperto.» Elle mesmo define a sua alma ordinaria: «É verdade que sou algo malicioso, com laivos de velhaco, mas tudo fica coberto pela minha simpleza natural e sem artificios.» Tem a sua philosophia pratica, fundada em velhos preceitos, que dizem compôr a experiencia e a sabedoria humanas; mas resmungão, chasqueador, gracioso ás vezes, supporta incommodos e má comida só com a idéa no governo que o ha de tirar da condição infima em que nascera. Foi um acerrimo partidario da conquista do reino de Micomicon e do casamento de D. Quixote com a princeza Micomiconia, para assim assegurar a propria fortuna, o que contrariava sobremodo o leal cavalleiro, que tinha a sua palavra e a sua fé ligadas a Dulcinea. Entendia o esperto Sancho que sendo esse reino na Ethiopia e os subditos negros se podia fazer muito dinheiro vendendo-os como escravos.—Que allusão não iria n'esta parte da narrativa de Cervantes?!... Sancho consegue um dia realizar a sua tosca ambição: o duque e a duqueza, como parte das magnificas festas inventadas em honra de D. Quixote, dão-lhe

Hosted by Google

o desejado governo da ilha. Apresenta-se-lhe o ensejo de ser grande ocioso, de pôr em prova os seus talentos governativos, de tirar da obscuridade sua mulher Thereza e sua filha Sanchita. Santo amor de familia! É levado em grande pompa ao palacio do governo, vestem-no ricamente para as circumstancias, entregam-lhe a vara prudente da justiça, pode distribuir favores, mandar nos homens, gosar as seducções da riqueza. Nas primeiras audiencias aos subditos mostra-se perspicaz á moda de Salomão, aproveitando a natural singeleza para sahir de difficuldades. Está contente, mas ainda lhe uivam na memoria as palavras de D. Quixote, apoiadas pelo duque e pela duqueza, que lhe dão o governo da ilha, impondo-lhe a obrigação de levar tres mil e trezentos açoites para libertar Dulcinea do poder dos encantadores, que a reduziram á baixa condição de mulher feia e commum. Mas tudo esquece quando é introduzido no sumptuoso salão, onde lhe iam servir succulento jantar! Elle é todo appetite, a sua gula sobresalta-se de alegria, esbugalham-se-lhe os olhos para os famosos pratos, chapinha-lhe a lingua na agua que lhe vem á bocca. Tudo sumptuosidade, rebrilham os crystaes e as pratas, a côr das sobremesas é variada, vinhos preciosos repousam em bojudas garrafas á espera do prazer de Sancho. Está só elle sentado á mesa. Vêem-no impaciente: aborreciam-lhe as ceremonias da agua-ás-mãos, do babeiro que lhe puzeram ao pescoço. Os ministros de pé, os crea-

Hosted by Google

dos cerimoniosos e atarefados, e á direita, perfilado, um homem sizudo e solemne, com uma varinha de baleia na mão. Era o Dr. Pedro Recio, o medico encarregado pelos habitantes da ilha Barataria de vigiar pela preciosa vida do seu governador, incumbido de lhe não deixar comer senão o que fosse util á segurança do Estado. Era sabio de cautelas e rigoroso: os admiraveis acepipes que os creados offereciam a Sancho esfomeado eram-lhe interdictos por um golpe da varinha — este por ser demasiadamente quente, aquelle por ser humido, o terceiro tinha especiarias que provocariam a sêde! O governador estava indignado de vêr esta inconveniente auctoridade contra o seu appetite. Mas era em nome da segurança e ventura da ilha Barataria que assim procediam e tinha de se resignar. Como, porém, apparecesse um prato de perdizes, bem assadas e bem cheirosas, Sancho designou-as ao Dr. Pedro Recio com um olhar supplicante. O medico foi inflexivel, recusou-lh'as citando Hippocrates: *omnia saturatio mala, perdicis autem pessima*. Assim terminou o jantar, e o poderoso governador, para enganar a fome, teve de comer pão com uvas.

Outras muitas contrariedades lhe desassocegaram a vida, que imaginara viver farta e repousada. Desilludido, montou no seu Russo e sahiu da Barataria; porém, ao abandonar a patria de adopção, como por alli observasse pessoas mui divertidas (todas as festas eram fingimento do duque e da du-

Hosted by Google

queza), deixou esta maxima digna de Licurgo: A gente vadia e preguiçosa é na Republica como os zangãos na colmeia, comem o mel que as abelhas operarias fabricam.

*

* *

A historia do engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha, ainda que tenha feito rir gerações, é um livro triste. As novellas n'elle inseridas do Curioso Impertinente, de Christovam e Marcella, de Lucinda e Cardenio, de Dorotheia e Fernando, de Lela Zoraida e de Clara são dramaticas e patheticas. D. Quixote é um mystico e um amoroso como Cervantes, que triumphou como poeta nas festas da beatificação de Santa Thereza e foi preso (diz-se) como namorado em Toboso. Da sua estada entre nós, louva principalmente os portuguezes, por serem religiosos e apaixonados. O auctor veste muitas vezes a rôta armadura do seu heroe para contar das suas queixas e aggravos, para criticar factos occorrentes, servindo-se da ficção como meio de adquirir liberdade de pensar e de dizer. Na apparencia de obra futil tem numerosissimas paginas sérias e conceituosas, como as do conego de Toledo ácerca de litteratura. O final é um desengano e uma desillusão: desengano para Sancho, que vê em nada a sua cobiça; desillusão para D. Quixote, que vê desfeita a sua sublime chimera. D. Quixote morre com juizo, dizendo aos que o

Hosted by Google

cercavam: «Dae-me alviçaras, senhores, pois já não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, a quem pelos seus costumes deram o appellido de Bom.» O medico, que lhe assistiu nos ultimos instantes, assegurou que elle morrera de *melancolias y desabrimentos*. É o que é justo dizer de Cervantes ao terminar a sua existencia.

Nunca um escriptor pode deixar de viver na sua obra. Por pouco que se exteriorise, por abundantes que sejam os meios que o adiantamento das sciencias e das artes lhe facultam para a penetração dos factos collectivos e das almas individuaes, nunca o escriptor de ficção pode livrar-se de abandonar ás paginas dos seus livros alguma coisa dos seus nervos e memorias. Por isso acreditamos que as desillusões do heroe manchego são as de Cervantes. Tiveram ambos destinos parallelos, formaram da vida um sonho que viram desaggregado em vulgar poeira; no leito da morte parecem-se como dois irmãos. Foi o ideal irrealisado que os matou.

Ó formoso ideal, velho amigo, engano da alma, consolador dos nossos corações. Quem não terá sido illudido pelo teu delicioso veneno! Tu és grande se levantas a nossa mente ao nivel das verdades symbolicas ou verificaveis; porém serás ephemero e transitorio se te embrenhas pelo além da realidade sensivel, que não pode ser mais do que a sublimação da vida humana. Comprehendeu-o Cervantes quando restituiu a sã razão a

Hosted by Google

D. Quixote; comprehendeu-o este quando tira o elmo de cavalleiro andante para voltar a ser Alonso Quijano, o Bom.

Disse.

Lisboa, maio de 1905.

Hosted by Google

O «DON QUIXOTE» DE CERVANTES

E

AS «ALMAS MORTAS» DE GOGOL

POR

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

SENHOR
SENHORA
ALTEZA
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Não ha capitulo mais fascinador na historia comparada das bellas-lettras do que o que se occupa da irradiação dos generos litterarios, nem existe tarefa mais cheia de encanto e de inesperadas surpresas do que a que investiga a influencia, que as obras primas da litteratura universal exerceram sobre o genio creador da humanidade.

Póde dizer-se que todo o alcance da critica se resume n'este duplo mas difficilimo empenho: seguir pelo rasto de oiro da tradição as correntes, que fecundam as differentes manifestações da poesia na sua mais lata e suprema expressão,—da *Dichtung*, como lhe chamam os allemães com palavra intraduzivel—e fixar no seu significado definitivo o sentido que não raro se occulta por debaixo

Hosted by Google

do véo transparente ou espesso, que envolve a intenção dos grandes escriptores.

A partir da Grecia e dos maravilhosos artistas, que á divina Hellade conferiram indisputavel primado em todas as provincias do bello, se principiou mais systematicamente esta investigação. Os grandes tragicos — Eschilo, Sophocles, Euripides; os grandes comicos — Aristophanes, Menandro; os grandes lyricos — Pindaro, Alceo; para não falar por desnecessario no grande epico, em Homero, nome collectivo que representa a inteira familia de *aedos,* que cantaram as gestas primitivas do povo grego, todos elles foram submettidos pela moderna critica litteraria á dupla interrogação: que significa a obra que deixaram e que pensamento intimo a inspirou? que influencia suggestiva teve ella na evolução esthetica dos demais povos?

Depois da Grecia foi a Roma e ao seu maior genio poetico — Virgilio — que se dirigiu a pergunta. A Edade Média na ancia sem egual de penetrar os caminhos, por onde chegou ao alvorecer da primeira renascença o seu vate favorito, já a tinha formulado, antecipando-se inconscientemente á curiosidade scientifica do nosso tempo.

Tiveram em seguida que responder ao interrogatorio por seu turno: o Dante, Shakespeare, o Gœthe, e ainda hoje com estes o inquerito continúa, levantando em volta da *Divina Comedia,* do *Hamlet* e do *Fausto* o mais assombroso monumento de exegése de que ha memoria.

Hosted by Google

Não escapou, conforme era de prever, á inquirição a obra de Cervantes, joia de inestimavel valor entre as mais bellas producções, que brilham como estrellas de primeira grandeza nos céos da arte. O significado d'esta obra, e muito principalmente da sua mais legitima representação — o *Quixote* — e a influencia que ella exerceu na evolução litteraria não só da Hespanha, mas dos outros povos europeos, teem sido objecto de constantes perquisições e porque não diremos tambem? de extravagantes devaneios, como esse de Defoe que quiz vêr no *D. Quixote* uma satira contra o duque de Medina Sidonia ou como o mais singular ainda de Landor, que sustentou com a maior seriedade que o livro de Cervantes era «o mais habil ataque feito contra a adoração da Virgem Maria!»

Mas, investigação ou extravagancia, o trabalho critico sobre Cervantes prosegue sempre. N'este proprio momento desde Madrid com o singular livro de Unamuno sobre o *Cavalleiro da Fé* até S. Petersburgo com a interessante monographia de Chepelevitch sobre o *D. Quixote,* não ha academia ou cathedra, jornal, revista ou publicação em capital alguma europeia que não exalce n'um côro unico de admiração a obra do grande escriptor. Se nem todos estão de accordo com respeito ao alcance philosophico do poema, é unanime em todos o sentimento que elle produz, pela originalidade da concepção e pela graça infinita, unica,

Hosted by Google

com que o dado fundamental se lhe desentranha em mil episodios de inexcedivel picaresco. Tem chamado com egual interesse a attenção dos historiadores da litteratura castelhana a influencia exercida pela novella de Cervantes na producção litteraria dos outros povos. Desde o primeiro apparecimento do *D. Quixote,* com effeito, até aos tempos mais modernos não deixou o heroe, nascido da possante phantasia do immortal hespanhol, de apaixonar os melhores espiritos dentro e fóra da peninsula, que n'elle encontraram inspiração para algumas das suas mais bellas creações. Sem fallar de Castella, que de justiça deve ter n'este inconsciente tributo ao genio a parte do leão, e onde a contrafacção de Avellaneda, com ser um plagio, nem por isso representa menos, em que pese ás intenções do falsario, uma homenagem, são devedores ao *Quixote* dos livros que escreveram, entre outros:

Em Portugal — Antonio José, o Judeo, na *Vida de D. Quixote;* em França — Marivaux nas *Folies romanesques* e Daudet no *Tatarin,* que, segundo as proprias palavras do escriptor, devia fundir n'um typo unico as antinomicas figuras do aventureiro fidalgo e do seu prosaico escudeiro; em Inglaterra — Butler no *Hudibras,* Fletcher no *Knight of the Burning Pestle,* Smollet no *Sir Lancelot Greaves* e o grande Carlos Dickens nos *Pickwick Papers;* na Allemanha — Grimmelshausen no *Simplicissimus* e Wieland no *Don Silvio de Rosalva;* na Dinamarca

Hosted by Google

— Holberg, o rival de Molière e o fundador do theatro escandinavo, no poema heroi-comico *Peder Paars;* na Hollanda — Langendijk no *Don Quichotte op de bruiloft van Kamacho;* e seria alongar esta lista mais do que o tempo, que me é concedido, m'o permitte, e com o risco sempre de a apresentar incompleta, continuar na enumeração de todas as obras, ainda que fosse só das principaes, que ao romance de Cervantes devem inspiração, assim como seguir-lhe a influencia em outros dominios da arte, além do litterario, como por exemplo na plastica, onde tem larga figuração; na illustração, onde produziu as afamadas composições do francez Gustavo Doré, do allemão Schrödter e do dinamarquez Marstrand; e até na propria opera, pois nem essa consagração lhe faltou na *Die Hochzeit des Camacho* de Mendelssohn.

Seria interessante tambem por mais de um titulo seguir a corrente cervantina atravez das litteraturas slavas, sobretudo da russa, da polaca e da tchéque, as mais ricas e desenvolvidas da familia esclavonica. Na impossibilidade de o fazer, seja-me concedido limitar a uma unica d'estas litteraturas — á russa — e n'essa a um unico dos seus escriptores — a Gogol — o que a tal respeito e como modesta contribuição á festa, que hoje a Academia celebra, se me offerece em singelo esboço dizer.

A Europa occidental sómente conhece da litteratura russa tres grandes nomes — Turguenev, Tolstoï e Gorki — e ainda assim conhece-os me-

Hosted by Google

nos pelo alto valor da obra litteraria, que cada um d'elles subscreve, do que pelas circumstancias accidentaes de que essa obra apparece revestida. Em Turguenev, mais do que o incomparavel litterato moscovita, admira o parisiense requintado, o amigo e companheiro de Flaubert e dos Goncourt, o maravilhoso artista que tanto se comprazia no commercio dos melhores espiritos da França, que era quasi um d'elles pelas predilecções que lhe conquistaram o direito de cidade em Paris. Em Tolstoï vê sobretudo o apostolo, o evangelisador mystico de um novo credo social, o propheta do millenio de amor e de paz, que é o thema que hoje constitue o motivo unico de tudo quanto escreve o solitario de Yasnáia Poliána. A Gorki jámais lhe houvera pronunciado o nome se a emocionante tragedia, que n'este momento tem a Russia por tablado, não tivesse attrahido sobre o corajoso romancista a attenção universal.

Mas apreciando o artista, iamos a dizer o mundano, applaudindo o propagandista, dando a sua sympathia á sorte tão cortada de peripecias do revolucionario, desconhece ou pelo menos não estima no seu devido valor o aspecto propriamente litterario d'estes tres escriptores primaciaes. O auctor das *Memorias de um caçador* e de *Rudin* é sacrificado ao escriptor das bagatellas, que a critica russa póde dizer-se que repudiou. O auctor dos *Cossácos* e d'esse pungente drama que, por mais estoico que se seja, se não póde lêr sem os olhos

Hosted by Google

arrasados d'agua, e que se chama *Anna Karenina,* é sacrificado ao escriptor da *Minha religião,* das *Minhas confissões* e da *Vida*. E quanto a Gorki, não obstante o diluvio de *traducções,* qual d'ellas, com rarissima excepção, a mais detestavel e infiel, seja dito aqui como parenthesis, que inundam os mercados do Occidente, quem poderá affirmar que sejam sequer comprehendidas, quanto mais apreciadas, as finas qualidades artisticas do delicadissimo poeta do *Canto do Falcão,* de *Varenka Olessova* e do *Mensageiro da Tempestade?*...

O escriptor, em cuja obra vamos rapidamente apontar alguns traços da influencia de Cervantes — Gogol — é para o grande publico europeo a bem dizer desconhecido. E no entretanto classifica-o unanimemente a critica slava desde Bielinski até á actualidade como um dos maiores genios da terra russa.

O seu papel na litteratura moscovita (e n'este ponto começam as analogias entre os dois inimitaveis humoristas) é identico ao que Cervantes desempenha na litteratura castelhana. Foi o creador da novella russa como Cervantes foi o creador da novella hespanhola. Precedidos ambos nos seus respectivos paizes por obras, que gozavam de geral acceitação — o *Guzman de Alfarache* de Aleman em Hespanha, a *Desgraça de ter espirito* de Griboiedov na Russia — bem depressa as offuscaram com esses dois monumentos impereciveis da satira humana, que se chamam o *Quixote* e as *Al-*

Hosted by Google

mas mortas. Ambos elles antes de se abalançarem ao livro capital, que lhes havia de immortalisar os nomes, eram já conhecidos no campo das lettras por producções, que só nos apparecem hoje de somenos grandeza pelo confronto com a obra prima que as fez impallidecer e passar modestamente ao segundo plano. Cervantes era o auctor festejado da *Galatea,* Gogol provocára admiração sem limites com as suas *Novellas da Ukrania* e com o *Revisor*. Ambos elles finalmente,—o hespanhol e o russo—deram começo á esplendida floração litteraria, que no engenho de ambos teve o primeiro impulso, e que nos dois paizes fructificou em rica mésse—em Hespanha a edade de Lope da Vega, na Russia o periodo conhecido pelo nome dos «annos quarenta».

Passando d'estas analogias geraes, que hermanam os dois escriptores, para a consideração mais circumstanciada da obra de ambos, vejamos o indubitavel parentesco litterario, que liga por uma inspiração evidente as *Almas mortas* ou as *Aventuras de Tchitchikov* (que tambem por este nome o livro é conhecido) ao *D. Quixote*. Mas antes fica n'este logar perfeitamente bem cabido fazer notar uma circumstancia commum na vida de Cervantes e de Gogol, que deixou na producção litteraria de ambos traço indelevel.

Foi Cervantes o soldado e soldado valoroso, que em Lepanto batalhou a favor da Christandade contra os turcos, trazendo d'essa jornada grande

Hosted by Google

fama e a gloriosa mutilação que tanto o enalteceu e de que elle ao diante tanto se ufanava.

Uma clara reminiscencia d'este episodio da sua vida militante encontramol-a a inspirar a tragedia *Numancia,* que encheu de enthusiasmo Schlegel, Goethe e Ticknor, e cujo assumpto é o cerco da celebrada cidade iberica e a sua tomada por Scipião Africano depois de quinze annos de heroica resistencia.

Não foi soldado Gogol. Jámais se encontrou em campo de batalha ou sequer tomou parte em simples refrega. Mas nascido n'uma familia, onde se conservava cheia de vigor a tradição das guerras dos Cossacos Zaporógos, e das expedições aventurosas d'estes filhos indomitos da estepa, tambem um halito guerreiro perpassou por algumas das suas paginas, suggerindo-lhe esse bello poema *Tarass Bulba,* que é a epopeia grandiosa do valente povo ukraniano a luctar pela independencia e fé dos seus maiores, como os castelhanos de D. João d'Austria contra a odiada dominação do crescente.

Se para descrever o sinistro episodio do assalto de Numancia, em que o exercito vencedor só poude tomar conta da cidade passando sobre os cadaveres dos defensores, enlaçados ás mulheres e aos filhos que previamente haviam elles proprios degollado, devia ter o Cervantes assistido em pessoa aos horrores da guerra com todos os seus indiscriptiveis lances, pois só assim poderia reproduzir-se com tanta verdade e exacção uma das scenas d'ella

Hosted by Google

mais crueis; tambem o poeta, que deixou no *Tarass Bulba* essa pagina soberba e empolgante, em que o filho do chefe zaporógo, depois do desbarato dos seus e da tomada da Siétch, o mysterioso acampamento dos cossacos, expira á vista do pae no cadafalso entre lancinantes soffrimentos, devia ao menos ter contemplado em espirito uma d'essas luctas selvagens e sem quartel, que contra os polacos ou contra os tartaros os seus ascendentes tiveram tantas vezes ensejo de pelejar. O parallelismo de situações é como se vê identico nos dois escriptores.

Continuando no exame mais de perto ás duas obras, que estamos a pôr em confronto, maravilha é que Gogol, não obstante a inspiração que deve a Cervantes, tanto tenha conservado a propria individualidade. Os pontos de contacto são tantos, as semelhanças tão numerosas para serem meras coincidencias, que se não póde deixar de admittir a acção directa do auctor hespanhol sobre o russo. E no entretanto a independencia das duas obras é completa. Nas *Almas mortas* a influencia do *D. Quixote* sente-se mais do que se demonstra.

De resto o proprio Gogol, com a singeleza que constitue o apanagio do verdadeiro merito, dá-nos os elementos para fundamentar o inquerito. Na *Confissão do Auctor,* precioso commentario interessantissimo e indispensavel para quem quizer comprehender as *Almas Mortas,* diz-nos elle que deve a primeira idéa da composição d'este livro ao

Hosted by Google

grande Puchkin, o qual para o estimular ao trabalho lhe apontára o exemplo de Cervantes, e como este sómente conquistára a immortalidade litteraria depois de ter escripto o *Quixote*. Além d'isso sabe-se que Gogol era apaixonado admirador do livro de Cervantes, que teve occasião de melhor ainda poder estudar na propria Hespanha, onde se demorou algum tempo no decurso de uma das suas viagens.

Que mais é preciso para estabelecer a filiação?

Conhecem todos, os que se occupam da litteratura russa, qual o entrecho do poema de Gogol. Um especulador infeliz, mas cheio de talento e não muito preoccupado com escrupulos, lembra-se um dia de poder enriquecer sem previo capital e apenas por meio de um estratagema engenhoso, que afinal é o verdadeiro motivo da obra. Percorrerá a Russia inteira em todos os sentidos para pedir aos proprietaros ruraes das differentes regiões que lhe cedam nominalmente, mas por meio de contractos em fórma, os servos ou «almas» que tiverem morrido desde o ultimo recenseamento. Depois irá empenhar n'um banco de S. Petersburgo ou de Moscou, levantando sobre elles os appetecidos milhares de rublos, estes contractos legaes mas ficticios a um tempo, e que para os proprietarios respectivos encargo algum representam, porque estes apenas cederam servos imaginarios, que já não existem, a troco da vantagem positiva de se isentarem do imposto, que sobre elles incidia.

Hosted by Google

Como facilmente se percebe, serve apenas esta fabulação de pretexto á viagem do protogonista, que o ha de pôr em contacto com todas as classes da população, de onde o auctor tirará pelo seu talento essa estupenda galeria de typos, comicos uns, repugnantes outros, que fez exclamar compungido a Puchkin quando assistiu á primeira leitura do romance: «Meu Deus! como é triste a nossa Russia!»

Tal qual o livro de Cervantes, compõem-se tambem as *Almas mortas* de duas partes, a segunda das quaes (incompleta por signal) apparece bastante inferior á primeira, com muito menos espontaneidade e frescura, exactamente como no *Quixote,* mas escriptas n'um e n'outro livro em lingoagem, que ha de ser sempre na Hespanha e na Russia o desespero de todos os imitadores.

Nos dois paizes, com effeito, são Gogol e Cervantes mestres incomparaveis do bom estylo, modelos na composição propriamente litteraria, escriptores até hoje sem rivaes na bella lingoa, que deixaram para sempre fixada na plasticidade e riquesa de fórmas, de que em tão alto gráo ambos possuiram o segredo. Podéram em Hespanha Lope da Vega e os prosadores do culteranista seculo XVII subtilisar mais o castelhano, tornal-o mais amaneirado e polido; poude na Russia esse grande feiticeiro da palavra escripta, que se chamou Turguenev, compôr paginas de atticismo mais impeccavel; impossivel é, porém, encontrar nas duas litte-

Hosted by Google

raturas quem melhor tenha manejado as respectivas lingoas, e n'ellas haja attingido de fórma tão definitiva a perfeição. Nunca se escreveu melhor nem em hespanhol nem em russo! O verdadeiro heroe das *Almas mortas* é Tchitchikov. Acolytado pelo lacaio Petrucha e pelo cocheiro Seliphan, dupla e curiosa personificação em que se desdobrou no romance moscovita a figura bonacheirona do nosso conhecido Sancho Pansa, elle lá vae atravez da planicie russa, na sua *britchka,* que desempenha aqui um papel identico ao do Rocinante chouteando pelas *llanuras* da Mancha o corpo emmagrecido e rescaldado do Cavalleiro da Triste Figura. Tudo o mais, sob o ponto de vista meramente litterario é apenas episodico, embora por vezes nas figuras secundarias resida o alto valor do poema. Os Malinovs, as Korobotchkas, os Sobakievitchs e os Tenttnikovs, são como as Dulcineas, os Camachos, e os Clavileños, o elemento decorativo, que serve de quadro para emoldurar o vulto central, em que se resume toda a acção e toda a philosophia.

E que philosophia é a que se deduz da feição apparentemente comica dos dois livros? Dizemos com intenção «apparentemente comica», porque para nós tanto o *Quixote* como as *Almas mortas* são livros profundamente tristes. Provocam o riso á primeira e desprevenida leitura. A breve trecho, porém, e á medida que penetramos melhor a psychologia dos dois heroes, a hilaridade transmu-

Hosted by Google

da-se pouco a pouco em melancholia, e a melancholia vae-se ensombrando até se transformar em tristeza, que nos faz repetir não a phrase repassada de amargura do auctor do *Onieguin,* mas a exclamação mais desalentada ainda: «como é triste, com todas as suas desillusões, a nossa humanidade, constantemente em busca do ideal que lhe foge, e que as mais das vezes deixa sómente como unico vestigio dos seus sonhos desfeitos o ridiculo nimbo, que cérca a figura do pobre fidalgo manchego!...»

Tanto em Cervantes como em Gogol por debaixo do riso ha lagrimas. São dois humoristas na fórma, assim os classificou com a tyrannia das suas fórmulas de gabinete a historia litteraria. Mas a philosophia social, que penetra mais fundo do que as exterioridades e as apparencias, de ha muito os sagrou analystas compadecidos da enfermidade, que corroia os dois paizes, que ambos estremeciam como benemeritos cidadãos de acrisolado patriotismo. Porque embora pareça insustentavel paradoxo, que os dois livros por excellencia nacionaes da Russia e da Hespanha sejam exactamente os que á porfia mais ridicularisam estas duas terras, não póde negar-se que no fundo esses livros representam uma obra de amor, doloroso tantas vezes nas suas indispensaveis correcções, como o de mãe que castiga marejado pelas lagrimas, mas intenso, fervoroso, acima de toda a duvida, prompto para os sacrificios mais custosos.

Hosted by Google

A Hespanha de Filippe II e a Russia de Nicolau I precisavam de um amor assim. E tiveram-n'o...

O *Quixote* foi para Castella o quadro, que, a traço fundo, representava o povo hespanhol sob a influencia dos falsos ideaes dos seculos medios, que o arruinavam e o tornavam ridiculo perante o mundo. As *Almas mortas* foram para a Russia a pintura cruel mas verdadeira d'essa organisação corrompida que, na primeira metade do seculo XIX, escravisava o *mujik* e o acorrentava á terra como inconsciente servo da gleba, envenenando por esta deformação impia da dignidade humana todas as fontes da vida, de onde podia esperar-se a reviviscencia nacional.

Ambas as obras — a hespanhola e a russa — proclamavam, como Marcello na esplanada de Elsenor, que «havia alguma coisa pôdre no reino da Dinamarca», e por isso ellas contribuiram para dar, uma, em Hespanha força aos elementos sãos, quando o sonho quixotesco se desfez; outra, na Russia consciencia aos opprimidos, que desde então principiaram a pensar na sua redempção social.

O ridiculo caustico e mordente dos dois livros manifesta-se, no emtanto, por fórma diversa em cada um d'elles. Em Cervantes é na alma do Cavalleiro que esse ridiculo reside. Embora Sancho Pansa, soccarrão e pratico, represente a realidade da vida, com os seus mil egoismos e o seu tacanho modo de vêr, é o Quixote e não o folgasão escudeiro o heroe da novella. O Cavalleiro, allu-

Hosted by Google

cinado pelas visões do mundo ideal, que lhe povoam a mente, continúa a acreditar em pleno seculo XVI — n'este seculo revolucionario por excellencia da Historia — na existencia d'essas anachronicas figuras que sómente na sua imaginação escandecida vivem e se agitam em comico tropel. D'ahi o ridiculo das situações, a que o sonhador fidalgo se vê exposto.

Em Gogol o processo litterario é differente. Nas *Almas mortas* o ridiculo está na sociedade e nas mil incongruencias da sua defeituosa organisação. O heroe, Tchitchikov, não é mais do que um habil, que sabe explorar em seu proveito as fraquezas e os vicios da gente, que vae encontrando pelo caminho das suas especulações. Observador frio e calculista, apenas sorri imperceptivelmente ante o desfilar de todos esses personagens repellentes ou grotescos, que formam o cortejo de miserias e de baixezas da Russia do seu tempo. Nos dois casos, porém, o effeito é identico, porque reaes ou imaginadas as duas situações são principalmente ridiculas pelo contraste com o meio em que se exhibem ou que ellas proprias formam. O D. Quixote nos seculos da cavallaria andante seria quando muito notado pela sua exaltação mystica, febril demais talvez para ser verdadeira. Mas ninguem se lembraria de o achincalhar e muito menos de o transformar no symbolo jocoso, sob que tomou logar na galeria dos grandes dementados. Da mesma maneira o comico, que resulta da leitura das *Al-*

Hosted by Google

mas mortas, só o é para o observador moderno, para um Tchitchikov, que os vê atravez do prisma do seu criterio interesseiro e sceptico. Alguns seculos antes Sobakievitch ou Nozdrev seriam typos perfeitamente normaes e equilibrados, em que o mais meticuloso esquadrinhador nada teria a objectar.

Se me perguntam, no emtanto, qual dos dois heroes eu prefiro, sem hesitação responderei que me enfileiro entre os admiradores do Quixote. Este é um visionario, de accordo. Mas, generoso e bom, a sua propria loucura disperta-nos a sympathia. E qual de nós, homens do seculo xx, a sós com os seus devaneios — porque todos nós os temos, ainda os mais positivos — não foi ao menos, durante uma hora de febre, Quixote tambem no seu intimo? O que não somos — os que prestamos culto á pureza e á direitura d'alma — é Tchitchikov, o heroe corrompido d'essa sociedade russa dos principios do seculo findo, que o auctor do *Revisor* amarrou, em paginas que hão de viver sempre, ao pelourinho do chasco universal.

. . . . . .

Do mesmo modo que Portugal produziu um unico livro, assim tambem a Hespanha legou um livro só á litteratura do mundo culto. A differença, porém, entre os dois é immensa. Na immaculada manhã dos descobrimentos os *Lusiadas* são o hymno enthusiastico da Europa nova, a renascer ao calido beijo dos primeiros raios do sol orien-

Hosted by Google

tal. O *Quixote* é, ao tombar da Edade Media, o poema melancholico que celebra o passamento de um periodo historico, entoando sobre elle o threno saudoso e dolorido pelo desapparecer d'essa miragem, que fizera a grandeza passada da Hespanha. E não estará na obra prima de Cervantes a prophetica antevidencia das desditas, que haviam de toldar de densas nuvens os futuros destinos da Iberia?...

Seja qual fôr, porém, a significação que ao *Quixote* deva attribuir-se, é digna de respeito, no meio do desabar de tantas crenças, a fé com que o enamorado Cavalleiro se abraça ás queridas tradicções dos tempos que não voltam, para morrer com ellas. É essa fé que, diante da posteridade, lhe resgata a figura macerada e triste do ridiculo, que dez gerações sobre ella amontoaram.

Um senão apenas me peza ter que notar a Cervantes: Para que restituir a razão ao seu heroe na hora extrema?! Já que na vida real os sonhos não podem, por mal nosso, durar sempre — oxalá que podessem! — para que ir acordar do seu devanear imaginario o pobre louco? Era mais piedoso e coherente que, do mundo de illusões em que vivia, o Cervantes o tivesse feito passar ao somno eterno..

Hosted by Google

NOTA

Se bem que o assumpto d'esta communicação comportasse e merecesse maiores desenvolvimentos, que o auctor não lhe poude infelizmente dar na sessão da Academia em que foi feita, por motivos faceis de comprehender, entendemos não dever alteral-a na presente publicação e por isso a reproduzimos sem a mais pequena modificação ou accrescentamento. Não nos julgámos com direito de coisa alguma juntar ou substituir ao que na sessão commemorativa foi dito, visto que o presente livro é apenas um extracto do que n'essa sessão *se passou.*

É notavel que sendo tão evidente a influencia do *D. Quixote* sobre o auctor das *Almas mortas*, confessando-a o proprio Gogol (*Avtorskaia ispovied,* Sotchineniia N. V. Gogolia — izd. 15: oe, redaktsiia N. S. Tikhonravova, tomo VIII, pag. 25), nenhum dos commentadores russos de Cervantes a ella se tenha referido. Nem Turguenev *(Hamlet i Don-Kikhot* — Polnoe sobranie sotchinenii I. S. Turgueneva 4: oe izd., tomo x, pag. 450 e seg.), nem Merejkovskii *(Don-Kikhot i Santcho Pansa* — Sievernyi Viestnik, 1889, fasc. 8 e 9), nem Lvov *(Hamlet i Don-Kikhot i mnienie o nikh Turgueneva,* S. Petersburgo 1862), nem Storojenko *(Filosofia Don-Kikhota)* parecem ter d'ella conhecimento. O proprio professor Chepelevitch, indubitavelmente um benemerito das lettras castelhanas e especialista de Cervantes, a que já consagrou, além de diversos artigos, duas obras importantes *(Jizn Cervantesa i ego proizvedeniia* — S. Petersburgo, 1901; e *Don-Kihhot Cervantesa. Opyt literaturnoï monografii* — S. Petersburgo, 1903) guarda um silencio absoluto sobre esta interessante questão. Da mesma fórma a ella se não faz a mais pequena referencia nos importantes artigos sobre o tricentenario da publicação do *Quixote* insertos no numero de maio das duas mais consideradas revistas de S. Petersburgo, e escripto um pelo prof. Chepelevitch *(Viestnik Evropy*, kniga 5, pag. 328 e seg.) e o outro pelo sr. Alexandre Evlachov *(Mir Bojii,* kniga 5, pag. 47 e seg.)

Hosted by Google

Hosted by Google

QUEM FOI O AUCTOR DO SEGUNDO DON QUIXOTE?

POR

THEOPHILO BRAGA

(O Sr. Christovam Ayres, antes de encetar a leitura do seu discurso, pediu venia ao Augusto Presidente da Academia para lêr uma communicação do sr. Dr. Theophilo Braga, do que este academico o incumbira, no dia 7 de maio, como era do conhecimento do Vice-Presidente da Academia.)

Depois de ter publicado em 1605 a primeira parte do *El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha,* apesar do facto excepcional das cinco edições feitas no mesmo anno em Portugal, Madrid e Valencia, Cervantes caíu em um profundo estado de desalento, e só passados dez annos é que retomou o plano da sua Novella, não para dar largas á phantasia, mas para repellir uma provocação odiosa.

Disseram-lhe que alguem se apoderara do seu plano, e se estava imprimindo um *Segundo tomo* do seu *Don Quixote.* E effectivamente assim era. É então que Cervantes se lança ao trabalho de

Hosted by Google

completar a sua creação, alludindo n'ella ao motivo que o estimula. Máo grado os seus esforços, antecipou-os o apparecimento em 1614 do *Segundo tomo* do *Ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha,* contendo a narrativa da sua terceira sahida, e o repugnante termo das suas aventuras; o nome do auctor vem ardilosamente em typo meudissimo: «Compuesto por *El Licenciado Alonso Fernandez de Avellaneda,* natural de Tordesillas. Tarragona. Impresso por Felipe Roberto. 1614.»

A obra de Avellaneda fez-se notar pelas insolencias dirigidas a Cervantes no prologo, e pela deturpação dos dois typos de Don Quixote e Sancho Pança. O nome de Avellaneda encobria um escriptor contemporaneo de Cervantes, com talento, e com a malevolencia da rivalidade litteraria e antinomia de doutrinas.

Quem seria esse escriptor acobertado com o pseudonymo de *Licenciado Alonso Fernandez de Avellaneda?*

Escreve Ticknor, na *Historia da Litteratura hespanhola* (trad. Gayangos e Vedia): «Duas cousas ha notaveis a respeito d'este livro: a primeira, é que parece impossivel que muitos, e mesmo o proprio Cervantes, ignorassem o nome do seu auctor...; a outra, é que esse auctor teve sem duvida conhecimento do plano que Cervantes seguiu na Segunda parte, abusando indignamente d'essas noticias...» (t. II, p. 245.)

Indicaram-se varios nomes de contemporaneos

Hosted by Google

de Cervantes, sob fundamentos especiosos: entre esses figura Frei Luiz de Alliaga, confessor de Filippe III; tambem o frade dominicano, Frei Juan Blanco de Paz, inimigo de um Cervantes (não o *Saavedra)* no captiveiro de Argel; e entre os litteratos André Perez (Lopez de Ubeda), auctor da *Picara Justina,* e ainda o poeta Bartholomeo Leonardo y Argensola.

Apesar de Frei Luiz de Alliaga não ter deixado documentos do seu gosto ou talento litterario, muitos criticos attribuiram-lhe a paternidade do segundo *Don Quixote;* Ticknor e com elle os seus traductores tornam affirmativa esta supposição gratuita. A mesma causa de exclusão se dá com Blanco de Paz. A segunda parte do *Don Quixote* tem um elevado merecimento litterario; Lesage, traduzindo no seculo XVII a obra de Avellaneda, considerava-a superior á Segunda parte escripta por Cervantes; Germond Delavigne, fazendo uma outra traducção no seculo XIX, dá-lhe tambem a preferencia.[1]

---

[1] As hypotheses sobre a personalidade de **Avellaneda** tem continuado a exhibir-se. Apontaremos as duas mais recentes. Em bilhete postal anonymo, de 12 de maio d'este anno, perguntaram-me:

«Tem V. conhecimento de um artigo de Menendez y Pelayo, nos Lunes del *Imparcial,* de Madrid, de 15 de fevereiro de 1897— sobre uma nova conjectura a proposito do auctor da Segunda parte apocrypha de *D. Quixote?*

«Menendez y Pelayo propõe que seja *Martin Lamberto,* cryptogrammiado na phrase: *El sabio historiador Alizolam...»*

Em Paris publicou em 1903 Paul Groussac, director da Bibliotheca publica de Buenos Aires, um ensaio intitulado *Une enigme*

Hosted by Google

As hypotheses para descobrir a personalidade de Avellaneda foram sempre formadas procurando entre os contemporaneos de Cervantes auctores aos quaes se podessem applicar um dado numero de quesitos implicitos no prologo do Segundo *Don Quixote*. D'ahi a variedade de nomes e attribuições mais ou menos plausiveis, mas sempre forçadas. Sem abandonar este processo critico, emprega-

---

litteraire: le Don Quichote de **Avellaneda.** Rejeita a attribuição a Bartholomeo Argensola, e propõe *Juan Marti,* que com o pseudonymo de Matéo Luján de Sayavedra publicara uma continuação do *Gusman d'Alfarrache* de Aleman.

A resolução do problema — *Quem é o auctor do Segundo Don Quixote,* depende das seguintes clausulas preestabelecidas:

1.ª O pseudonymo Avellaneda encobria um litterato de talento;

2.ª Tinha tido intimidade com Cervantes, porque conhecera o *plano* do *Don Quixote,* quando estava em elaboração; e conhecera que fôra escripto em parte em Argamasilla;

3.ª Que estava resentido contra um ataque ou censura que lhe fizera Cervantes.— Qual a fórma e o motivo d'esse ataque ?

4.ª Que tinha idéas differentes das de Cervantes sobre Historia e outros pontos de doutrina ou gosto litterario;

5.ª Que increpando Cervantes de liberdade religiosa, ou era um fanatico *clerical,* ou rancoroso, para suscitar a Cervantes uma perseguição;

6.ª Que esse rancor se manifesta na affronta contra a nobre cicatriz de Cervantes;

7.ª Que Cervantes conheceu os aragonismos do contrafactor do seu *Don Quixote;*

8.ª Que o auctor da parte apocrypha prometteu continuar a Novella, e que uma qualquer causa imprevista o embaraçou;

9.ª Que os nomes dos auctores propostos para se identificarem com Avellaneda não satisfazem senão a um ou outro dado do problema;

10.ª Que a referencia a Bartholomeu Argensola, sem ser uma provada realidade, conduzia para a descoberta definitiva de seu irmão Lupercio.

Hosted by Google

mol-o como meio de comprovação para os novos e decisivos resultados que nos dá o nome do Licenciado Avellaneda lido como *anagramma,* em vez de o tomar só como pseudonymo, como sempre se fez. No titulo da novella vem: Compuesto

Por el Licenciado Alonso Fernandez de Avellaneda

Lido este nome como anagramma dá o seguinte:

Lopercio Leonardo é Arzensola F.ci

Resta o appellido **de Avellaneda**; no prologo do seu *Don Quixote* escreveu Cervantes, com modestia, apresentando o livro, que começara a escrever no carcere: «y asi, que podia engendrar el esteril y mal cultivado ingenio mio, si no la historia de un hijo seco, **avellanado**...» Assim como o auctor do Segundo *Don Quixote* se refere no frontispicio da sua novella á circumstancia da origem do heroe em um carcere, é tambem no mesmo espirito de chasco que tira do epitheto *avellanado* o appellido de **Avellaneda**. Eis as palavras da dedicatoria: «Al Alcalde, Regedores y hidalgos de la noble villa del *Argamasilla, patria feliz del Hidalgo Cavallero Don Quixote de la Mancha.*» Por aqui se vê que a tradição conservada no seculo XVIII, de que Cervantes escrevera a sua Novella em Argamasilla d'Alba no carcere da casa de Medrano, era apresentada como facto positivo em 1614. A explica-

Hosted by Google

ção do appellido de **Avellaneda** derivado do prologo de Cervantes, que tanto incommodou o seu contrafactor, foi pela primeira vez suscitada por Émile Chasles no seu livro *Michel Cervantes:* «Para se vingar (o contrafactor) escrevera esta continuação famosa e escolhera para *pseudonymo* o nome de **Avellaneda**, alteração facil do epitheto por Cervantes attribuido ao héroe filho do seu espirito, *hijo seco, avellanado.*» (p. 327.) Se em vez de Fernandez se adoptar a orthographia Hernandez, poderiamos lêr:

H. avellanado de Lopercio Leonardo é Arsensola

Anagramma contido na assignatura do *Segundo tomo del Ingenioso Hidalgo don Quixote de la Mancha,* que contiene su tercera salida, y es la quinta parte de sus aventuras. Compuesto

Por el Licenciado Alonso Hernandez de Avellaneda

Acompanha a Novella um Soneto que segue ao affrontoso prologo, justificando a miseria de Cervantes pelos desvarios proprios das suas aventuras; este Soneto tem por auctor **Pero Fernandez**, nome que se lê tambem como anagramma: *Nan des fe, perro.* O que queria o contrafactor dizer com isto? Era uma provocação enigmatica, apresentada a Cervantes: o Segundo *Don Quixote* de Avellaneda, ou melhor de Lupercio Leonardo y Argensola, era uma caricatura do typo e da vida do proprio

Hosted by Google

Cervantes. E este realismo é que dá certa vida e colorido á obra apocrypha. É d'esta opinião Émile Chasles: «O livro todo não é senão uma caricatura continuada da vida de Cervantes, das suas obras, dos seus adoraveis sonhos. Já que eu sou o primeiro a avançar isto, eu devo provar o meu dito... abramos o romance de Avellaneda.» Excusamos de transcrever os fundamentos d'esta affirmação; basta conhecer os traços da interpretação personalista para se comprehender o sentido do anagramma *Nan des fe, perro,* do nome do auctor do odioso Soneto.

Conhecido o anagramma de *Lupercio Leonardo y Argensola,* como auctor do Segundo *Don Quixote,* vamos agora comprovar este facto irrefragavel com todos os quesitos que acompanharam sempre este problema, e que tanto estimularam as inventivas dos criticos.

O *Segundo tomo* ou continuação do *Don Quixote* foi publicado: En Tarragona en casa de Filipe Roberto. Año 1614. (In-8.°, 4 fl. prel., 282 fl. texto.) Tendo Lupercio y Argensola morrido em Napoles em 1613, quem dirigiu a impressão no anno seguinte? A attribuição da novella de Avellaneda a Bartholomeo Leonardo y Argensola, sendo hypothetica, tinha um fundo de realidade porque foi elle que deu publicidade á obra de seu irmão e lhe escreveu o odioso Prologo. Germond Delavigne, que traduziu a novella e a admirava, considera que entre o prologo e o texto ha uma diffe-

Hosted by Google

rença capital: «Todo o fel de um coração rancoroso, estas grosseiras injurias, tudo se encontra no prologo de Avellaneda; porque no contexto do livro não encontramos uma palavra que seja consagrada ás pequenas paixões da rivalidade.» Bartholomeo não tinha o talento de seu irmão Lupercio, que apenas fizera uma caricatura de Cervantes identificando-o com o seu *hijo seco, avellanado;* á sombra do irmão fallecido deu largas ao seu rancor de mediocre.

Analysando e explicando o prologo de Avellaneda, é que se reconstitue por quem e como foi elaborado o Segundo *Don Quixote.* Transcrevemol-o por partes:

«A historia de *Don Quixote de la Mancha* é quasi completamente uma comedia; não pode ella portanto apparecer sem Prologo. Eis aqui porque é que escrevo este na frente d'esta Segunda parte dos altos feitos do heroe; pelo menos fal-o-hei menos fanfarrão e menos provocador do que o prologo posto por Miguel de Cervantes Saavedra em frente da primeira parte, e mais humilde que outro que precede as suas *Novellas* (satiricas antes que *exemplares),* mas realmente engenhosas.»

Cervantes tinha abandonado as vinte Comedias que escrevera emquanto residiu em Madrid; havia portanto intuito de feril-o considerando a *Historia de Don Quixote* como uma Comedia. As *Novellas*

Hosted by Google

exemplares publicadas em 1613, e dedicadas ao Conde de Lemos, Vice-rei de Napoles, foram acordar a rivalidade dos Argensolas, que estavam ao serviço do Vice-rei. N'esse prologo fallava Cervantes do seu captiveiro em Argel, e isto incommodava os parasitas litteratos, que tanto o malquistavam com o generoso Conde de Lemos.

Prosegue o prologo:

«Elle não achará coisa que engenhosa seja na historia que vae lêr-se; aqui não ha nem a superioridade do seu talento, nem a abundancia das relações fieis que se encontram debaixo da *sua mão.* (Eu ponho *sua,* e intencionalmente, porque o proprio Cervantes é que nos diz que *só tem uma mão;* assim podemos nós dizer d'elle, que já velho emquanto aos annos como joven no espirito, elle tem mais lingua do que mãos.)»

Por esta affronta odiosa contra o pobre e heroico mutilado de Lepanto é que se procurava entre os varios inimigos de Cervantes quem seria o miseravel Avellaneda. Occorreram os nomes de Frei Luiz de Alliaga e de Frei Juan Blanco de Paz; mas faltava-lhes o talento litterario que apparece no Segundo *Don Quixote.* A suspeita contra Bartholomeo Argensola era uma realidade, mas restringida exclusivamente ao prologo, porque a Novella, como observa Germond Delavigne, não sae da inoffensiva caricatura pessoal.

Hosted by Google

Como as edições da Novella de Cervantes desde 1605 a 1611 tiveram um numero phenomenal, nove, quasi ininterruptamente, ao publicar a contrafacção de Avellaneda, Bartholomeo, para mundificar em sua consciencia a memoria de seu irmão Lupercio, escreve:

«Sem duvida tambem elle (Cervantes) se queixará do meu trabalho, e dirá que eu lhe roubo os lucros da sua Segunda parte; mas ao menos elle poderá reconhecer que *nós ambos tendemos para o mesmo fim,* isto é, combater sem tréguas a perniciosa leitura dos máos Livros de Cavalleria, tão espalhados entre a gente do campo e entre os ociosos.»

Agora vem um paragrapho do prologo, que os criticos nunca explicaram, e que se esclarece pela situação dos dois irmãos Argensolas:

«Comtudo nós differimos emquanto aos meios; porque *elle entendeu dever atacar-me,* assim como a esse *outro escriptor* que celebram com tanta justiça as nações estrangeiras, e ao qual a nossa é tão devedora da gloria com que elle circumdou o Theatro hespanhol, produzindo um numero infinito de Comedias admiraveis, escriptas com toda a severidade da arte, e com toda a graça e sisudeza que ha a esperar de um ministro do Santo Officio. Praza a Deus agora, que elle está mettido no seu

Hosted by Google

retiro, não lhe dê para *implicar com a Egreja e com as coisas sagradas.*»

Ha aqui toda a animadversão do odio theologico; e effectivamente Bartholomeo Leonardo y Argensola seguira a carreira ecclesiastica. Mas o *ataque* a que allude, simultaneamente com o dirigido contra *Lope de Vega,* envolve factos que se referem unicamente a Lupercio: «elle entendeu dever atacar-me...» Que ataque seria este, e sobre que assumpto? Diz o Conego de Toledo, no *Don Quixote,* Parte I, cap. 48:

«Estareis lembrado que poucos annos ha se representaram em Hespanha *tres tragedias,* que compoz um famoso poeta d'estes reinos, as quaes foram taes que as admiraram, alegraram e surprehenderam a quantos as ouviram, assim aos simples como aos prudentes, assim ao vulgo como aos selectos; e deram mais dinheiro aos representantes ellas sós tres, do que trinta das melhores que d'ahi para cá depois se tem feito? — Sem duvida, que vossa mercê quer alludir á *Isabel,* á *Filis* e á *Alexandra.* — D'essas é que fallo.»

Durante muitos annos, como observa Ticknor (II, 159), ignorou-se que tragedias eram estas e quem teria sido o seu auctor, para merecerem essa referencia de Cervantes; em 1760 ou 1770 encontraram-se duas d'essas tragedias, «e ficou resolvido o

Hosted by Google

enigma, logo que se viu que eram obra de *Lupercio Leonardo y Argensola*». Ficava ainda para resolver o outro enigma, o do *ataque* de Cervantes ao auctor que se velára com o pseudonymo de **Avellaneda.** A memoria d'essas *tres tragedias* perdera-se, porque ellas eram deploraveis; na *Alexandra* morrem quasi todos os personagens, cortam-se cabeças a crianças, e a rainha corta a propria lingua com os dentes e cospe-a contra a cara do seu esposo; na *Isabel* os horrores augmentam, arrojando-se nove cabeças cortadas á scena, e realisando-se ahi um suicidio, e tudo aggravado com enormissimos e soporiferos discursos em martellados versos. Portanto o elogio do Conego e os applausos dos simples e do vulgo a estas obras de 1585 pareceram em 1605 a Lupercio y Argensola uma provocação da parte de Cervantes. Navarrete, na *Vida de Cervantes* (p. 149), entreviu este problema: «Vislumbra-se egualmente que aquelle mascarado zoilo era compositor de Comedias (aliás Tragedias) e comprehendido na censura geral que d'ellas fez Cervantes no *Don Quixote*, e na *Viagem ao Parnaso*, quando buscava o apoio de Lope de Vega...»

No *Don Quixote* escreveu Cervantes uma conversa com o Conego de Toledo, em que aprecia tres Tragedias, que renderam muito dinheiro porque eram o encanto do vulgo, que se intitulavam *Alexandra*, *Filis* e *Isabel;* tinham sido escriptas por Lupercio Leonardo y Argensola, como se descobriu depois de 1760 em que appareceram duas d'el-

Hosted by Google

las, que são verdadeiras monstruosidades de completa negação artistica. Com estas tres tragedias ajuntara tambem Cervantes uma das Comedias mais vezes representada de Lope de Vega, *La Ingratitud vengada*. Estes factos positivos identificam as allusões do prologo em que Bartholomeo Argensola tomava como seus os antigos resentimentos de Lupercio e o desaggravo de Lope de Vega.

Conheceria Cervantes essas tres tragedias de Lupercio do tempo em que ambos frequentavam em Madrid a Academia *Imitatoria,* fundada em 1587. Lupercio tinha ahi o nome de *Barbaro* em homenagem á dama que amava, D. Marianna Barbara de Albim. Quando Cervantes, na Segunda parte do *Don Quixote,* se queixa da deturpação do typo da *Dulcinéa,* diz que Avellaneda fez d'ella uma *Barbara,* referindo-se por certo á musa de Lupercio Argensola na Academia *Imitatoria*.

Pode-se inferir que Cervantes suspeitava quem era o Avellaneda, que lhe falsificara a continuação do seu *Don Quixote,* porque nota que no castelhano em que está escripto ha muitos *aragonismos*. Ora os Argensolas eram naturaes de Aragão; Bartholomeo ahi tinha beneficios ecclesiasticos, e seu irmão, a quem depois succedeu, era Chronista de Aragão. Depois d'isto comprehende-se este periodo do prologo de Avellaneda:

«A continuação que se vae lêr differe então da obra de Cervantes, porque o meu humor é contra-

Hosted by Google

rio ao seu tanto em *materia de opinião,* como em *questão de historia.*»

A materia de opinião quer dizer gosto litterario, porque Lupercio era um humanista distincto, o fundador da Academia dos *Oziosi* de Napoles, e imitador dos poetas da antiguidade, emquanto Cervantes conhecia a vida real e d'ella tirava os seus quadros novellescos e dramaticos. Diz Navarrette: «a leitura do *Don Quixote* agradou mais ao vulgo ou entre gente do povo do que entre os litteratos ou pessoas de elevada categoria, como o indica Cervantes a respeito das mulheres e dos pagens...» (p. 495.) Não admira pois este desdem do Lupercio; quanto á *questão de historia,* o Chronista de Aragão despresa a historia ficticia, *hijo seco, avellanado* do genio de Cervantes. Pois uma obra assim escripta, sem erudição classica, nem imitação da antiguidade, espalha-se rapidamente pelo mundo, impressa em Madrid, Lisboa, Valencia, Bruxellas e Milão, em nove edições em seis annos! Isto era para excitar a bilis de um humanista como Lupercio Leonardo y Argensola, e tanto mais que essas edições eram descuradas por serem destinadas ao vulgo, como observa Navarrete: «...do que proveiu, sem duvida, que todas as edições feitas em Hespanha por mais de seculo e meio foram de exploração, deturpadas e incorrectas, sem gosto, nem belleza na parte typographica, nem no adorno de estampas e desenhos, sem criterio, nem

Hosted by Google

esmero na correcção do texto.» (*Vida de Cervantes,* p. 495.)

Cervantes fôra amigo e admirador dos Argensolas; louva-os na *Galatêa* em 1585, o que nos leva a fixar o começo da sua amisade; e torna a referir-se a Argensola na primeira parte do *D. Quixote,* de 1605. D'aqui se infere que os Argensolas, como litteratos famosos, conheceram o plano completo da Novella; e isto explica a similaridade de situações entre a continuação de Cervantes de 1615 com a de Avellaneda de 1614, como notou Ticknor. Os Argensolas sahiram de Hespanha em 1610, acompanhando o Conde de Lemos quando foi como Vice-Rei para Napoles; elles intrigaram para que Cervantes não fosse na comitiva do Vice-Rei. O que levaria Lupercio a sentir-se hostil contra o pobre e desventurado Cervantes lá de tão longe? N'esse anno de 1610 publicava-se em Milão por Lucarni-Bidello mais uma edição do *Don Quixote.* De mais, o Conde de Lemos, de quem Lupercio era Secretario de estado e da guerra, admirava Cervantes. Seriam estas glorias que incitaram a demolir o *Don Quixote,* conduzindo-o em uma segunda parte á degradação do desprezo? Lupercio Leonardo y Argensola morreu repentinamente em 1613, quando se estava imprimindo o seu segundo *Don Quixote;* Bartholomeo, que o acompanhara para Napoles, e que ahi se demorou até 1616, é que terminou a impressão da Segunda parte, a cuja elaboração assistira; pelo menos ha no prologo,

Hosted by Google

onde é insultado Cervantes, um remoque propriamente *clerical:* «. . . Praza a Deus que emquanto elle se accolhe ao seu retiro, não lhe dê para *gracejar com a Egreja e com as coisas sagradas.*» Bartholomeo Argensola, como escreve Ticknor, «recebera uma educação clerical, como destinado logo por seus paes para a carreira ecclesiastica; o favor e protecção do duque de Villahermosa proporcionaram-lhe em *Aragão* um pingue beneficio.» A circumstancia dos *aragonismos,* notada pelo proprio Cervantes na prosa de Avellaneda, fundamenta a attribuição ao poeta aragonez Lupercio Argensola; d'esses dois litteratos escrevia Lope de Vega: «le parece que habian venido de *Aragon* a enseñar el castellano.» Tudo condiz com a descoberta decisiva; até o anagramma laborioso: *Lopercio Leonardo é Arzensola,* no *Por el Licenciado Alonso Fernandez,* coaduna-se com a pratica das Academias cultistas, e elle era o fundador de uma intitulada dos *Ozziosi.*

Promettera Avellaneda continuar as aventuras de *Don Quixote* por Salamanca, Valencia e Valladolid; mas a morte repentina em 1613 interrompeu a empreza; quando Cervantes publicou a sua segunda parte do *El Ingenioso Caballero* já Lupercio estava morto, o que embaraçava desvendar o anonymo, podendo Bartholomeo negar com verdade a sua auctoria. Cervantes pouco antes de morrer escrevia ao Conde de Lemos, dedicando-lhe os *Trabajos de Persiles y Segismunda;* são do-

Hosted by Google

lorosas as suas palavras: «Hontem me deram a extrema-unção, e hoje escrevo esta; o tempo é breve, as ancias crescem, as esperanças mingúam, e comtudo isto levo da vida o desejo que tenho de viver.» E expirava em 23 de abril de 1616; n'este anno voltava Bartholomeo Argensola de Napoles com o Conde de Lemos, e outros interesses litterarios o absorveram, como o cargo de Chronista de Aragão, convindo-lhe conservar o anonymo do Avellaneda por causa das phrases odiosas que tinham sido empregadas contra o desgraçado e heroico Cervantes *(tiene mas lengua, que manos)*.

O facto do anagramma de Lupercio Leonardo Argensola revela-nos que elle escrevera a segunda parte do *Don Quixote* com apuro litterario, deixando elementos para authenticar, se conviesse, o seu trabalho artistico. Com a curiosidade crescente de saber quem fôra o Licenciado Avellaneda perderam-se e difficultaram-se os elementos da prova; permaneceu tres seculos impenetravel o mysterio, e hoje esta descoberta tardia vae além da curiosidade, tornando-se um castigo para o ignorado escriptor que amargurou o fim da vida do maior e mais desgraçado genio da Hespanha.

Hosted by Google

Hosted by Google

O IDEAL DE DON QUIXOTE

POR

CHRISTOVAM AYRES

A mesma iniciativa louvavel que determinou a nossa Academia a acompanhar a Hespanha vizinha e amiga na celebração do centenario do *Don Quixote* foi a que me levou a tomar parte n'esta solemne homenagem á obra primacial d'aquelle a quem o eminente escriptor hespanhol Menendez y Pelayo appellida de «el rey de nuestros escritores»,[1] e que realmente não encontrou ainda entre os escriptores d'aquelle paiz quem a maior altura fizesse subir o vôo do seu engenho.

Ha situações que obrigam aquelles mesmos que sentem minguadas as suas forças para os encargos que em seus hombros carregam; e as solicitações da amisade são as que mais vencem e captivam. Eis a razão porque a minha voz humilde se em-

[1] Menendez y Pelayo, *Historia de las ideas esteticas en España*, t. II, siglos XVI e XVII, vol. I, pag. 108.

Hosted by Google

parceira á de tantos illustres ornamentos d'esta corporação doutissima, que se honra n'este momento, honrando uma das mais altas e luminosas creações do espirito humano.

Justo era que entre nós tivessem echo as glorificações ao *Don Quixote,* porque essa obra monumental de um hespanhol, comquanto talhada nos mais caracteristicos moldes do genio nacional, é das que passam as fronteiras do paiz onde nascem, e se tornam universaes pelos sentimentos que movem e pelas idéas que defendem, sentimentos e idéas que não agitam unicamente o cerebro e o coração de um povo, mas os da humanidade inteira!

Os violentos temporaes que convulsionam o mar, as auras brandas que frisam os lagos e ondeiam as searas, o sol que doira os cabeços dos montes e faz germinar na terra as sementes das arvores e os ovulos dos insectos, as convulsões do solo, que além subvertem uma ilha e aqui escancaram hiante a bocca de uma cratera, os perfumes que evolam dos vallados em flôr, os miasmas que brotam mortiferos dos paúes infectos, são manifestações diversas, é certo, por differente e desegual maneira em cada região ou em cada momento; mas são todas, no seu conjuncto, a expressão da alma da Natureza; comquanto, como observa Humboldt, em qualquer canto da terra se reflicta todo o Universo.

Do mesmo modo as victorias dos Cesares, as

Hosted by Google

angustias de Maria de Magdala junto do Calvario ou de Maria Stuart junto do cadafalso; as traições de um Miguel de Vasconcellos e a lealdade de um Martim de Freitas; as descobertas de um Kepler sondando o infinitamente grande ou de um Pasteur perscrutando o infinitamente pequeno; a Industria que vae do machado de silex á turbina, da simples jangada aos grandes monitores de guerra; a Arte que vae da tatuagem e dos silvados dos primeiros potes de barro aos quadros de Miguel Angelo e de Rembrandt, da choça de colmo a S. Pedro de Roma e ao Escurial; as Letras desde Kalidasa até Goëthe; a Philosophia desde Confucio até Spencer; a dôr e a alegria, a esperança e o desalento; a coragem e a fraqueza, o amor e o odio, o pensamento, o sentimento, a vontade, são a expressão complexa e poderosa, em manifestações variadas, da alma da Humanidade; tal como a marcha dos Israelitas atravez do deserto em busca da terra da promissão; o refugio no monte Aventino; os preceitos biblicos «amae-vos uns aos outros como a vós mesmos»; a *Magna Carta* e a «declaração dos direitos do homem»; os violentos protestos da Heresia, as reivindicações luminosas da Revolução Franceza, e as conquistas do ideal socialista sobre a propria acção dos Estados, não são mais do que fórmas e momentos diversos da mesma eterna aspiração á Liberdade, a ineluctavel, a irreductivel, a luminosa condição da humana consciencia!

Hosted by Google

Os *Vedas*, a *Biblia*, a *Illiada*, a *Eneiada*, os *Niebelungen*, a *Divina Comedia*, o *Hamlet*, o *Fausto*, os *Luziadas*, o *Don Quixote*, não são obras de um homem, de um povo, de uma raça; representam as mais altas culminações attingidas pela intelligencia e sabedoria humanas!

Do *Don Quixote* se pode dizer o que disse da *Divina Comedia* El-Rei D. Pedro V, de tão saudosa memoria, — meteoro brilhante que illuminou o throno portuguez, solio de tantas individualidades primaciaes: — «é um livro que é ao mesmo tempo uma epopeia e um drama, uma philosophia e uma historia, uma satira e a mais varonil das elegias que o coração humano jámais inspirou.»

Com Portugal, mais especialmente, tem Miguel de Cervantes e a sua obra muito particulares ligações.

Cervantes partilha em Argel os agrores do exilio com o que foi no seculo Manuel de Sousa Coutinho, e com o nome de Frei Luiz de Sousa illuminou, de uma cella, com a luz mais intensa e pura, a historia e as lettras patrias; n'uma sua novella converte em heroe de um romanesco episodio esse seu companheiro de infortunio, «el enamorado portugues»;[1] absorvido Portugal pela co-

---

[1] *Trabajos de Persilis y Sigismunda*, publicada pela 1.ª vez em Madrid em 1617, e no mesmo anno em Lisboa, por Jorge Rodrigues:

«Cap. X.— *De lo que contó el enamorado portugues.*— Con mas breves razones de las que sean posibles, daré fin á mi cuento, con

Hosted by Google

rôa de Castella, vem Cervantes a Thomar receber ordens de Philippe II para missão de importan-

---

darle al de mi vida, si es que tengo de dar credito á cierto sueño que la pasada noche me turbó el alma.

«Yo, señores, soy portugues de nacion, noble en sangre, rico en los bienes de fortuna, y no pobre en los de naturaleza: mi nombre es Manoel de Sosa Coutiño, mi patria Lisboa y mi ejercicio el de soldado: junto à la casa de mis padres, casi pared en medio, estaba la de otro caballero del antiguo linage de los Pereiras, el cual tenia solo una hija, unica heredera de sus bienes, que eran muchos, báculo y esperanza de la prosperidad de sus padres, la cual por el linaje, por la riqueza y por la hermozura era deseada de todos los mejóres del Reyno de Portugal; y yo, que como mas vecino de su casa, tenia mas comodidad de verla, la miré, la conocí y la adoré con una esperanza mas dudosa que cierta, de que podria ser viniese á ser mi esposa; y por ahorrar de tiempo y por entender que con ella habian de valer poco requiebros, promesas ni dádivas, determiné de que un pariente mio se la pidiese á sus padres para esposa mia, pues ni en el linaje, ni en la hacienda, ni aun en la edad diferenciábamos en nada. La respuesta que trajo fue, que su hija Leonora aun no estaba en edad de casarse, que dejase pasar dos años, que le daba la palabra de no disponer de su hija en todo aquel tiempo sin hacerme sabidor dello. Llevé este primer golpe en los hombros de mi paciencia y en el escudo de la esperanza: pero no dejé por esto de servirla publicamente á sombra de mi honesta pretension, que luego se supo por toda la ciudad; pero ella retirada en la fortaleza de su prudencia y en los retretes de su recato, con honestidad y licencia de sus padres admitia mis servicios, y daba á entender, que si no los agradecia con otros, por lo menos no los desestimaba.

«Sucedió que en este tiempo mi rey me envió por capitan general á una de la fuerzas que tiene en Berbería, officio de calidad y de confianza: llegóse el dia de mi partida, y pues en el no llegó el de mi muerte, no hay ausencia que mate, ni dolor que consuma; hablé á su padre, hicele que me volviese á dar la palabra de la espera de los dos años; tuvome lastima, porque era discreto, y consintio que me despediese de su mujer y de su hija Leonora, la cual, en compañia de su madre, salio á verme à una sala, y salieron con ella la honestidad, la gallardia y el silencio. Pasméme cuando vi

Hosted by Google

cia; na esquadra do Marquez de Santa Cruz toma parte na conquista dos Açores; em Portugal se

---

tan cerca de mi tanta hermosura; quise hablar, y añudóseme la voz á la garganta y pegóseme al paladar la lengua, y no supe ni pude hacer otra cosa que callar y dar con mi silencio indicio de mi turbacion, la cual vista por el padre, que era tan cortés como discreto, se abrazó commigo, y dijo: Nunca, señor Manoel de Sosa, los dias de partida dan licencia á la lengua que se desmande, y puede ser que este silencio hable en favor de vuesa merced mas que alguna otra retórica: vuesa merced vaya á ejercer su cargo, y vuelva en buen punto, que yo no faltaré ninguno en lo que tocare á servirle; Leonora mi hija es obediente, y mi mujer desea darme gusto, y yo tengo el deseo que he dicho; que con estas tres cosas me parece que puede esperar vuesa merced buen sucesso en lo que desea.

«Estas palabras todas me quedaron en la memoria y en al alma impresas de tal manera, que no se me han olvidado ni se me olvidarán en tanto que la vida me durare: ni la hermosa Leonora ni su madre me dijeron palabra, ni yo pude, como he dicho, decir alguna: partime á Berbería, ejercité mi cargo con satisfaccion de mi rey, dos años; volvi á Lisboa, hallé que la fama e hermosura de Leonora habia salido ya de los limites de la ciudad y del reino, y estendidose por Castilla y otras partes, de las cuales venian embajadas de principes y señores que la pretendian por esposa; pero como ella tenia la voluntad tan sujeta á la de sus padres, no miraba si era ó no solicitada. En fin, viendo yo pasado el término de los dos años, volvi á suplicar á su padre me la diese por esposa; ay de mi, que no es posible que me detenga en estas circunstancias! porque á las puertas de mi vida está llamando la muerte, y temo que no me ha de dar espacio para contar mis desventuras, que si asi fuese no las tendria yo por tales: finalmente, un dia me avisaron que para un domingo venidero me entregarian á mi deseada Leonora, cuya nueva faltó poco para no quitarme la vida de contento; convidé a mis parientes, llamé á mis amigos, hice galas, envié presentes con todos los requesitos que pudiesen mostrar ser yo el que me casaba, y Leonora la que habia de ser mi esposa. Llegóse este dia, y yo fué acompañado de todo lo mejor de la ciudad á un monasterio de monjas que se lhaman de la Madre de Dios, adonde me dijeron que mi esposa desde el dia de antes me esperaba, que habia sido su gusto que en aquel monastero se celebrasse

Hosted by Google

enamora de uma portugueza de quem tem uma filha; em Portugal escreve a sua primeira obra de

---

su desposorio con licencia del arzobispo de la ciudad. Detúvose algun tanto el lastimero caballero, como para tomar aliento de proseguir su plática, y luego dijo: Llegué al monasterio, que real y pomposamente estaba adornado; salieron a recebirme casi toda la gente principal del reino, que alli aguardandome estaba con infinitas señoras de la ciudad, de las mas principales: hundiase el templo de musica, asi de voces como de instrumentos, y en esto salió por la puerta del claustro la sin par Leonora, acompañada de la priora y de otras muchas monjas, vestida de raso blanco acuchillado con saya entera á lo castellano, tomadas las cuchilladas con ricas gruesas perlas; venia aforrada la saya en tela de oro verde, traia los cabellos sueltos por las espaldas, tan rubios que deslumbralian los del sol, y tan luengos que casi besaban la tierra, la cintura, collar e anillos que traia, opiniones hubo que valian un reino; torno a decir, que salió tan bella, tan custosa, tan gallarda y tan ricamente compuesta y adornada, que causó invidia en las mujeres y admiracion en los hombres; de mi sé decir que quedé tal con su vista, que me hallé indigno de merecerla, por parecerme que la agraviaba, aunque yo fuera el emperador del mundo.

«Estaba hecho un modo de teatro en mitad del cuerpo de la iglesia, donde desenfadadamente y sin que nadie lo empachase se habia de celebrar nuestro desposorio: subió en el primero la hermosa doncella, donde al descubierto mostró su gallardia y gentileza. Pareció á todos los ojos que la miraban lo que suele parecer la bella aurora al despuntar del dia, ó lo que dicen las antiguas fábulas que parecia la casta Diana en los bosques, y algunos creo que hubo tan discretos que no la acertaron á comparar sino á si misma: subi yo al teatro, pensando que subia a mi cielo, y puesto de rodillas ante ella, casi di demonstracion de adorarla. Alzóse una voz en el templo procedida de otras muchas que decia: Vivid felices y luengos años en el mundo, oh dichosos y bellisimos amantes; coronen presto hermosisimos hijos vuestra mesa, y á largo andar se dilate vuestro amor en vuestros nietos; no sepan los rabiosos celos ni las dudosas sospechas la morada de vuestros pechos; rindase la invidia a vuestros pies, y la buena fortuna no acierte á salir de vuestra casa.

«Todas estas razones y deprecaciones santas me colmaban el

Hosted by Google

valor, a *Galatea;* particular estima dedica ás nossas lettras, e não só na educação cavalheiresca do seu

---

alma de contento, viendo con que gusto general llevaba el pueblo mi ventura: en esto la hermosa Leonora me tomó por la mano, y asi en pie como estabamos, alzando un poco la voz, me dijo: Bien sabeis, señor Manoel de Sosa, como mi padre os dió palabra que no dispondria de mi persona en dos años, que se habian de contar desde el dia que me pedistes fuese yo vuestra esposa, y tambien, si mal no me acuerdo, os dije yo, viendome acosada de vuestra solicitud y obligada de los infinitos beneficios que me habeis hecho, mas por vuestra cortesia que por mis merecimientos, que yo no tomaria otro esposo en la tierra sino á vos: esta palabra mi padre os la ha cumplido, como habeis visto, y yo os quiero cumplir la mia, como vereis; y asi porque sé que los engaños, aunque sean honrosos e provechosos, tienen un no sé qué de traicion cuando se dilatan y entretienen, quiero, del que os parecerá que os he hecho, sacaros en este instante. Yo, señor mio, soy casada, y en ninguna manera siendo mi esposo vivo, puedo casarme con otro; yo nos os dejo por ningun hombre de la tierra, sino por uno del cielo, que es Jesucristo, Dios y hombre verdadero: él es mi esposo, á el le dé la palabra primera que á vos á él sin engaño y de toda mi voluntad, y á vos con disimulacion y sin firmeza alguna: yo confieso que para escoger esposo en la tierra ninguno os pudiera igualar, pero habiendole de escoger en el cielo, ¿quién como Dios? Si esto os parece traicion ó descomedido trato, dadme la pena que quisiérdes y el nombre que se os antojare, que no habrá muerte, promesa ó amenaza que aparte del Crucificado esposo mio. Calló, y al mismo punto la priora y las otras monjas comenzaron á desnudarla y á cortarle la preciosa madeja de sus cabellos: yo enmudeci, y por no dar muestra de flaqueza tuve cuenta con reprimir las lagrimas que me venian á los ojos, y hincándome otra vez de rodillas ante ella, casi por fuerza la bezé la mano, y ella cristianamente compasiva me echó los brazos al cuello, alcéme en pie, y alzando la voz de modo que todos me oyesen, dije: *Maria optimam partem elegit;* y diciendo esto me bajé del teatro, y acompañado de mis amigos me volvi á mi casa, donde yendo y viniendo con la imaginacion en este extraño suceso, vine casi á perder el juicio, y ahora por la misma causa vengo á perder la vida; y dando un grande suspiro, se le salió el alma, y dio consigo en el suelo.»

Hosted by Google

Don Quixote dá aos auctores portuguezes a primazia, mas poupa-os, com honrosas referencias, no auto de fé em que é destruida a sua livraria: — o *Amadis de Gaula* porque «fué el primer libro de caballerias que se imprimió en España, y todos los demás han tomado principio y origen deste» e «es el mayor de todos los libros que en este genero se han compuesto»; o *Palmeirim de Inglaterra* que recommenda «se guarde y conserve como á cosa unica», porque «tiene autoridad por dos cosas: la una porque es muy bueno, y la otra porque es fama que le compuso un discreto rey de Portugal»; á *Diana* de Jorge de Montemayor attribue «la honra de ser primero en semejantes libros».[1] E tudo isso representa da parte de Cervantes o reconhecimento da primazia das lettras portuguezas nos generos da litteratura cavalheiresca e da litteratura bucolica, que tão frondentes e floridas se tornaram em toda a Hespanha.

Além d'isso, quasi ao mesmo tempo que em janeiro de 1605 se fazia em Madrid a 1.ª edição da primeira parte de *Don Quixote*, faziam-se em Lisboa outras duas,[2] com o intervallo de dois mezes, e outra ainda em seguida; de modo que todas as de-

---

[1] *El engenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha.* Primeira parte, cap. VI.

[2] Na nota que abre a traducção do *Don Quixote* pelo Visconde de Benalcanfor e D. Luis Breton y Vedra ha referencia a tres edições de Lisboa em 1605, em vez de duas que são geralmente conhecidas. Agora, porém, a proposito do centenario do immortal livro, acaba de ser assente que ha realmente tres edições de Lisboa, apre-

Hosted by Google

mais edições de Hespanha, a começar pela 2.ª de Madrid e 1.ª de Valencia, tambem d'esse anno, são posteriores a essas tres da capital portugueza.[1]

Que mais é necessario para explicar o vivo interesse de Portugal pelo *Don Quixote* e pelo seu immortal auctor?

---

sentando a que era considerada segunda duas portadas distinctas, o que leva a suppôr que foram feitas na mesma occasião.

O jornal *El Pais,* de Madrid, de 8 de maio ultimo, dando noticia da Exposição Cervantina realizada n'aquella cidade, dá a seguinte interessante informação:

«La mayor curiosidad que hemos notado y que adquirimos merced á nuestro querido amigo el eminente archivero sr. Pérez Pastor, lo fué el que una de las dos primeras ediciones de las hechas en Lisboa en 1605, contiene dos ejemplares con diferentes portadas, siendo una de ellas la que figura con el num. 3 del catálogo, cuyas figuras de la portada son: en una, un caballero lanza en riste y su escudero, en tanto que la otra son dos caballeros armados con toda clase de arreos. Por lo tanto, puede afirmarse que siendo tres las ediciones de Lisboa, una mas de las que se tenia noticia hasta ahora, son siete las que se hicieron en 1605.»

[1] N'uma lista das «ediciones españolas publicadas desde su aparicion en el año de 1605 hasta 1894» encontramos o seguinte, a abrir o rol:

1605 — Madrid.— Francisco de Robles.— J. de la Cuesta.
1605 — Lisboa.— Jorge Rodriguez ...
1605 — Idem.— Pedro Crasbeck ...
1605 — Madrid.— Francisco de Robles.— J. de la Cuesta.
1605 — Valencia.— P. Patricio Mey...

Temos, pois, de accrescentar mais um *idem* entre a terceira e a quarta. E assim no anno de 1605 as edições da 1.ª parte do *Don Quixote* teem as seguintes procedencias:

1.ª — Madrid.
2.ª — Lisboa.
3.ª — Lisboa.
4.ª — Lisboa.
5.ª — Madrid.
6.ª — Valencia.

Hosted by Google

Pode-se bem dizer que Lisboa tem o mesmo direito e o mesmo dever que Madrid, de celebrar o centenario da obra prima cervantina.

*
* *

Em 7 de outubro de 1571 travava-se nas aguas de Patras, na ponta Scropha, a celebre batalha naval que na historia ficou sendo conhecida pela batalha de Lepanto. Uma liga de christãos oppunha-se á crescente invasão do poder musulmano, que os proprios christãos haviam trazido pela mão para o meio das suas pugnas, abrindo caminho aos triumphos de Cáer-Eddin, o celebre *Barba Ruiva,* e á memoravel conquista de Tunis. Em Lepanto o joven Cervantes combatia denodadamente, fazendo parte do pessoal da esquadra de D. Alvaro de Bazan, Marquez de Santa Cruz, e alli perdia o braço esquerdo. Com esse cruento baptismo de fogo abria a sua carreira de soldado e de aventureiro.

Mezes depois eram dados á estampa em Lisboa os *Luziadas* de Luiz de Camões.

Em Lepanto se celebrava pela bocca de arcabuzes e de bombardas poderosas um dos feitos derradeiros d'essa epopeia de glorias e triumphos, que chegara ao seu apogeu com Carlos V e que ia declinando no occaso, como irisado balão que, tendo ascendido ás maiores alturas, vinha tombando para a terra, esvasiado e frouxo. Era o declinar de um

Hosted by Google

astro que brilhara em toda a intensidade da sua luz, mas que apenas scintillava agora aos arroxeados raios do entardecer, como a armadura de aço de um cavalleiro cançado da jornada.

Nos *Luziadas* celebrava-se em estrophes de ouro a aurora de um novo mundo, o alvorecer de um novo astro, o apparecimento de uma sociedade nova. Era o poema da Renascença, que correspondia ás aspirações e idéas absolutamente renovadas, que vinham de ha muito transformando a face da terra.

Mas em Hespanha, como em toda a Europa, sob o arnez do cavalleiro antigo, batalhador e utopista, n'uma nova especie de Cavallaria andante, transparecia o saio burguez de quem queria canalisar as aventuras no sentido das necessidades creadas pelo espirito novo, todo elle expansão e largueza, por esses mares infinitos, por essas longas terras conquistadas, á busca de mercados onde se abastecessem e de riquezas que saciassem as ambições crescentes.

O manco de Lepanto, navegando n'um navio de guerra no Mediterraneo, era feito prisioneiro pelos piratas africanos e conduzido captivo para Argel. Alli os seus soffrimentos, as suas luctas, as suas tantas vezes mallogradas tentativas para libertar, por meio do resgate ou da evasão, ou da revolta, tantos christãos e tantos seus compatriotas, do captiveiro que os opprimia; as extraordinarias peripecias da sua vida e as affrontas e

Hosted by Google

perseguições soffridas por incitamento e malevolencia, até de um proprio que se dizia sacerdote da religião de Christo, toda ella amor e caridade, apresentam-nos Cervantes como um verdadeiro cavalleiro andante da fortuna, perseguindo ideaes de bem, luctando, expondo-se, padecendo, para acudir aos desvalidos, tomando sobre os seus hombros as responsabilidades dos outros, e tendo por coisa somenos a vida, a cujo preço muitas vezes procurou e logrou comprar a liberdade e a salvação dos companheiros. A isto tudo correspondia, na sua patria, um moroso e tardo empenho pelo seu resgate, que nunca se teria realisado por esse caminho!

N'esse captiveiro se relacionou com o portuguez Manuel de Sousa Coutinho, cujo engenho e galhardia proclama, e a quem dá logar carinhoso na sua obra.[1] Era o futuro dominicano que tão alto havia

---

[1] «Não proseguiu (Manuel de Sousa Coutinho) os estudos na Universidade; antes, deixando-os logo, entrou na Religião de Malta. E fazendo viagem para esta Ilha, ao sahir de Sardenha, aonde obrigado de hum grave temporal, e quasi derrotado de todo tinha ido arribar, foi cativo de hum corsario de mouros, e juntamente seu irmão André de Sousa Coutinho, Cavalleiro tambem da mesma Religião. Levado a Argel, alli achou entre os cativos o illustre e ingenhozissimo Miguel de Cervantes, com quem logo contrahiu estreita amizade. Em testemunho della o introduziu Cervantes em hum episodio da sua celebre Novella dos *Trabalhos de Persiles e Segismunda.*»—*Vida do Padre Fr. Luiz de Souza e juizo sobre os seus escriptos,* que abre o volume da *Vida do Beato Suso.*

«Em Argel, diz Barboza, *achou* (Manuel de Soisa) *entre os cativos o celebre Miguel Cervantes de Saavedra, com quem contrahiu muito estreita amisade;* e allega em prova hum dos lugares da No-

Hosted by Google

de erguer as lettras patrias, e que, antes de se acolher ao silencio de um claustro, servira na ordem de Malta, alli fizera nas armas o seu noviciado, e, como todo o bom aventureiro portuguez d'esse tempo,—cujo typo mais completo, e em theatro mais vasto, se encarna em Fernão Mendes Pinto,—correu, ao par das aventuras das armas, por mares europeus e africanos, as aventuras de negocio nas longinquas empresas do Panamá, as do amor em muitos pontos, e as da desgraça em toda a parte!

Comprehende-se a amizade que uniria no captiveiro aquelles dois espiritos. Tambem na sua obra muitas vezes se encontram os dois, embora por caminhos diversos.

Como muito bem observa Alexandre Herculano, Frei Luiz de Sousa deleita-se nos *Annaes de D. João III* em narrar successos de Africa e em «descrever miudamente os sitios dos rencontros e correrias», e, relembrando ter sido a Africa, com D. João I e D. Affonso V, o nosso theatro cavalheiresco, «a sua alma grandemente poetica se compraz nas memorias d'aquelle theatro, onde até

---

vella de Cervantes que se intitula *Trabalhos de Perciles e Segismunda*. Não pode negar-se o encontro com Miguel Cervantes; porque de huma parte Manuel de Soisa assina o seu cativeiro no anno de 1577 em que Cervantes, cativo desde 26 de setembro de 1575, certamente se achava escravo em Argel; e de outra parte Cervantes no dito lugar mostra conhecimento de Manuel de Soisa, que se não pode admitir bem a propozito procedido de outra occazião.»—*Memoria historica e critica ácerca de Fr. Luiz de Soiza e das suas obras*, por D. Francisco Alexandre Lobo.

Hosted by Google

mais tarde luziu o astro do puro, nobre e desinteressado esforço portuguez, convertido na Asia, havia já muito, em cubiça sanguinaria de mercadores.»[1]

Tambem na Ordem de Malta tivera Frei Luiz de Sousa a sua escola cavalheiresca, embora menos bellicosa, como Cervantes a do marquez de Santa Cruz, com quem combatera em Corfú e nos Açores, de Colonna, na jornada do Levante, e de D. João d'Austria na tomada do forte da Goleta e da cidade de Tunis.

«A religião de S. João de Jerusalem offerecia particularmente n'aquelle tempo aos moços nobres tudo quanto podia mover em alto grau a sua justa cobiça: frequentes opportunidades de servir a causa do christianismo contrastando os seus inimigos; escola muito activa de valor e arte da guerra; companheiros, no primor e esforço, dignos de emulação; esperanças de honesta fortuna pelos meios de merecimento e de serviço.»[2]

Como a ambos levara o noviciado das armas ás agruras do captiveiro, assim tambem a ambos o noviciado da aventura mercantil acarretou desillusões e enfados. Ambos tiveram no amor

flor que cresce entre espinas y entre abrojos[3]

---

[1] *Annaes de El-Rei Dom João Terceiro.* Publicados por A. Herculano. *Advertencia Preliminar.* XXI.

[2] D. Francisco Alexandre Lobo. *Memorias,* t. II.

[3] Verso de Cervantes.

Hosted by Google

as mais radiosas visões da felicidade e as mais profundas amarguras.

A ambos, finalmente, o culto pelas lettras os converteu em escriptores da maior nomeada no seu paiz, embora a estrella de Cervantes remontasse mais alto, sendo todavia de um fulgor intenso e bello a do eminente Chronista de S. Domingos.

«Por uma notavel casualidade, diz o bispo D. Francisco Alexandre Lobo, o maior engenho hespanhol e um dos melhores engenhos de Portugal soffrerão no mesmo ponto de lugar e tempo os rigores de uma sorte durissima, que um e outro não mereciam.» [1]

Fosse longo ou curto, assiduo ou interrupto esse convivio dos dois grandes espiritos, o bastante foi para crear em Cervantes estima e amizade pelo portuguez, que faz figurar com o seu nome todo (embora lhe erre o logar do nascimento, dizendo ser Lisboa em vez de Santarem, e lhe dar morte prematura) na sua obra que mais apreciava, e parecia considerar ainda mais que o proprio *Don Quixote*: — *Trabajos de Pérsilis y Sigismunda.* [2]

---

[1] D. Francisco Alexandre Lobo. *Memorias,* t. II.

[2] *Trabajos de Pérsilis y Sigismunda.* || Liv. I. || Cap. X. || «De lo que contó el enamorado portugues», e Liv. III, cap. I.— «Llegan a Portugal, desenbarcan en Belen: passan por tierra a Lisboa, de donde al cabo de diez dias salen en traje de peregrinos.» Seria interessante indagar até onde chegou o conhecimento que em Argel teve Miguel de Cervantes do futuro e eminente auctor da *Historia de S. Domingos;* porque, comquanto na referida novella cite o seu nome por completo, dizendo, na narrativa que lhe põe na bocca: —«yo, señores, soy portugués de nacion, nobre en sangre, rico en

Hosted by Google

No captiveiro, onde continuou muitos annos depois de Manuel de Sousa Coutinho, teve Cervantes noticia do tremendo desastre da nacionalidade portugueza — a derrota de Alcacer Kibir, e a desgraça subsequente, — a integração de Portugal na corôa de Castella.

Consubstanciado no papel que o seu paiz estava desempenhando na tela da politica do mundo, e representando elle proprio um papel egual, aventureiro e audaz, — mal liberto dos carceres de Argel, veiu ter em maio de 1581 com Filippe II a

---

los bienes de fortuna, y no pobre en los de naturaleza: mi nombre es Manoel de Sosa Coutiño, mi patria Lisboa y ejercicio el de soldado», — é certo que não só lhe erra a naturalidade, e lhe attribue na mocidade um episodio altamente romanesco, que da sua biographia não consta, mas até o dá por fallecido ao escrever a referida novella (pelos annos de 1616) e até publica um seu epitaphio curiosissimo no referido cap. I do liv. III. — É de certo tudo phantasia novellesca bordada em volta do nome do seu companheiro no captiveiro de Argel, e porventura engrandecido sobre algum episodio da sua mocidade que por este lhe fôra referido. Seria de interesse uma pesquisa n'este sentido, se ella é possivel de se realizar com elementos seguros. Em todo o caso de pouco tempo foram as relações dos dois captivos.

Eis o trecho em que falla de Manuel de Souza Coutinho:

«Acaeció pues, que al salir un dia de casa, un hombre Portugues se arrojó a los pies de Periandro, llamandôle por su nombre, y abraçandole por las piernas le dixo: Que ventura, señor Periandro, que la des a esta tierra con tu presencia? no te admires en ver que te nombro por tu nombre, que uno soy daquelles veynte que cobraron libertad en la abrasada isla Barbara, donde tu la tenias perdida, halleme a la muerte de Manoel de Sosa Cuytiño, el cavallero Portugues aparteme de ti, e de los tuyos en el hospedaje, donde llegó Mauricio y Ladislao en busca de Transila, esposa del uno, y hija del otro, truxome la buena suerte a mi patria, conte aqui a sus parientes la enamorada muerte, creyeronla, y aun que

Hosted by Google

Thomar, onde então o rei se achava de visita á sua nova conquista ou herança, e alli recebeu credenciaes para negocios que foi tratar á Austria, dizem uns, a Oran, segundo outros.

Novamente voltou a Portugal. Seria durante essas estadas entre nós que teria travado relações com a portugueza de quem teve uma filha, D. Izabel Saavedra, a qual mais tarde foi o amparo e enlevo da sua velhice, o acompanhou uma vez no carcere,[1] e noviça no convento onde seu pae foi enterrado,[2] continuou velando-lhe o seu derradeiro

---

yo le afirmara de vista, la creyeran, por tener casi en costumbre el morrir de amores los Portugueses; un hermano suyo, que heredó su hacienda, ha hecho sus obsequias y en una capilla de su liñage, le puso en una piedra de marbol blanco, como se debaxo della estuviera enterrado, un epitafio que quiero que vengays a ver todos, assi como estays, porque creo que os ha de agradar por discreto, y por gracioso. Por las palabras bien conocio Periandro, qué aquel hombre dezia verdad, pero por el rostro no se acordaua auerle visto en su vida, com todo esso se fueron al templo, que dezia, y vieron la capilla y la losa, sobre la qual estaua escrito em lengua Portuguessa este epitafio, que leyó casi an Castellano Antonio el padre, que dezia assi: *Aqui yaze viva la memoria del ya muerto Manuel de Sosa Coytiño, Cauallero Portugues, que a no ser Portugues aun era viuo, no morio a las manos de ningun Castellano, sino a las de amor, que todo le puede; procura saber su vida y enbidiarás su muerte, passajero.*»

[1] Na noite de 27 de março de 1603 foi Cervantes preso com a filha, irmã e sobrinha, porque, tendo sido ferido debaixo das suas janellas um tal D. Gaspar de Espeleta, o recolheu Cervantes, tornando-se por isso suspeito de crime, e sendo a propria filha mettida como heroina no nocturno caso.

[2] Convento das Trinitarias de Madrid. «Mandóse enterrar en las monjas trinitarias, que se habian fundado quatro años antes en la calle del Humilladero, ya por la predileccion que siempre tuvo á esta sagrada órden, ya porque se hallaba de religiosa profesa su

Hosted by Google

e eterno somno, como elle lhe bebera no berço os primeiros sorrisos,[1] e foi de certo durante a sua ultima estada em 1583 que escreveu a *Galatea,* dada á luz da publicidade poucos mezes depois,[2] e que

---

hija Doña Isabel, y acaso alguna otra persona de su particular consideracion.» Fernandes de Navarrete. *Vida de Cervantes*, 1819, pag. 189.

[1] Em todas as biographias antigas de Cervantes se encontra a informação do grande escriptor ter tido sua filha D. Izabel Saavedra de uma portugueza, por occasião de uma das suas duas estadas em Portugal; todavia, em artigos publicados na *Ilustracion Española y Americana* de 1882, 1883 e 1889, com o titulo *La hija de Cervantes,* pretendeu Julio de Siguenza provar que D. Izabel é filha legitima de Cervantes e de sua mulher D. Catalina Palacios y Salazar, e que não professou, antes casou duas vezes. Ha poucos dias, n'um artigo firmado por Wanderer e publicado no n.º 310 da revista *Al rededor del Mundo,* de Madrid, a proposito de um retrato da filha de Cervantes, que diz ter comprado a um ferro velho, e que reproduz, apoia-se o auctor em varias auctoridades para dizer que D. Izabel de Saavedra não é filha legitima do grande escriptor, mas sim filha natural; todavia que não a tivera Cervantes de uma portugueza, mas sim de Anna Franca (por outros chamado Anna de Villafranca e Anna de Rogas), solteira, que vivera em Madrid, e com quem se relacionou o poeta quando foi de Portugal, amando-a mais profundamente que a nenhuma outra, durando comtudo pouco essas relações, que rompeu para casar com Catalina de Palacios.

Tambem Navarro y Ledesma, no seu recente livro sobre Cervantes, acceita a versão de ser D. Izabel filha de Anna Franca «a quien amó como á otra ninguna», e de que não professou, mas casou.

É, como se vê, uma questão controversa, que não está liquidada; e nós, como bons portuguezes, segundo a opinião dos antigos, principalmente de Navarrete e do marquez de Molins, por algums modernos biographos seguida, não ficamos em muito má companhia.

[2] «Ese fecundo germen (litterario) commenzó a dar sus frutos durante el cautivero del ilustre novelista, y dioles tal vez tanbien durante su estancia en Portugal, puesto que pocos meses despues

Hosted by Google

o recentissimo biographo de Cervantes já citado, Navarro y Ledesma, chama «el poema del Tajo».

Como Tirso de Molina,[1] tem enthusiasmos e elogios quando falla de Lisboa e dos seus encantos, na novella *Pérsilis y Sigismunda*[2] e na *Galathea*.[3]

---

de su segundo regresso á España dio á la estampa su primera produccion de importancia *La Galatea.*» *Dic. Encicl. Hispano-Americano.* CERVANTES.—É da mesma opinião no seu já referido livro o sr. Francisco Navarro y Ledesma: «y no se dudará que en tan repuesto y regalado sitio (Lisboa) nació el pensamiento y la obra de *La Galatea,* primicias del ingenio de Miguel, donde si se conservan y archivan mil remembranzas de Italia, en el habla y en la inspiración manifestas, y se ven reminiscencias claras de los umbrosos valles de Cerdeña y de las grutas de Nápoles y de los jardines de Corfú, más, mucho más es lo que se debe a ese gran creador que Tajo llaman.» O auctor é mesmo de opinião que «la ficcion ó pequeño conflicto semidramatico que forma el nudo de la *Galatea* alude á algun hecho ocurrido en la corte (era então em Lisboa), quizas entre dama portuguesa y caballero español, ó al contrario.» *El ingenioso hidalgo Miguel de Cervantes, sucesos de su vida contados por Francisco Navarro y Ledesma,* cap. XXVII. Madrid, 1905.

[1] *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra.* Acto I, scena 14.—Vidè *Appendice.*

[2] Liv. III, cap. X. Quando no navio em que vinham uns personagens da novella *Pérsilis y Sigismunda* avistam Lisboa, um grumete grita da gavea maior: «Albricias, señores, albricias pido y albricias meresco: tierra, tierra, aunque mejor diria cielo, cielo; porque sin duda estamos en el paraje de la famosa Lisboa.»

[3] «La permanencia y detencion que con este motivo hizo en Portugal le proporcionaron estudiar y conocer aquelle pais, y las costumbres y usos de sus habitantes, de quienes fue acogido sin duda con benevolencia, y apreciado como lo exigia su distinguido merito. Su edad que aun conservaba la lozania y vigor de la juventud, su caracter bondadoso y apasionado, y su viva y penetrante imaginacion le encaminaron naturalmente al amor, y á dar á conocer los accidentes de esta pasion en sus poesias y escritos. Decia que todos los moradores de Lisboa *son agradables, son corteses,*

Hosted by Google

Vae na forte armada com que o seu antigo chefe, o marquez de Santa Cruz, atacou as ilhas dos Açores, que altiva e denodadamente continuavam sustentando a causa portugueza; tem em sua companhia seu irmão Rodrigo, n'essa bellica empresa elevado ao posto de alferes; e, finalmente, toma parte na acção naval de S. Miguel de 25 de julho e no sangrento desembarque na Terceira em 15 de setembro de 1582.[1]

---

son liberales, y son enamorados porque son discretos; y que la hermosura de las mugeres admira y enamora: ponderaba la lengoa portuguesa de *dulce y agradable:* llamaba á Lisboa *hermosa y gran ciudad,* y á aquel país *tierra de promision.* En tales circunstancias hay lugar de presumir que contrajo relaciones de amistad y galanteria con alguna dama portuguesa, de quien tuvo por este tiempo una hija natural, que se llamó Doña Izabel de Saavedra, la cual aun casado su padre le siguió en sus varios destinos, y vivia en su compañia y en la de su muger cuando se hallaban estabelecidos en Valladolid mientras permaneció alli la corte de Felipe III. Lo cierto es que Cervantes conservó tan viva la memoria de la buena acogida y franca hospitalidad que recibió en Portugal, que jamas pudo dejar de ser un panegirista de la cultura y religiosidad de aquella ilustre nacion, y de las nobles prendas de sus naturales; como se advierte en muchos de sus escriptos, especialmente en el libro tercero del *Pérsiles,* donde resalta su juicio y discernimiento á la par de su gratitud y generosidad.» Navarrete. *Op. cit.*

[1] Fernandez Navarrete diz que Cervantes sahindo de Argel veiu para Portugal, onde estava seu irmão Rodrigo, no exercito de occupação, e que naturalmente veiu incorporar-se no seu antigo terço, o de mestre de campo general D. Lopo de Figueirôa, no qual fez a campanha das Ilhas Terceiras em 1582 e 1583: «Cervantes assegura haberse hallado en esta expedicion (1582) con su hermano Rodrigo aunque sin especificar otras particularidades ni circunstancias... Ambos servieron tambien en la jornada del año seguinte, que fué una consequencia de la anterior...» *Vida de Cervantes,* pag. 61 e 62 e 129 a 133.

«Consta que por mar y por tierra tomó parte Cervantes en la

Hosted by Google

Entretanto Camões morria n'um hospital, e baixava á terra fria, como que envolto no sudario das tristezas da patria!

Cervantes continuava ainda, como o seu paiz, na curva ascendente do seu destino cavalheiresco. A Hespanha estava no seu papel «como fuese, diz um escriptor castelhano, un nuevo Paladin destinado a vencer al mundo para imponerle una sola fé y una sola ley».

Se o irmão sahira d'esta guerra augmentado em posto, Miguel Cervantes a deixava diminuido,— se não de um braço, como em Lepanto, de muitas illusões e esperanças que puzera na carreira das armas, e nas recompensas devidas aos seus serviços.

Tambem em Portugal Affonso de Albuquerque morria apunhalado pela affrontosa ingratidão dos poderes publicos em caminho de Goa, sua gloriosa conquista; Duarte Pacheco, «o Achilles portuguez»,

---

campaña de esos tres años (1581–1583) pues il mismo dijo en un memorial dirijido al Rey, que después de cautivados el y un hermano Rodrigo, fueron a servir su Magestade en el reino de Portugal y a las Terceras con el marqués de Santa Cruz. Pero no hay noticias positivas de sus aventuras y hechos de armas en estas expediciones; solo sabemos que por aquellos tiempos fué enviado de Mostagan con cartas y avisos del alcaide de aquella fortaleza para Felipe II, quien le mandó pasar a Oran.» *Diccionario Enciclopedico Hispano-Americano.* Art. CERVANTES.

«Tanbien con esta epoca debieron coincidir ciertos amores con una dama portuguesa, de quien hubo una hija natural llamada D.ª Isabel de Saavedra que formaba despues parte de su familia.» *Vida de Miguel de Cervantes.* Bibliotheca de autores españoles por Aribau, vol. I. Madrid, 1860.

Hosted by Google

tinha o carcere por premio das suas façanhas, só eguaes na historia ás do spartano Leonidas; e Antonio Galvão, o «Apostolo das Molucas», e o immortal Luiz de Camões tinham por toda recompensa um catre n'um hospital!

Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei e á lei servem de muro! [1]

E continuou Cervantes aos baldões da fortuna, de esforço em esforço, de aventura em aventura, de tentamen em tentamen, até ir parar de novo,—agora sob o céo da patria,—ao silencio e ás tristezas de um carcere!

E foi aqui,—passando em revista tanto afan inutil, tanta illusão desfeita, tanta aspiração vã em que consumira a vida, á busca do Bem, do Bello e da Justiça, tal qual como um esforçado Cavalleiro Andante, julgando bastar para isso o impulso da alma e a fé do coração—, foi aqui, abandonado e esquecido, tão amputado no corpo como nas illusões do seu espirito, que elle, fazendo o balanço da sua tão accidentada existencia, teve a visão nitida da missão da sua patria, tão semelhante e tão parallela com a d'elle!

E escreveu então o *Don Quixote,* que não é mais do que a liquidação brilhante de toda essa vida de cavallaria andantesca, em que não só a sua patria, mas a Europa toda, até então gastara o melhor das

[1] *Luziadas,* canto x. 23.

Hosted by Google

suas forças e o mais bello dos seus ideaes, por diversa fórma, mas com illusão egual, e que tendo razão de ser, e valor, e virtude e gloria nos tempos volvidos, era já nulla e contraproducente agora que outros interesses, outras aspirações, outras idéas animavam a alma da patria e do mundo!

E *Don Quixote* ficou sendo esse luminoso inventario do passado grandioso, bello, mas já extincto, sem voz para fallar á consciencia moderna; ornamental e pomposo como os hirtos arnezes alinhados nas armarias; do mesmo modo que os *Luziadas* ficaram representando o alvorecer de um novo dia, de uma nova era, de uma nova sociedade, — o canto inicial de um mundo novo, da alliança do Occidente com o Oriente, da actividade commercial, financeira, fabril, que fazia mover todos os braços e arquejar todos os peitos!

Diz Byron no *Don Juan*[1] que «a voz de Cervantes, anniquilando a Cavallaria hespanhola, de um golpe privou a sua patria do seu braço direito; que depois d'isso raramente a Hespanha teve heroes; que emquanto a Hespanha parava encantada

---

[1] Cervantes smiled Spain's chivalry away
A single laugh demolish'd the right arm
Of his own country; seldom since the day
Has Spain had heroes. While Romance could charm.
The world gave ground before her bright array;
And therefore have his volumes done such harm,
That all their glory, as a composition,
Was dearly purchased by his land's perdition.

Byron. *D. Juan,* canto XIII, 11.

Hosted by Google

a escutar os romances da Cavallaria andante, o mundo avançava, abrindo caminho ás suas phalanges luzentes; e que tamanho foi o mal produzido pela obra de Cervantes que o preço da sua gloria litteraria foi a ruina da sua patria!»

Blasphemias de poeta, que se deixa enlevar nos chistes e sainetes com que a obra de Cervantes se atavia, e á philosophia não pede uma luz, embora tenue, que o leve a penetrar no que n'essa obra existe de profundo, de grave e de melancholico!

Nem a Hespanha, que com Colombo iniciou a civilisação da America, se conservou extranha ao movimento da Renascença, antes o acompanhou com denodo e brilho; nem escassearam heroes na historia d'esse povo tão fundamentalmente bravo, embora tivesse passado a epocha dos grandes heroismos bellicosos; nem o livro de Cervantes é um epitaphio, mas antes um grito de alarme! A Hespanha não morrera; ia caminhando inconsciente para a decadencia; era mister despertal-a!

Não é o livro de um pessimista ou de um sceptico; não é a obra de um iconoclasta; é, pelo contrario, uma licção, uma advertencia, um sacudir violento de folhas mortas para que as novas frondes rebentem e verdejem illuminadas do sol! «É, na opinião de um critico do vizinho reino, o echo do bom senso e da experiencia que põem as coisas no seu devido ponto, e indicam ao homem o caminho que deve seguir na vida para se livrar de

Hosted by Google

deploraveis extravios. Se ha n'ella alguma philosophia, não é senão a do senso commum e da razão pratica.»

Essa razão pratica, esse senso commum, estão representados em Sancho Pança, o ardiloso, o pachorrento, o commodista, o interesseiro Sancho Pança; crendeiro, guloso, linguareiro; poltrão e ousado, matreiro e ingenuo, subserviente e altivo, calculista e sincero, egoista e dedicado a um tempo;—imagem viva da alma popular de todas as epochas:—fetichista, cesarista, demagogo, messianista; duvidando de todas as superioridades, mas deixando-se dominar e conduzir por ellas; nem sempre sabendo distinguir o heroe do bandido, o homem de saber do charlatão, o verdadeiro santo do milagreiro; soffrendo por egual maneira a acção directora de Christo ou de Torquemada, de Socrates ou de Pasquino, de Arlequim ou de Cesar!

Byron, poeta vibrante de emoção e *humour,* e que tinha como «a coisa mais deliciosa do mundo o lêr o *Don Quixote* no original»,[1] só viu n'elle a caricatura brilhante e caustica; não comprehendeu o alcance da satira, que como as de Aristophanes e de Molière fazem rir, é certo, mas fazem sobretudo meditar, reflectir, chorar ás vezes, e enchem o espirito de uma grande melancholia! E nenhum

---

1 To read Don Quixote in the original
A pleasure before which all others vanish.

Byron. *Don Juan,* canto XIV, 98.

Hosted by Google

livro é tão profundamente suggestivo de tristeza como o de Cervantes!

Pobre Don Quixote! o que podia elle fazer com o seu arnez desprendido de uma velha panoplia ferrugenta, a sua rodella quebradiça, a sua lança improvisada de uma haste de carvalheira? Esses attributos de guerra foram bellos, luziram ao sol de Deus, attrahiram impavidos os botes das cimitarras e dos alfanges mouriscos nas estaturas medievas de um Cid ou de um Gonçalo Mendes da Maya; hoje, porém, só tinham logar condigno nos muzeus historicos, como trophéos de passadas glorias e prestigios! A sem-razão, a desegualdade, a injustiça, a crueza, a tyrannia, já se não castigam com montantes brunidos e lanças aceradas, em luzentes bufurdios, aos olhos da dama dos nossos pensamentos a quem se enderecem as nossas proezas.

Altri tempi, altri pensieri!

O quixotismo mudou de fórma!

A natureza humana, onde a idealidade julga poder dominar em absoluto as condições da natureza e do meio, cria sempre no intimo de cada um de nós o quer que seja de quixotesco: os poderosos que querem vergar tudo á acção da sua vontade; o soldado que pretende subjugar tudo pela força das armas; o juiz austero que tudo quer subordinar á lettra estricta da lei; o idealista que vê tudo dirigido unicamente pela idéa; são modalidades diversas da mesma illusão fundamental que agita e embala o espirito humano.

Hosted by Google

Henri Heine, combatendo os que no seu paiz «defendiam o despotismo com argumentos historicos, como se elle fosse um direito consuetudinario a que se foram acostumando a pouco e pouco os homens, no decurso dos tempos, e, portanto, como válido em direito, com força de lei, e indistructivel», exclama:—«E talvez que eu não passe de um Don Quixote, e que a leitura em livros de casos maravilhosos me tenha perturbado a cabeça, do mesmo modo que ao joven manchego, sendo João Jacques Rousseau o meu *Amadis de Gaula* e Mirabeau o meu *Roldão* ou *Agramonte,* e que eu tenha estudado n'esses exemplares, nos factos heroicos dos paladinos francezes e na *Tavola Redonda* da Convenção. Mas a minha phantasia e as minhas idéas fixas que bebi n'esses livros são geralmente ao revez das phantasias e idéas do heroe da Mancha. Este queria restaurar o passado da Cavallaria; eu, ao contrario, quero destruir completamente tudo quanto resta d'aquelles tempos; e precedemos, portanto, os dois, sob pontos de vista diversos.

«O meu collega tomou moinhos de vento por gigantes; eu não posso vêr nos gigantes de hoje senão moinhos de vento! Elle tomava odres de vinho por feiticeiros poderosos; eu nos actuaes feiticeiros só vejo odres de vinho! Elle tomava os covis dos mendigos por castellos, os arrieiros por cavalleiros, as labregas por altas damas; eu tomo os nossos castellos por miseraveis casebres, os

Hosted by Google

nossos cavalleiros por arrieiros, e as nossas altas damas por labregas! Assim como para elle uma representação de titeres tinha o valor de um negocio de estado, eu tomo os negocios de estado como puras bonecadas.

«Por isso, com bravura egual á do manchego, descarrego violentos e ferozes golpes sobre a caranguejola de madeira.

«Ah! e esta heroicidade é para mim tão funesta, muitas vezes, como para elle foi a sua; e assim como elle, muito tenho de padecer pela honra da minha dama.

«Quizesse eu, porém, enganal-a, por medo ou por vil interesse, e viveria contente n'este mundo de rosas; poderia conduzir ao altar uma formosa dama, fazer-me abençoar por anafados feiticeiros, banquetear-me com nobres arrieiros, publicar as minhas perigosas novellas, e ainda possuir algum vintem!»

No meio d'este sarcasmo revoltado e pungente do Heine, injusto pela generalidade que abrange, quanta verdade!

Como é certo que, para se viver tranquillo, feliz e apreciado n'este mundo, é melhor ser-se Sancho Pança do que Don Quixote, qualquer que seja a fórma do quixotismo que o Ideal revista!

Hosted by Google

*
* *

Cervantes fôra, elle proprio, acompanhando a evolução dos factos e das idéas do seu tempo. Carlos V vira acabadas todas as suas desmesuradas glorias e grandezas na cella de um convento; D. Sebastião de Portugal enterrava em areaes da Berberia os seus fumos de gloria e de loucura; a Armada Invencivel dispersara-a o capricho dos ventos, antes mesmo que a destruissem os *brulotes* inglezes!

Deus conspirava com os homens e com os elementos!

O quixotismo peninsular, como o proprio quixotismo, aliás animado das melhores intenções, de Cervantes, era rudemente escarmentado! Dura licção dos factos! As causas que feriram a sua patria, militar, imperialista, fanatica, sonhadora, andantesca por esses mares e terras, á busca de glorias e aventuras, elle proprio as sentira, porque se consubstanciara n'ella!

No dizer d'aquelle luminoso espirito que se evolou da terra, D. Juan Valera, meu saudoso amigo: «Cervantes era profundamente religioso, y cumpartillava de la supersticion y del fanatismo de su nacion y de su epoca. España habia hecho la causa de la Religion su propria causa; habia identificado su destino con el triumpho de nuestra santa fé;

Hosted by Google

habia puesto por base, no solo a su imperio, sino a sus pretenciones de preponderancia y de primado, y de soberania entre todos los pueblos de la Tierra, la victoria del catolicismo sobre la incredulidad y la heresia.»

Cervantes reconheceu como tudo isto era um sonho, e quanto estava longe do poder real da acção o ideal sonhado!

Novo sonho se seguiria a esse; *la vida es sueño,* diz Calderon, e é certo!

Nascer é sonho, viver é sonho, sonho é morrer; quem sabe se a vida eterna é um sonho?

Mas o sonho cavalheiresco, esse desfizera-se, diluira-se na luz radiante de uma nova aurora!

E querendo Cervantes, realmente, condemnar os livros de Cavallaria, representantes das idéas vãs, e tão exageradas no proprio sentido do Bem, da Belleza e da Justiça, — que haviam educado uma geração condemnada a desapparecer para dar logar a outra, orientada n'um sentido mais positivo e pratico, — intuitivamente, genialmente, escreveu uma obra que é a liquidação de um passado glorioso, bello, mas que não podia continuar existindo!

Don Quixote, a encarnação caricatural d'esse passado, não nos leva a rirmo-nos d'elle, a menosprezal-o; antes nos inspira sympathia e estima. É um louco, mas um louco bom; illudido pela imaginação, porém de coração honesto!

Como em Cervantes, toda a sua vida se passa

Hosted by Google

no culto do Bem, na adoração da Belleza, na pesquisa da Justiça. Era o Ideal!

Mas esse Ideal, que buscava, já não podia tomar fórma nas condições novas da humana existencia.

O Ideal que o substituia já não ia de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, como os cavalleiros antigos, bardados de ferro; mas de continente em continente. Já a cruz não ornava apenas os punhos da espada dos cavalleiros ou os seus balsões de guerra, mas as vélas brancas, enfunadas, das naus e dos galeões. Já não cavalgava Rocinantes; creara azas, voava mares em fóra!...

Dulcinea era a Belleza Moral; era a Liberdade dando ao homem a posse de todos os seus direitos; a Sciencia esclarecendo o entendimento; a Religião livre unificando os povos e depurando as consciencias!

O Ideal não tinha já por berço o modesto logar de Toboso... a sua patria era o Universo! Com Diogo Cão chegou ao Zaire; com Bartholomeu Dias ao Cabo da Boa Esperança; com Vasco da Gama á India; com Christovam Colombo e Pedro Alvares Cabral á America; com Affonso Paiva á Abyssinia; com Fernão de Andrade á China; com Zeimoto e Francisco Xavier ao Japão; com Fernão de Magalhães deu volta ao mundo!

Já não é o burgo, o castello, o municipio, a cidade, procurando sahir do seu exclusivismo, approximar-se e ampliar os ambitos da sua actividade. Nem são já as grandes cidades mirando-se nos del-

Hosted by Google

tas dos rios. Nem é o referver de povos e raças nas arterias dos mares interiores, como o Mediterraneo. São os Atlanticos approximando e confraternisando os povos; dando-lhes a conhecer as affinidades e parentescos das suas raças, das suas religiões, da sua arte, da sua litteratura, das suas tradições. É o mundo transformado em scenario commum de toda a humana actividade!

*
* *

Quando, depois de muitas tristezas, falhadas aventuras e luctas inglorias, Don Quixote volve á sua aldeia, posto o sentido n'aquella que jámais sahia do seu pensamento, ouviu dizer a alguem, no caminho:

«— No te cances, que no la has de ver en todos los dias de tu vida.»

O que na sua imaginação trouxera sempre viva, na imaginação a reputou agora morta para sempre!

Morrera a sua Dulcinea!

Dulcinea era o Ideal que o illuminara e aquecera toda a sua vida; o viatico da alma; aquella a quem eram endereçados todos os seus actos e pensamentos; a lampada do templo, que representa a fé jámais extincta; a perpetua fogueira junto do tumulo de Rachel, que quando se apagar será a ruina de Israel; a columna do deserto, a estrella

Hosted by Google

dos magos guiando a esperança; a que nos dá coragem, força, estimulo para viver; aquella de quem e para quem se vive, e que, se morre, nos deixa desarmados e inertes, sem fim e sem destino; sem o olhar que nos dava alento, sem o afago que nos dulcificava as dôres; sem o sorriso que nos desarmava; sem o beijo que nos ungia!

A existencia sem Ideal, quer elle se chame amor, ou bem fazer, ou utilidade, ou trabalho, é a morte com apparencias de vida. No dia em que elle se apaga da nossa imaginação e da nossa consciencia, só resta um recurso—morrer!

Para os crentes é a passagem melhor de uma vida transitoria para a gloria serena e infinita; para todos é o repouso final, a sésta, o dominical descanço, depois do dever cumprido.

Don Quixote procurara cumprir o seu, embora imaginario, dever; nada lhe restava agora fazer na terra. Pediu que lhe despissem a pesada armadura e o levassem a descançar.

Logo depois, cahiu no respaldar do leito,
Morto, tendo no labio um riso de criança.[1]

Era o riso calmo da consciencia satisfeita!

A morte não foi para elle «*il fin de una prigion oscura*», mas o tranquillo despertar de um sonho.

Sancho Pança chora sinceramente a perda do seu amo e companheiro; mas, como homem pra-

[1] Gonçalves Crespo. *A morte de Don Quixote.*

Hosted by Google

tico que é, consola-se quando se vê contemplado no testamento:—«que esto del heredar algo borra ó templa en el heredero la memoria de la pena que es razon que deje el muerto.»[1]

Com Don Quixote morria o Mundo Antigo. No espelho da sua vida tinha o Mundo Novo de aprender a imitar tudo que n'ella houvera de grande, nobre e bello, e a evitar tudo que fôra inutil, desvairado e fatuo.

Na dedicação, no fundo interesseira, mas sincera e leal de Sancho Pança, tinha de vêr esse aspecto mais vulgar e real da condição humana:—o egoismo e o altruismo conjugados.

Era toda uma licção! Era toda uma philosophia!

---

[1] *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha.* Segunda parte, cap. 74.

Hosted by Google

APPENDICE

EL BURLADOR DE SEVILLA Y CONVIDADO DE PIEDRA

ACTO I

SCENA 14

.....

REY

¿Es buena tierra
Lisboa?

DON GONZALO

La mayor ciudad de España;
Y si mandas que diga lo que he visto,
De lo exterior y celebre, en un punto
En tu presencia te pondré un retrato.

REY

Yo gustaré de oillo. Dadme silla.

DON GONZALO

Es Lisboa una octava maravilla.
De las entrañas de España,
Que son las tierras de Cuenca,
Nace el caudaloso Tajo,
Que media España atraviesa.
Entra en el mar Oceano
En las sagradas riberas
Desta ciudad, por la parte
Del sur; mas ántes que pierda
Su curso y su claro nombre,

Hosted by Google

Hace un puerto entre dos sierras,
Donde están de todo el orbe
Barcas, naves, carabelas.
Hay galeras e saetias
Tantas, que desde la tierra
Parece una gran ciudad
Adonde Neptuno reina.
A la parte del poniente
Guardan el puerto dos fuerzas
De *Cascaes* e *San Juan,*
Las mas fuertes de la tierra;
Está desta gran ciudad
Poco mas de media legua
Belen, convento del santo
Conocido por la piedra
Y por el leon de guardia,
Donde los reyes, y reinas
Catolicos y cristianos
Tienen sus casas perpetuas.
Luego esta máchina insigne
Desde Alcántara comienza
Una gran legua á tenderse
Al convento de Jabregas.
En medio está el valle hermoso
Coronado de tres cuestas,
Que quedara corto Apeles,
Cuando pintarlas quisiera;
Porque miradas de lejos,
Parecen piñas de perlas
Que están pendientes del cielo.
En cuya grandeza immensa
Se ven diez Romas cifradas
En conventos y en iglesias,
En edificios y calles,
En solares y encomiendas.
En las letras y en las armas,
En la justicia tan recta,
Y en una Misericordia,
Que está honrando su ribera.
Y lo que yo mas alabo
Desta máquina soberbia
Es, que del mismo castillo,

Hosted by Google

En distancia de seis leguas,
Se ven sesenta lugares,
Que llega el mar á sus puertas,
Uno de los cuales és
El convento de *Odivelas,*
En el cual vi por mis ojos[1]
Seiscientas y treinta celdas,
Y entre monjas y beatas
Pasan de mil y doscientas.
Tiene desde alli Lisboa,
En distancia muy pequeña
Mil y ciento y treinta quintas.
Que en nuestra provincia Bética
Llaman cortijos, y todas
Con sus huertos y alamedas.
En medio de la ciudad
Hay una plaza soberbia
Que se llama del *Rocio,*
Grande, hermosa y bien dispuesta,
Que habrá cien años, y aun mas,
Que el mar bañava su arena,
Y ahora della á la mar
Hay treinta mil casas hechas;
Que perdiendo el mar su curso
Se tendió á partes diversas.
Tiene una calle que llaman
Rua Nova, ó calle nueva,
Donde se cifra el Oriente
En grandezas e riquezas,
Tanto que el Rey me contó
Que hay un mercader en ella,
Que por no poder contarlo,
Mide el diñero á fánegas.
El terrero, donde tiene
Portugal su casa regia,
Tiene infinitos navios
Varados siempre en la tierra,
De solo cebada e trigo
De Francia é Inglaterra.

[1] En esta descripcion parece que habla Tellez por boca de Don Gonzalo: debió de haber estado en Lisboa, segun la pinta.

Hosted by Google

Pues el palacio real,
Que el Tajo sus manos besa,
Es edificio de Ulises,
Que basta para grandeza,
De quien toma la ciudad
Nombre en la latina lengua,
Llamándose Ulisibona,
Cuyas armas son la esfera
Por pedestal de las llagas
Que en la batalla sangrienta
Al rey Don Alonso Enriquez
Dio la Magestad immensa.
Tiene en su gran Tarazana
Diversas naves, y entre ellas
Las naves de la conquista,
Tan grandes que de la tierra
Miradas, juzgan los hombres
Que tocan en las estrellas.
Y lo que desta ciudad
Te cuento por excelencia,
Es, que estando sus vecinos
Comiendo, desde las mesas
Ven los copos del pescado
Que junto á sus puertas pescan,
Que bullendo entre las redes,
Vienen á entrarse por ellas:
Y sobre todo, el llegar
Cada tarde á su ribera
Mas de mil barcos cargados
De mercancias diversas
Y de sustento ordinario,
Pan, aceite, vino y leña,
Frutas de infinita suerte
Nieve de sierra de Estrella,
Que por las calles á gritos,
Puesta sobre las cabezas,
La venden; mas ¿qué me canso?
Porque és contar las estrellas
Querer contar una parte
Desta ciudad opulenta.
Ciento y treinta mil vecinos
Tiene, gran señor, por cuenta;

Hosted by Google

Y por no cansarte mas,
Un rey que tus manos besa.

REY

Mas estimo, Don Gonzalo,
Escuchar de vuestra lengua
Esa relacion sucinta,
Que haber visto su grandeza.
.....

Hosted by Google

DUAS PALAVRAS

SOBRE

A EVOLUÇÃO E A INFLUENCIA DA NOVELA HESPANHOLA

POR

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

SENHOR!
SENHORA!
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Na historia intellectual da humanidade, á litteratura hespanhola cabe, sem sombra de duvida, um eminente logar de honra. Convém proclamal-o bem alto, no momento em que as nebulosidades mysticas do Septentrião ameaçam bolear as arestas vivas e brilhantes do espirito meridional, no momento em que a visão de muitos se cerra aos deslumbramentos apotheoticos do sol peninsular para se apascentar complacente sobre o espelho estagnado dos fjords ou sobre a melancholia dos steppes infindaveis, no momento em que o espirito litterario se conjuga com o espirito scientifico, na mesma ancia de se abeirar dos polos.

Nada ha de novo sob o sol. Periodos como o actual repetem-se quasi regularmente na historia da intelligencia humana; este apenas diverge dos

Hosted by Google

precedentes nas facilidades que á transmissão do pensamento tem proporcionado a civilisação moderna. E são uteis e fecundos estes periodos de transição, de incruenta batalha entre o norte e o sul, porque da reacção mutua dos dois elementos resalta sempre a faisca vivificadora e esplendida.

É da Hespanha que teem porventura derivado os mais poderosos fermentos para a elaboração litteraria da Europa. Embora caracteristicamente nacional, o seu genio, expandindo-se para além das fronteiras, logra, como nenhum outro, estimular o genio amadornado dos outros povos, levando-os á communhão do sentimento artistico e á consciencia da propria força.

Admiravel raça esta, que successivas transformações sociaes teem ido creando no solo abençoado da Peninsula! Já nos tempos aureos da Republica, os mais requintados espiritos da velha Roma, Cicero entre elles, celebravam com louvores o incoercivel gosto litterario dos hespanhoes. As qualidades e os defeitos do genio Peninsular infiltraram-se effectivamente nas lettras latinas, contribuindo em larga escala para lhes colorir a florescencia e para lhes apressar a decadencia. O manancial exuberante correu da penna dos dois Senecas, de Lucano, de Marcial, de Quintiliano, todos elles hespanhoes, pelos dominios da ethicá, do theatro, da epopeia, do epigramma, da oratoria, carreando joias e reverberando relampagos. Na bocca dos mais gloriosos entre os Cesares, Marco

Hosted by Google

Aurelio acima de todos, as ordens que faziam curvar o mundo resentiam-se do sotaque hispanico. Mas a pleiade dos mediocres imitadores litterarios turvou a limpidez da torrente. Desbotou-se o brilho da invenção, esvasiou-se de idéas a verbosidade altisona, embotou-se o gume da satira, disfarçou-se a inanidade dos conceitos sob ouropeis de phraseado, e rebaixou-se o estylo litterario á flacidez pomposa em que o encontraram os destruidores do Imperio.

No meio do prolongado cataclysmo foi ainda o espirito peninsular que mais tenazmente resistiu á influencia septentrional. Os invasores wisigothicos submetteram-se ao poder absorvente da raça conquistada. A inspiração hispanica elevara-se pelo christianismo, que em parte alguma, graças ao caracter individualista do povo, se embebera mais fundamente nas almas. E emquanto os reis teutonicos pompeavam no throno barbaro de Toledo, a lyra christã soltava as primeiras notas sentidas com Juvenco e Prudencio, e as lettras latinas fulguravam scentelhas sob a penna de Orosio e de Santo Isidoro de Sevilha. Seculos mais tarde, esse lume, que a invasão arabica abafara para cá dos Pyrineus, devia irradiar além dos Alpes, dando origem á primeira renascença italiana.

Mas outra renascença da cultura hellenica antecedeu esta, e no solo da Hespanha teve o seu foco principal. Foi em Cordova que a civilisação musulmana attingiu o seu maximo esplendor. E

Hosted by Google

d'ahi se diffundiu pela Europa semi-barbara, depois de reflectida por multiplos espelhos idiomaticos, a luz deslumbrante da classica antiguidade. Foram mahometanos de Hespanha, judeus de Hespanha, mosarabes de Hespanha, christãos de Hespanha, desde Averroes até Raymundo Lullio, desde Maimonides até Benjamim de Tudela, que serviram de vehiculos para essa gloriosa propagação da philosophia, da sciencia e das lettras, atravez das nevoas medievaes.

Á medida que a cruz recuperava os seus perdidos dominios sobre o estandarte verde do Islam, novas instituições sociaes se iam formando dos destroços deixados pelas raças conquistadoras no territorio iberico, novos dialectos iam surdindo d'essa confusa mescla de idiomas falados por tantos grupos ethnicos de diversa origem. Alguns d'esses dialectos não sahiram da bocca do vulgo e não lograram a consagração dos eruditos. Cabe-nos a nós, portuguezes, a gloria de ter sido no idioma mais affim do nosso, a doce e ingenua linguagem galliciano-portugueza, que o lyrismo hespanhol balbuciou as primeiras trovas. O proprio rei Affonso o Sabio, o creador da litteratura nacional de Castella, colhia dos labios camponios, de entre a cordilheira cantabrica e o Mondego, a poetica trama dos seus cantos sagrados.

Mas antes d'isso, em pleno seculo XII, quando as linguas romanicas se achavam no periodo embryonario, a tuba epica, apenas ensaiada nas can-

Hosted by Google

ções de Gesta, retumba sonorosa pelos reconcavos das serranias ibericas. No limiar da epopeia moderna, avulta a figura colossal do Cid Campeador, que, para hombrear com os heroes de Homero, dispensa o pedestal enflorado da fabula. Que mingua faziam as ficções cavalheirescas, oriundas do norte, a um povo que encetava a sua historia seguindo pelas campinas enxameadas de mourama a crina arrogante de Babieca? E entretanto a imaginação peninsular acolheu-as, apaixonou-se por essas rhapsodias que estimulavam a ancia nativa de aventuras, elevou-as da tradição popular para as cumiadas do mundo culto, dando-lhes a definitiva consagração litteraria. Foi sob os auspicios de um portuguez, Vasco de Lobeira, que d'esses rimances destacados veiu a surdir a novela cavalheiresca. E é pela novela, sobretudo, que a nobre essencia de Hespanha se vae inocular d'ora avante na litteratura europêa.

*
* *

O fluxo começara cedo, ahi pela aurora do seculo XIV. Um escriptor de regia estirpe, D. João Manuel, dá o primeiro alento ao conto incisivo, de caracter meramente anecdotico, de proposito didactico e moral. E eis que além das fronteiras, perdida a intenção salutar, esta fórma litteraria, renovada da antiguidade, floresce immediatamente na

Hosted by Google

Italia com Boccacio, pouco depois na Inglaterra com Chaucer, e se espalha mais tarde pela França nas *Cent nouvelles nouvelles* e nos contos da rainha de Navarra.

Mas a verdadeira novela de imaginação surgiu no mundo moderno com o *Amadis de Gaula,* tronco de uma dynastia interminavel, e robusteceu-se com o *Palmeirim de Inglaterra,* tambem creação portugueza, egualmente prodigo em fabulosa descendencia. Nunca livros alguns excederam em voga essas maravilhosas narrativas.

Por ellas deve a litteratura europea ao genio peninsular duas das suas inspirações mais fecundantes: o sentimento do cavalheiresco e o sentimento do romanesco. Durante um dilatado periodo historico, taes livros afinaram com o diapasão do espirito europeu, cuja sede de ideal não haviam satisfeito nem Boccacio ou Machiavello, nem Villon ou Rabelais. A Italia do seculo XV era antes poetica do que romanesca. Mas a sua poesia, de tendencia naturalista, lutava contra o espirito sobrevivente da Edade-Media. A França, meio ingleza, meio borgonheza, era profundamente realista. Os romances de cavallaria deram alor ao sonho, adormentaram os homens no esquecimento da mesquinha condição terrena, e, santificando o sentimento todo hespanhol do pundonor, contribuiram para que sobre um mundo votado ao egoismo resplendesse um pharol de justiça.

Os dois elementos litterarios, o romanesco e o

Hosted by Google

cavalheiresco, perduram pelos seculos fóra até aos nossos dias, com vario predominio de cada um d'elles sobre as obras de imaginação. O romanesco do *Amadis* assume nas mãos de outro portuguez, Jorge de Montemór, a fórma neo-classica da novela pastoril. Cerca de dois seculos, os pegureiros sentimentaes enchem de delicias a Europa inteira, deixando por todas as litteraturas o seu precioso rasto. A *Astréa* de D'Urfé reflecte a *Diana de Montemayor,* a obra prima do genero, e o seu influxo alastra pela França, no romance, no theatro, na arte, na vida social, bafejando o genio de Molière, guiando o pincel de Watteau, animando as figurinhas de Florian, presidindo aos bucolismos amaneirados do Petit Trianon, nas vesperas da grande Revolução.

Mas não são as litteraturas romanicas as unicas sobre as quaes a ecloga moderna faz sentir a sua acção poderosa. Por ella se apaixona a fleugmatica Inglaterra. Shakespeare deve á *Diana* o entrecho dos *Dois Gentishomens de Verona,* e a brisa que beija as faces de Rosalinda leva ainda vagos perfumes da flora peninsular. Nem a forte ventania realista do tempo da Rainha Anna varre definitivamente do solo britannico os ultimos vestigios dos zagaes arcadicos.

Mas esse vendaval purificador, esse impulso que abriu para a vida real os olhos de Addison e Swift, de Le Sage e Diderot, foi tambem da Hespanha que lhe proveiu o primitivo arranco. A raça,

Hosted by Google

fadada para todos os vôos da fantasia, foi quem ensinou o mundo moderno a exercer as faculdades de observação. O genio hespanhol, satirico como nenhum outro, nunca deixara de alimentar, parallelo á corrente idealista, o vigoroso veio do realismo litterario. «Seria na verdade extranho, diz um critico inglez contemporaneo, que os compatriotas de Seneca o Moço e de Marcial houvessem esquecido o pendor para a zombaria mordaz das coisas e das pessoas, que tão fundo jazia no caracter nacional.» As prodigiosas aventuras dos heroes de cavallaria não tolheram a penna licenciosa do arcipreste de Hita, um antecessor de Rabelais, nem o flagello justiceiro de Lopez de Ayala, um percursor de Fernão Lopes. E ao finalisar o seculo xv, ao tempo em que olhos anciosos seguiam os passos de Amadis e de Galaor e distillavam prantos sobre as desventuras de Oriana, o vicio sem disfarces fazia a sua inopinada apparição no mundo litterario, sob as feições patibulares da Celestina.

Essa longa e irrepresentavel comedia de *Calisto e Melibea* deu á Europa moderna a primeira lição do realismo na arte, esquecido desde as eras remotas de Petronio e de Apuleio. E a reacção contra os artificios cavalheirescos pronuncia-se desde logo em Hespanha com as novelas picarescas, em Portugal com as assombrosas farças de Gil Vicente, na Inglaterra e na Allemanha com as monographias innumeras de mendigos e bandidos,

Hosted by Google

mais tarde em França com as truanices de Scarron e as imitações de Le Sage. Estavam lançados os fundamentos do romance moderno. Bastava, para que integro se mostrasse aos olhos da humanidade, que as duas correntes, a idealista e a realista, convergissem n'uma obra prima modelar. Então, evocada por um grande genio, surgiu de lança em riste a figura esqueletica de D. Quixote, ladeado pelo fiel e obeso escudeiro, e o mundo viu n'esse par heteroclito a união das duas forças activas do labor artistico: a fantasia e a observação. D'ora avante, por mais que façam, eil-as jungidas para todo o sempre. E não poderá haver obra do engenho humano que perdure, sem a reacção mutua, embora imperceptivel aos olhos do vulgo, d'essas duas forças antagonicas.

O espirito multifario de Cervantes havia-se ensaiado em ambos os campos, com exito incomparavelmente superior no campo da analyse objectiva. Ao passo que a *Galatea* não passa de um arremedo pedantesco da *Diana,* as suas *Novelas Exemplares* são o aprimorado inicio da novela satirica de costumes. Essas maravilhosas narrativas, cheias de brilho e de vitalidade, servem de modelo aos contistas francezes até aos tempos de Nodier, Mérimée e Gautier, passando por Diderot e Voltaire. Na lingua ingleza, alentam romancistas da envergadura de Smollett e Fielding, e — circumstancia curiosa, se se confrontar com a infelicidade de Cervantes no palco hespanhol — fornecem ar-

Hosted by Google

gumentos para um sem numero de peças dramaticas, desde Fletcher até Longfellow. Só uma d'essas novelas, *La Jitanilla,* dá origem a uma dynastia inteira de creaturinhas ingenuas, atiradas pela sorte ás vicissitudes da vida airada, entre as quaes não será porventura arriscado incluir a suave figura da Mignon.

Mas tudo isso, que bastava para a reputação universal de um grande escriptor, some-se na sombra projectada pelo vulto esgalgado de D. Quixote. «Não ha livro, diz Hazlitt, onde tão perfeitamente se combine a extravagancia da invenção com a apparencia da verdade.» D'isso resulta o applauso colossal que desde o seu apparecimento o acolheu pela Europa. Cervantes engodava os espiritos frivolos pela paixão do romanesco, prendia os cultos e os reflexivos pelo incisivo e profundo da satira. Era um oceano por onde vogava livremente a sua imaginação; era um mundo que o seu cerebro tinha povoado de creaturas humanas, palpitantes de vida.

Esse typo extraordinario de ajuizado louco é, com o *Hamlet,* o escopo da mais variada série de interpretações, e ambos esses immortaes celibatarios, castos como eram, são talvez os que podem gabar-se de mais dilatada prole nos dominios da ficção artistica. Á familia de *Hamlet* pertencem Werther e René e Obermann e Lorenzaccio, quantos mais ainda! Logo no seculo XVII, D. Quixote surge em Inglaterra, mascarado de Hudibras. E a

Hosted by Google

homotypia reproduz-se pelo tempo adeante, atravez das gerações, até aos nossos dias, como o ribombo de um trovão enorme pela amplidão dos seculos. Arranquem d'essa figura a impetuosidade febricitante, e apparece-lhes Candide, uma especie de D. Quixote passivo. Amalgamem com o pautado espirito britannico as entidades moraes de D. Quixote e de Sancho Pança, e surdirão da retorta ideal as grotescas figuras de Pickwick e do seu creado Sam Weller. Mettam na pelle do allucinado cavalleiro andante a alma do cobarde escudeiro, e terão Tartarin de Tarascon. E talvez que se possam descobrir alguns laivos de quixotismo na philosophica compostura do proprio Monsieur Bergeret.

Satira de personalidades contemporaneas? Espelho caricatural do imperial ideialista Carlos V? Simples reflexo dos costumes do seu tempo e da sua terra? Nada d'isto foi de certo a obra de Cervantes; mas que nos importa a nós que a tão pouco se restringisse o seu designio proximo? A immortalidade de tal livro está no permanente e soberbo contraste entre as duas modalidades da alma humana, no conflicto eterno entre o espirito poetico e o espirito prosaico, fonte futura das mais bellas concepções artisticas. A zombaria é arma de extraordinario alcance, manejada por homens como Cervantes. E mal avisados andam aquelles que, na esteira de Byron, approximam demasiado o alvo para amesquinhar o campo do tiro.

Hosted by Google

*
* *

Não! Esse romance admiravel, mixto de epopeia e de satira, doloroso como um lamento de Prometheu, burlesco como as esgares de Dionysos temulento, não obedeceu ao louco e depravado intuito de afogar dentro da alma humana o sentimento do altruismo cavalheiresco. Como teria essa idéa Cervantes, typo por excellencia do cavalheirismo hespanhol? Nem, se por salutar lhe acudisse tal pensamento, o consentiria na mente por ambicioso. Inconsciente como o verdadeiro genio, elle não mediu acaso o alcance transcendente da sua obra prima. Mas o velho soldado de Lepanto não queria apenas, ridicularisando os destemperos e as extravagancias dos romances em voga, dar pasto ao riso dos seus contemporaneos. Elle proprio percebe, n'um relance prophetico, a perennidade gloriosa do heroe manchego:

> Yo he dado en Don Quijote pasatiempo
> Al pecho melancolico y mohino
> En cualquiera sazon, en todo tiempo.

Os romances de cavallaria afundaram-se, abatidos pelas gargalhadas universaes. Mas as duas molas do romance idealista, o cavalheiresco e o romanesco, essas nem os embates insanos de D. Quixote as ameaçaram sequer. O espirito do ca-

Hosted by Google

valheiresco, despido do maravilhoso, quasi estrictamente condensado na religião do pundonor, é o agente essencial do theatro hespanhol, desde Lope de Vega, contemporaneo de Cervantes, até aos dias ultra-romanticos de Zorrilla.

E que maravilhosa prodigalidade de invenção, que surprehendente apojadura de sangue fidalgo, n'esse theatro que alimenta em grande parte o theatro francez do seculo de Luiz XIV, e que palpita, dois seculos volvidos, em quasi todo o theatro romantico! Sim! é esse sangue hespanhol que desde o inicio dá vida ás personagens de Hardy e de Mairet, e que triumpha com o *Cid* de Corneille! É esse mesmo sangue que circula nas veias de Hernani e de Ruy Blas, e que Rostand, nos nossos dias, infundiu, talvez sem dar por isso, no coração magnanimo de Cyrano de Bergerac!

E essas vigorosas personagens do *Don Carlos,* onde as encontraria Schiller, se por acaso o drama hespanhol não existisse? Fonte inexgotavel de caracteres e de enredos, esse theatro e essa novela, em que os mais levantados espiritos de todas as nações acodem a beber sofregamente!

O proprio genero picaresco, que revive em todas as litteraturas graças ao faiscar do genio hespanhol, tem affinidades intimas com o espirito cavalheiresco. É a procura do filão poetico no meio do charco. É a transformação do cavalleiro andante no salteador, com o mesmo heroismo e analoga generosidade, com uma paradoxal noção da

Hosted by Google

honra que é afinal de contas caracteristica de todo o peninsular. Affirma com razão Brunetière, a quem vou seguindo em parte, que os dois generos não podiam deixar de ser productos da mesma civilisação e do genio da mesma raça.

Essa extranha modalidade do cavalheiresco não tem menos poder de expansão do que este ultimo, e prospera largamente fóra do territorio nativo. Que é o proprio Figaro senão um picaro amenizado pela plaina franceza, tal qual o seu compatriota Gil Blas? A meio da escala entre o galan e o rufião, entre o paladino e o picaro, realça a romanesca imagem de D. Juan Tenorio, que de Tirso de Molina reverbera para Molière, para Byron, para Zorilla, para centenas de poetas, sem que o cutelo vingador de Guerra Junqueiro lograsse darlhe fim. E ainda ha poucos dias, relendo o delicioso episodio de *Rinconete e Cortadillo,* se me afigurava vêr no antro do senhor Monipodio o germen d'essa tumultuosa *Cour des Miracles,* evocada pelo genio de Victor Hugo.

O nome de Victor Hugo, o mais castelhano dos bardos romanticos, conduz-me naturalmente a um ponto culminante d'esta rapida resenha. Com reluctancia me abeiro do remate, pezaroso de desperdiçar uma alluvião de factos e de notas que julgo corroboram a minha de certo ambiciosa these. Mas, ainda mais que a confessada incompetencia do obreiro, amesquinha o edificio a forçada estreiteza do tempo.

Hosted by Google

Voltemos porém a esse ponto essencial.

Se o movimento romantico teve por mira reagir contra o artificialismo flagrante da Renascença, recorrendo á tradição medieval por ella em grande obliterada, em nenhum paiz encontrou, como na Hespanha, armas de combate e elementos de vida. Esse paiz, unico na Europa, isolado pela sua situação geographica, altivamente individualisado pelas condições do seu desenvolvimento politico, manteve quasi integra a sua originalidade, onde transluzia o ideal da Edade-Media, de envolta com os lampejos do espirito oriental.

Era — se me é licita a analogia — uma especie de accumulador intellectual em que os revolucionarios achavam as forças vivas de que careciam: o romanesco e o cavalheiresco, não deturpados, como nos outros paizes, pelo classicismo preponderante, não desfigurados sob a chlamyde grega ou sob a tunica romana, não derrancados ao peso dos caprichos olympicos, mas robustos e energicos, com o ardente colorido que, no madrugar da historia castelhana, avermelha as feições semi-divinas do Cid.

É por isso que no romantismo se percebe á maravilha a rescendencia balsamica das estevas peninsulares. Que admira, se, por toda a Europa, durante seculos, os escriptores menos eivados da influencia classica tinham ido buscar á Hespanha os seus modelos?

Será necessario multiplicar exemplos? Walter

Hosted by Google

Scott confessava que as *Novelas* de Cervantes lhe tinham suggerido a idéa das *Waverley Novels*. Mas quantos e quantos fariam analogas confissões, se a sua inspiração não fosse porventura inconsciente!

Nada mais difficil do que destrinçar a genealogia de uma idéa ou de uma formula litteraria. A influencia perpetua-se durante seculos, sem se lhe indagar sequer a origem. Vá lá traçar seguramente, no complicado mappa do pensamento humano, o curso dos variados affluentes que engrossam a caudalosa corrente de uma litteratura nacional! Apenas indicios, imperceptiveis ao vulgo, podem a maior parte das vezes trazer convicções ao espirito critico; como a muitas leguas de distancia a vista experimentada de um mareante reconhece pelo aspecto das aguas, em pleno oceano, o fluxo poderoso de um grande rio.

Mas, se podem permittir-se duvidas sobre a fonte cispyrenaica de certas influencias, generos litterarios existem cuja ascendencia salta aos olhos mais desprevenidos. Que ha de mais caracteristicamente hespanhol do que essa litteratura de capa e espada, tão querida dos romanticos, tão explorada ha um seculo a esta parte? D'onde proveiu a inspiração nativa a esse prodigioso mestiço, meio hespanhol meio negro, esse flammejante Alexandre Dumas que embeveceu com sonhadas aventuras tres ou quatro gerações de leitores? A decadente Hespanha do seculo XIX, ao vêr-se inundada por essa vertiginosa maré, mal cuidou que ella não era mais

Hosted by Google

do que um simples refluxo. Como o prisioneiro lendario, cuja salvação é o exemplar classico da piedade filial, a Hespanha devia ter sentido no leite generoso do romantismo o vigoroso sabor do seu proprio sangue.

*
* *

Uma derradeira observação, que para nós outros portuguezes tem um interesse especial.

Extranhar-se-ha porventura que, ao notar as irradiações d'esse potente fóco, me haja escapado á vista qualquer raio de luz, coado atravez das nossas fronteiras. Explica-se facilmente a omissão. A penetração mutua das duas litteraturas, durante os primeiros seculos da nossa historia, é facto tão conhecido que fôra ocioso e quasi impertinente insistir n'elle perante esta douta assembléa. Baste notar de passagem a repercussão que entre nós teve o prestigio litterario do marquez de Santillana. Não esquecem os nossos visinhos quão liberalmente foi a sua poesia opulentada pelo estro dos nossos quinhentistas, á frente dos quaes refulgem os nomes excelsos de Gil Vicente e de Luiz de Camões. Lembremos que á penna de um portuguez, Francisco Manuel de Mello, deve a Hespanha a mais extreme obra classica da sua litteratura historica.

Mas, por um phenomeno cuja origem mal posso entender, desde os inicios do seculo XVII, a influen-

Hosted by Google

cia hespanhola exerceu-se entre nós quasi exclusivamente pelo que de pernicioso e falso espalhou pelo mundo. Foi o joio, dissimulado na sementeira opima, que mais vigoroso alastrou na gleba portugueza.

Foi por aquella epocha que a emphase, a pompa affectada, a subtil extravagancia dos conceitos, a turgidez artificial do estylo, em summa a degeneração morbida das brilhantes qualidades que constituem o genio hespanhol, talvez iniciada nos livros celebres do bispo de Mondonedo, veiu a contaminar a Europa inteira sob os variados rotulos de gongorismo na Peninsula, de marinismo na Italia, de euphuismo na Inglaterra, de preciosismo na França. Durante um largo periodo, foi raro o engenho na Europa culta — se é que algum houve — totalmente immune d'essa lepra, desde Lope de Vega e Shakespeare até Racine, até Voltaire; e a fatal epidemia dilatou-se ainda até Victor Hugo, e, acrescentemos á puridade, até aos nephelibatas dos nossos dias.

Pois foi esta escola espuria a que mais possantes raizes creou em Portugal. E injusto seria accusarmos a Hespanha da sua prolongada florescencia entre nós. Os escriptores portuguezes, ao catarem todos os veios do culteranismo artificioso que minava a litteratura hespanhola, desdenhavam os elementos sãos que, sobretudo no theatro, primavam ainda. Porque o esplendor das apparencias, tanto na vida social como na vida politica da Hespanha,

Hosted by Google

illudiu que tempos o mundo. No momento em que Filippe III quasi esmolava de porta em porta os recursos do seu thesouro, Jayme I de Inglaterra proclamava-o mais opulento que os outros principes da Christandade todos juntos.

Portugal, mais de perto, melhor percebia as falhas da armadura. Mas os defeitos que a seus olhos avultavam na Hespanha litteraria, lançou-os elle á conta de meritos. D'ahi, uma litteratura definhada e frouxa, que ao sol do romantismo deveu a regeneração.

Mas no momento em que saudamos a litteratura hespanhola na sua maxima gloria, ponhamos de parte o que de prejudicial nos acarretou o seu influxo, e celebremos o muito e valioso com que a collaboração portugueza contribuiu para o seu luzimento. Portuguezes foram os que deram alento á novela cavalheiresca e á novela pastoril, fornecendo dois dos mais poderosos fermentos para a effervescencia intellectual da Europa. O genio de Gil Vicente robusteceu o recemnascido theatro peninsular. Essa planta vivaz, estiolada entre nós, fructificou soberba no solo hespanhol, á imitação do pomo de que fala o poeta,

Melhor tornado no terreno alheio.

Na obra posthuma do grande Cervantes, o *Persiles e Sigismunda,* um grumete brada, das alturas da gavea grande: «Terra! terra! melhor diria: Céo!

Hosted by Google

Céo! porque estamos nas paragens da famosa Lisboa.»

Assim, o velho aventureiro, que contra portuguezes havia lealmente combatido, saudava esta terra em que o seu coração tinha encontrado um affecto vívido, e onde o seu espirito se nutrira amorosamente. Na alma do moribundo, as aspirações piedosas para o céo conjugavam-se com a saudade da nossa bella patria terrena. E talvez que não fosse extranha a essa dolorida ternura a memoria do seu irmão no genio e na desgraça, Luiz de Camões, que com chave de ouro cerrara o cyclo poetico da Edade-Média, ao passo que Cervantes com mão robusta patenteava os áditos do romance moderno.

Advertencia final

Embora não se deva attribuir ao presente discurso senão um caracter summario, reconheço n'elle, revendo-o ao cabo de quatro mezes, imperfeições e lacunas a que poderia com facilidade acudir. Julgo-me todavia obrigado a não alterar, nem sequer em pormenores de redacção, o texto que, rapidamente elaborado, tive a honra de lêr na sessão commemorativa da Academia.

Deve pois considerar-se como simples esboço de trabalho, que demandaria largo tempo de estudo, quando ao auctor não escasseiassem faculdades para o ultimar dignamente. É sob este aspecto apenas que ao publico e á critica cumpre analysal-o.

H. L. M.

Hosted by Google

COMO CERVANTES RI

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

SENHOR!
SENHORA!

Faz n'este anno da graça de 1905 trezentos annos — tão largo praso e tão fugaz instante! — que, meditado e composto na tristura e soledade de prisão em certo logarinho, digno por isso de lembrança eterna, veiu o *Dom Quixote,* em sua primeira parte, trazer doce alegria ao mundo. Houve então para o applauso hesitação sabida. Não foi, ainda mal, deslumbramento da alma, semelhavel ao que aos olhos inflige luz intensa; senão rude inercia, engelhada apathia, deslavada falta de conceito nos que viram brotar a maravilha. Logo, porém, prorompeu impetuosa a admiração, e, privilegiado sol, não mais temeu transmontar; nem temerá. Vela por elle Deus.

Celebra a Hespanha este anniversario, e tem a Hespanha razão de o celebrar. É justo todo preito

Hosted by Google

que a tal homem preste. Deu-lhe n'elle o eterno justiceiro, o céo, quanto em Homero dera á Grecia, em Virgilio a Roma, em Camões a Portugal, em Dante á Italia, á Inglaterra em Shakespeare, á Allemanha em Gœthe: seu mais profundo, mais completo, mais original, em summa, seu maior Poeta.

Se eu tivesse de eleger acommodado epitheto a quem gerou tal obra, não titubara. Dera-lhe o que elle deu no proprio livro hoje celebrado ao cantor inegualado dos *Lusiadas*.[1] Fôra só justiça. São irmãos na grandeza e no poder: assignale-os o mesmo epitheto. Dera-o Camões, a poder dal-o, a quem assim lh'o deu. Rivalidades e invejas são demais da terra. Suffoca-as o ar agudo das alturas onde as aguias pairam...

Muitos são e grandissimos os grandes de que a Hespanha se gloria: a Catholica Izabel, que quasi a fez só de suas mãos a um tempo tão feminis e tão potentes; Carlos imperador, que a fizera a não havel-a feito a gloriosa antecessora e avó; Gonçalo de Cordova, modelo e luz de fortes capitães; Ulloa, Pinzon, Balboa, todos e cada um padrão e exemplar maximo de grandes descobridores, a não existir um Gama, um Colombo, um Magalhães; e Cortez; e Cisneros e outros e outros ainda, na politica e nas armas, como em tudo. Pois o desparecer de algumas d'essas glorias não abrira tal vazio em sua historia qual o d'esse invejavel muti-

[1] *El ingenioso Hidalgo*, etc. Parte II, cap. LVIII.

Hosted by Google

lado, d'esse manco «viejo, soldado, hidalgo y pobre», que tão curto espaço occupou na terra onde Deus lhe poz o berço e tanto occupa na memoria do homem. Não se separa a Hespanha de Cervantes. As honras que lhe sagre a si propria as sagra.

E a todas se associa o mundo todo. Concento de sympathia e admiração, universal e unanime. N'elle á de tantos caso minha voz. E ouso dizer porque. Lanço mirradas flôres sobre livro onde viçam tantas. Ennastrou-as sentido affecto; tral-as ao semideus rendido espirito.

Assertos ha que teem na mera enunciação origem e razão de accepção immediata. Figura entre esses o que julga principio e termo, alpha e omega, *carcere* de partida e *meta* de chegada na arte, o riso e as lagrimas. Teem-se aqui um e outras por simples symbolo. Quél-os o geral consenso expressão suprema do sentir. Quem lograsse com poder egual e soberano despertar riso e lagrimas seria o mais subido dos poetas, quer dizer, o maximo dos homens. Não caberá tal sorte no estreito ambito onde tanto á larga cabe o homem. Só dois entre todos, librados em azas de envergadura tal qual nunca mais foi consentida á terra, a lograram quasi: Shakespeare e Mozart. Mas só esses.

Derivaram um dia as lagrimas da expressão de paixões reaes á de paixões feitiças. Quando? Guarda o tempo avaro o segredo impenetravel. Apenas a mente humana teve, pela primeira vez, noção

Hosted by Google

clara da arte? Talvez. Traz em si a natureza humana tão insito o instincto e ancia de perpetua dura que não só quer fixada a memoria de seus jubilos, mas ainda, e talvez sobre todas, a de suas queixas e tormentos. Lamentações e epicedios antecederam o dithyrambo espumeo e o abocanhar da satira. Desde que ha litteratura ha lagrimas; riso, a não ser talvez intermittente e vago, não. Choram os olhos do homem com a primeira luz. Os labios só mais tarde riem.

É o primeiro riso certo na arte o riso grego. Mas ainda esse veiu tardio aos labios onde abriu melhor. Sahiu, com o chôro tragico, do gargalhar das galhofas dionysiacas. Mas, entre as diabruras dos pançudos satiros, o mosto a referver nas dornas, a lascivia a referver nos labios, os esgares, momices e visagens ebrias do galhudo Pan, chorou primeiro o rosto, immobilisado na dôr, de Thespis; só depois desatou seu escancarado riso a bronzea mascara de Comos.

Mantiveram-se após sempre as duas fórmas, sem embargo do vario sentir do homem — sempre o mesmo em si e sempre em si diverso — no caminhar eterno para o eterno ignoto, só de Deus sabido. Com esta interessante differença. Não mudou o humano espirito as determinantes de sua angustia e dôr; os modos de expressão em uma e outra foram, quasi sempre e em quasi tudo, os mesmos; as mesmas, para assim dizer, as lagrimas choradas pelo homem no volver dos seculos. Ainda

Hosted by Google

agora fremimos com as torturas, evocadas em nossos palcos, tão pouco ageitados á potente exhibição, de Edipo bravamente encalçado do destino e cego de sua immerecida colera; choramos com as lagrimas ha dois mil annos choradas dos olhos pios da plangente Antigone.

Não succedeu outro tanto com o riso. «Ha n'este valle de lagrimas tantas razões de rir», diz sarcastico um personagem do moderno Sudermann. Ha; e houve sempre e sempre — estranho caso! — as mesmas. Não quiz a inventiva humana crear mais. Parecem-se n'isso os tempos entre si como duas lagrimas. Mas as fórmas do riso são diversas. Nem o genio de Aristophanes, de Antiphanes ou Menandro nos faria rir agora com seus argutos chistes ou subtis dicterios. Que muito? Já não ria Horacio com os do mais visinho e mais parente Plauto. É que um frio gelido permeia, inteiriça, empedra as graças a pouco trecho de seu berço. Apenas as soffremos, se as alimpa depois o genio da ferrugem do tempo impertinente. Rimos assim do pela Grecia e Roma rido — dos eternos vicios e fraquezas do homem — rimos, mas por diverso modo, o mesmo riso.

É d'este riso indestructivel no homem que maldiz o cão Berganza em certo conto de Hoffmann, engenhosa e extranhissima sequella a um conto de Cervantes. Suppõe-o privativo do homem. Conscientes de feito, só seus labios riem. Os cães não riem, diz, apenas choram. Tem razão de assim

Hosted by Google

latir a ironia dolorida de Berganza. Em parte, pelo menos. Vamos vêl-o.

A Grecia, mestra insigne e arbitro louvado em coisas da alma, endeusou, é certo, o riso. Fel-o nascido para a arte, como as lagrimas augustas, de devotos ritos. Quer Plutarcho que para os Lacedemonios lhe tivesse Lycurgo erguido estatua. No dizer de Pausanias, os Thessalos d'Hypatha celebravam-o com annua devoção. Abonara-lhe a historia o zelo bemquerente. Na Attica, sob a fórma, poderosa e alta sobre todas, da comedia, e revestido da dicção mais bella que jámais proferiram labios de homem, se não salvou a patria de Aristophanes, é que não basta o genio a amparar na desgalgada carreira de ruina e morte povo condemnado pelas ineluctaveis leis da Historia, que são de Deus, de esquecido dos dictames da justiça e da moral eterna, que são tambem de Deus, de abafado do estreitar de paixões brutas sem grandeza e sem desculpa, que não são, essas, de Deus, nem serão nunca.

Mas os silvos de sua ironia e a estralejante furia de seu tagante entretecido de ironias e sarcasmos, embora hoje mal sentidos, attestam a bondade do empenho em que lidou. Foi ainda na Grecia, como em Roma, depois de doutrinadora de politica, mestra de moral. Estranha Platão em Kinias, tão da comedia cria tal empenho, o imprevisto proposito de só agradar a seus ouvintes. A propria impudencia, a desbragada soltura de enredos, pa-

Hosted by Google

lavras e conceitos cuidavam bem fazer, como os quebros desengonçados do ebrio haviam de melhorar o ephebo ante quem ostentavam seu despejo; como os Hermes phallicos d'Athenas e dos trivios da Attica, revestidos, por querer de Hipparco, de sentidas maximas, tinham de aperfeiçoar o passante fatigado ou distrahido.

Nem sempre, porém, este rir da Grecia, este rir de Roma, e dos que da Grecia e Roma espiritualmente vem, foi innocente ou bom. Nem sempre edificou. Tambem desfez, tambem alluiu com fereza e teima. Quantas vezes foi vaia e apupo ao bem, foi escarneo ao genio; quantas afeou, deslustrou a virtude com os salpicos da espuma irreverente. O que fez Voltaire, *ce singe de génie,* no dizer de Hugo, com seu riso, o que fizeram com elle os que com elle riram, dil-o protrahida quadra abeberada de lucto e sangue e lagrimas. No mais innocente riso, no das creanças ainda perfumado de ceo e humido de beijos maternaes, tambem d'elle perfumados, ha o quer que é de rastejante e mau, pois em todo e qualquer riso ha sempre laivos, quando menos, de desdem, despreso, mofa.

Trouxe sem duvida o riso os humildes para a vida da arte na comedia; como o terror trouxera na tragedia os grandes. Expoz em scena todos os desterrados e esquecidos — soldados, escravos, parasitas. Mas o soldado é o *miles gloriosus,* arruador, valentão e bravateiro; o escravo é embusteiro, venal, enredador; sempre a mascara do parasita se

Hosted by Google

aguça em bico adunco de ave de rapina. Tal riso é meio preceito e meio affronta; não bellisca e ralha, azurraga e rasga. É menos reparo do que ferula; menos conselho do que latego. Palmatoría, derrenga, sangra uns com o pretexto, nem sempre certo, de ensinar a outros. Haverá muitas vezes alma; coração, nunca. Será nume, como a Grecia o quiz, mas já o despediu do Olympo o triumphante sentir do homem.

Isto viu, isto sentiu Cervantes. E de um rasgo de genio, que vem mais do coração do que em geral se crê, não quiz tal riso, indigno de seus labios. Em seu sentir suave, que nada eguala e sobreexcedera o engenho a ser possivel, preferiu outro a melhor riso. Não o creou de origem e raiz. Rira-o primeiro, embora só de longe em longe, Gil Vicente e Montaigne, por exemplo. Mas fel-o seu, ennobreceu-o, deu-lhe foros irrevogaveis, jus perpetuo de cidade na arte. Sem nome então, tem-o hoje esse riso, embora extranho. Não soube o genio meridional, nem no auctor do *Dom Quixote,* dar-lh'o. Chama-se agora, e agora para sempre *humour*.

Presta voga geral tal nome á faculdade, ao poder de caricatura e de ironia. Puro engano. Tal poder é, quando muito, o corpo, o involucro, o exterior, bem exterior ás vezes, do *humour*. Em corpo tal — é isso mais commum do que se pensa e quer — nem sempre assiste sua vera essencia. Não se de-

Hosted by Google

fine o *humour,* como se não colhem sons, como se não prende a luz, como se não engasta a meiguice de um sorriso ou o consolo de uma lagrima. Sente-se porém e, quando se sente, adora-se esse indizivel mixto de quanto de agudo, gaio, petulante, arguto, malicioso, arde, punge, morde na alegria do homem, mas quebrado, suavisado, dulcificado de quanto consola, enleva, acaricia, como o esmorecido perfume de bonina agreste, a graça do bater leve de leves azas no ar leve, o doce zumbir de abelhas a avoejarem na tarefa doce, o cançado arrulhar das vagas preguiçosas na areia que as desfaz em espumas e gemidos, o murmurinho da agua correntia queixosa da rudeza de seu leito, o eterno centelhar palpitante das estrellas, de quanto, emfim, nos entretece, na teia viva do coração, fios de indulgencia e de bondade, da indulgencia, bondade e piedade infindas que o Santo dos Santos trouxe á terra em terras da Judeia...

Se algum genio pudesse encerrar tão impalpavel coisa na abafada estreiteza de uma formula seria o de um grande inglez, risor tão potente quanto original do mesmo riso, e esse, não o definiu, pois se não define o que por suas fórmas quasi infindas não quer definição, mas poz-lhe a caracteristica essencial no amor, na piedade, fórma tão suavissima do amor. E disse d'elle estas palavras luzentissimas: «É uma especie de invertida sublimidade; altea, para assim dizer, até nosso affecto o que está para baixo de nós; emquanto a sublimidade

Hosted by Google

desce o que está para cima de nós até nosso affecto.»

Assim ante as fraquezas e ridiculos da inanimada e da animada natureza, se genuino, não tem sentir ruim, indignação, desdem, desprezo, colera. Tudo cobre com sorrir onde ha piedade, tudo envolve em compaixão amiga onde borbulham lagrimas.

Por isso raro ri; sorri e faz sorrir. Mas tal sorrir, pois vem de abysmos taes, é bem mais profundo que desfeito rir. Uma coisa afiança em obra de arte, com o conceito inevitavel, e sempre intenso, do ridiculo, a existencia do genuino *humour*. Se no fundo do rir, ou melhor, do sorrir que em nós disperta, sentirmos «coisa que recorde lagrimas», podemos, sem errar, dizer: é elle!

O facto de só em lingua de extranha região, mais vizinha das friuras mudissimas do polo que das loquazes partes onde, de enamorado, faz o sol maior parada, extranhamente se encontrar o termo que, sem o definir, melhor o exprime, acreditou a falsa convicção de lá tambem se achar o melhor, mais alto, o mais cabal e seguro poeta de tal riso.

Mas insuspeita auctoridade derimiu em ultima instancia o pleito.

Achou Carlyle auctorisada em sua patria a asserção de pertencer a Sterne a gloria de poeta supremo do *humour*. Passara em julgado a sentença: fôra adjudicada a Tristram Shandy a corôa soberana. Reviu o pleito em nome da justiça eterna e

Hosted by Google

de seu genio por egual eterno, e annullou de um rasgo todo o processado.

«É Cervantes, fulminou, o mais genuino de todos os humoristas, tão gracioso e ingenuo, tão cabal e todavia tão ethereo é seu *humour;* comsigo proprio em tão vivaz accordo e com a inteira e nobre natureza d'elle.»[1] São em seu conceito Yorick e Tristram Shandy, o cabo Trim com sua montera, Le Fevre com sua espada e o Tio Toby com seu rocló, irmãos do «Ingenioso Hidalgo»; mas irmãos mais novos e menores, com serem todos immortaes.

Merecida, irrevogabilissima sentença. Jámais verá o mundo a mente e a penna que ousem cancellal-a.

Só a primeira parte d'este grande livro deixa correr sem queixa o dicto de certo rei que vira um dia rir á solta alguem. N'ella, de feito, ainda ri Cervantes e faz rir o rir tradicional, o rir antigo, o rir de todos rido, quando riram: rir sincero, mas duro, ás vezes agudo, mas por isso cru, vindo da alma ás vezes, mas sem alma. Na segunda, ri só com a alma, só com o coração principalmente, o rir espontaneo, demorado e vivo, brotado, é certo, de formal ridiculo, mas nunca despejado em gargalhada, pois o abafa e apaga logo indulgente, compassivo, condoido fremir do coração...

Não ha rir diverso riso dos pasmosos, mas no-

---

[1] *Essay on Jean Paul Friedrich Richter. Miscellanies.* I, p. 15.

Hosted by Google

bres desacertos, dos fatuos, mas honestos devaneios do «Cavalleiro dos leões» em seu perpetuo sonho e enlevamento de direito e justiça sobre a terra, tão semelhavel ao perpetuo enlevamento e sonho do Cherubim de Assis. Não ha rir diverso riso de «Sancho bom, Sancho discreto, Sancho christão, Sancho sincero»,[1] abraçado a seu rocim, a chorar com suas lagrimas, a interrogar o soluçado alternar de seus rebusnos e a entendel-o emfim a poder de carinho e ternura de mais valer que o genio, de Sancho, tão comparavel assim ao incomparavel Santo, que estreitava em carinhoso abraço a natureza inteira e á propria despresivel cinza appellidava docemente irmã.

«A ultima perfeição de nossas faculdades, canta o Schiller, o Poeta, cujo definitivo entrar na immortalidade da gloria a Allemanha está solemnisando agora, consiste em sua actividade, sem deixar de ser segura e séria, se tornar alacridade.»

É tal conceito bem mais profundo que parece. Mas a alacridade celebrada do Poeta não é a alegria malfazeja ou ruidosa, malquerente ou vã, do rir que menos amo; é a sagrada alegria do *humour* que tem abertos os olhos, mas que tem principalmente aberto o coração para o que está, por fraqueza ou por miseria, abaixo do homem; do *humour* havido pela mais caracteristica expressão do genio poetico, pois n'elle se funde alegria e dó,

---

[1] *El ingenioso Hidalgo,* etc. Parte II, cap. XI.

Hosted by Google

riso e lagrimas, cuja agua lustral despe e lava o riso do mal tão tristemente inseparavel d'elle. Por tudo isto, eu sobretudo admiro, por o amar sobre tudo, no auctor do primeiro Quixote, o poeta inimitavel do segundo, a saber, o mais ingenuo e extreme, o mais sentido e vivido, o mais genuino, o Poeta maximo do *humour,* coisa maior e mais rara que o sublime, toque certo e cabal e ultimo do genio.

Gloria a Cervantes por assim ter rido.

*
* *

Em 4 de outubro de 1226 viu-se — assim nol-o reconta santa lenda — e quanta verdade n'estas lendas santas — viu-se «certa estrella de infinito brilho, radiosa como o sol pairando sobre as aguas, transportada de tenue nuvem branda, subir em surto recto ao céo».[1] O meigo o santo fatuo de Assis despedira-se, n'esse dia de outubro inolvidavel, da terra que o mal comprehendera a demandar regiões que o comprehendessem bem...

Em 23 de abril de 1616 — seduz-me imaginal-o — repetiu-se o caso peregrino. Não a mesma por certo, mas parecida estrella, levada, não na mesma sem duvida, mas parecida nuvem, tenue e limpida,

---

[1] *Légende des trois compagnons,* etc. *Traduite pour la première fois du latin, précédée d'une introduction par M. l'abbé Huvelin,* cap. XVII.

Hosted by Google

subiu, senão com a mesma, com parecida graça, ao sobranceiro azul ridente e aberto. Os genios, quando bons, são como os santos. Só nuvens brancas e estrellas rutilantes ousam leval-os á gloria que os espera e os coroa.

23 de abril de 1905.

Hosted by Google

DISCURSO

DEL

EXC.mo SEÑOR CONDE DE LA VIÑAZA

MINISTRO DE ESPAÑA

Socio correspondiente

SEÑOR:
SEÑORA:

Ruego á V. M. que me conceda su venia para usar de la palabra en esta solemne sesion que la Real Academia de Ciencias de Lisboa dedica al Príncipe de los ingenios españoles con motivo del tercer centenario de la publicacion de su *Don Quijote de la Mancha,* obra inmortal de la literatura castellana, que atravesando las fronteras, inmediatamente despues que apareció su primera edicion, llegó á lograr, con la eficacia de su propia virtualidad, una voga y estimacion que el transcurso de los años se ha ido acrecentando, cual sucede siempre con las sublimes creaciones de la belleza y del arte.

Cervantes, como Homero en Grecia, Virgilio y Horacio en Roma, Dante en Italia, y Camoes en

Hosted by Google

Portugal, son genios excepcionales que no solamente glorifican sus respectivos pueblos, ni se limitan á enaltecer la raza latina á que pertenecen, sino que corresponden al dominio universal, porque en sus obras, a parte de la pureza y elegancia de la forma, late é irradia un sentido humano que mueve los mas hondos afectos del alma é interviene por modo directo é importantisimo en las ideas y en la historia.

No hay, sin embargo, en el *Quijote* doctrina, ni profundidades ocultas. Ha podido dar ocasion á variados y abundantisimos comentarios é interpretaciones, segun lo acreditan los innumerables estudios que han aparecido en los cien años últimos, entre los cuales la agudeza ó el capricho gobiernan frecuentemente la pluma; pero la claridad de sus ideas, sus nobles y elevados pensamientos y sus profundas observaciones del corazon humano, la sabiduría de sus sentencias y la moral sana y agradable que resplandece en todas sus páginas no admiten interpretacion ninguna, y su comentario está en la propria novela que retrata el alma de su raza y la humanidad del modo mas perfecto que haya podido hacerse, con sus vicios y virtudes y, sobre todo, con su afan inquieto y su constante aspiracion á la grandeza, al poder, y á la gloria.

De donde resulta que por esto, y por su belleza formal e intrinseca, y no porque sirviese para «poner en aborrecimiento de los hombres las fingidas y disparatadas historias de los libros de caballe-

Hosted by Google

ria»,—siquiera fuese en cierto modo el propio *Don Quijote* el último de la serie, ya definitivo y perfecto,—es por lo que han sido Cervantes y su obra ensalzados, antes que en España, con extraordinarios elogios en todas las naciones de Europa, singularmente en Inglaterra y Francia desde las fechas en que, con razón, se consideraba á estos pueblos al frente de la civilizacion del mundo.

Corresponde, pues, y corresponderá siempre el *Quijote* al patrimonio intelectual del genero humano. Asi es que no sorprende que se conozcan hasta el dia mas de 650 ediciones, de las cuales se han hecho mas de 212 en castellano, siendo de notar que las ciudades en que mayor número de veces se ha impreso han sido las de Paris y Londres con 146 y 106 respectivamente, siguiendo luego Madrid con 78, Barcelona con 43, Leipsig con 18 y Amsterdam y San Petersburgo con catorce cada una de ellas.

A Lisboa pertenece el privilegio de haber salido de las oficinas de Jorge Rodriguez y Pedro Crasbeeck la segunda y tercera edicion del *Quijote,* en el mismo año de 1605, y mas tarde, en 1617, de la del primero de los citados tipógrafos, la cuarta edicion de la segunda parte del *Ingenioso Hidalgo.* Tambien aqui apareció en 1590, la segunda de la *Galatea* que se dice ser reflejo de una pasion amorosa que cierta dama portuguesa inspiró á Cervantes durante su permanencia en Lisboa por los años de 1581. Fué reimpresa en 1618, habien-

Hosted by Google

dose publicado un año antes asi mismo en esta ciudad las *Novelas ejemplares,* y los *Trabajos de Persiles y Segismunda.*

No han faltado tampoco traducciones portuguesas, muy notables del *Quijote:* tres anónimas en 1794 (Lisboa, 6 tomos en 8.º), 1830 (Paris, 8 tomos en 12.º) y 1853 (Lisboa); la del Vizconde de Benalcanfor con dibujos de Manuel de Macedo (Lisboa, 1877, dos tomos, 4.º mayor) y la de los Vizcondes de Castilho y de Acevedo ilustrada por el lapiz de Gustavo Doré y por la pluma del Señor Pinheiro Chagas, que firma un erudito é importante prefacio y que es una suntuosa edicion que honra altamente á las prensas portuguesas (Porto, 1876, dos tomos en folio mayor).

Ni por último ha dejado de haber quienes, al escribir en lengua portuguesa, se inspirasen en la fábula de Cervantes, como el brasileño Antonio José de Silva, establecido en Lisboa en el siglo XVIII, autor de una comedia intitulada *Don Quixote é Sancho Panza,* que fué representada en el *teatro do Bairro Alto* de esta Corte; eminente é infortunado ingenio que murió en la plaza del Rocio condenado por la Inquisicion á la hoguera, acusado de judaizante *convicto, negativo* y *relapso* y cuyo proceso original tal vez se encuentre en la *Torre do Tombo.*

Por lo dicho se advierten las relaciones entre Portugal y Cervantes en cuanto aqui se ha prestado atencion á sus obras; pero no fueron menos

Hosted by Google

importantes las referencias y elogios que de las personas y cosas portuguesas salieron de la pluma del gran escritor.

Cervantes ha dejado consignados, en efecto, lo mismo en el *Quijote* que en sus demás obras, muchos juicios é impresiones en que resplandece su entusiasmo por este Reino. En el *Quijote* habla de las ilustres familias de los Alencastros, Pallas y Meneses; ensalza el valor y la honrosa fama portuguesa, cuando trata del combate del Señor de Charny; menciona al *excelentisimo* Camões; llama dulce y apacible al idioma lusitano en el *Persiles;* y hace alusiones á ciudades, costumbres, sentimientos y grandezas de Portugal en *La Española en inglesa, El Licenciado Vidriera, La Puresa de la sangre, El celoso extremeño, El coloquio de los perros y La tia Finjida.*

A Benito Caldera, insigne portugués, primer traductor de *Los Lusiadas* en castellano, le dedica en el *Canto de Caliope* (libro VI de *La Galatea),* esta octava:

Tu que de luso el singular tesoro
Trujiste en nueva fuerma á la ribera
Del fertil rio, á quien el lecho de oro
Tan famoso le hace a donde quiera;
Con el debido aplauso y el decoro
Debido á ti, Benito de Caldera,
I á tu ingenio sin par prometo honrarte,
I de lauro y de yedra coronarte;

y en el *Viaje del Parnaso* (canto VII) exclama:

De la alta cumbre del famoso Pindo
Bajaran tres bisarros lusitanos,

Hosted by Google

A quien mis alabanzas todas rindo.
Con prestos pies y con valientes manos
Con Fernando Correa de la Cerda,
Pisó Rodriguez Lobo monte y llanos
I porque Febo su razón no pierda,
El grande Don Antonio de Ataide
Llegó con furia alborotada y cuerda.

En un Sousa Coutinho y en un Vasconcellos personifica el amor y la discrecion, la bizarria y el ingenio; y en el comienzo del libro III de los *Trabajos de Persiles y Segismunda,* describe la ciudad de Lisboa que tambien llama famosa en el prólogo del *Quijote,* con las siguientes palabras que serviran de término á las mias:

«Aqui (dice Cervantes) el amor y la honestidad se dan las manos y se pasean juntos; la cortesia no deja que se le llegue la arrogancia, y la braveza no consiente que se le acerque la cobardía: todos sus moradores son agradables, son corteses, son liberales, y son enamorados, porque son discretos: la ciudad es la mayor de Europa y la de mayores tratos; en ella se descargan las riquezas del Oriente y desde ella se reparten por el Universo; su puerto es capaz no solo de naves que se puedan reducir á número, sino de selvas movibles de árboles que los de las naves forman; la hermosura de las mujeres admira y enamora y la bizarria de los hombres pasma; finalmente esta es la tierra que al cielo santo y copiosisimo tributo.»

Hosted by Google

SEÑOR:

Los magníficos discursos pronunciados por los Señores Virgilio Machado, Teixeira de Queiroz, Consiglieri Pedroso, Christovam Ayres, Lopes de Mendonça y Sousa Monteiro, estudiando brillantemente la obra inmortal de Cervantes, ya con relacion á la filosofía, y á las literaturas extranjeras, ya en su propia significacion y caracter, ya en la influencia que ejerció en el desarrollo histórico de la novela española, son testimonio elocuente del saber crítico de las modernas letras portuguesas, prueba inestimable de la atencion que dedican al movimiento intelectual contemporaneo y manifestacion espontanea y fecunda de los sentimientos de estimacion que les inspiran las glorias literarias de mi patria.

Vuestra Majestad que, como es notorio en Portugal y en las demás naciones, une á su extensa y varia cultura un depurado talento artistico, ha querido asociarse de igual suerte que S. M. la Reina Doña Amelia, S. A. R. el Infante Don Alfonso y el Gobierno, á este homenage, dignándose presidir la solemne sesión que la Academia celebra hoy en honra de un español ilustre; y el Ministro del Rey de España, que á la vez acaba de recibir inmerecidamente, pero con intima gratitud, la preciada merced de que su nombre se inscribiera en la lista

Hosted by Google

Hosted by Google